

CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FEI

AUGUSTO ROQUE

**DESENVOLVIMENTO COMO LIBERDADE: uma aplicação dos
conceitos de Amartya Sen à educação de adultos**

São Paulo
2009

AUGUSTO ROQUE

DESENVOLVIMENTO COMO LIBERDADE: uma aplicação dos conceitos de
Amartya Sen à educação de adultos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Centro
Universitário da FEI para obtenção do título de
Mestre em Administração de Empresas, orientado
pelo Prof. Dr. André Ofenhejm Mascarenhas

São Paulo
2009

Augusto Roque

Desenvolvimento como liberdade: Uma aplicação dos conceitos de Amartya Sen à educação
de adultos

Dissertação de Mestrado - Centro Universitário da FEI

Banca Examinadora

Prof. Dr. André Ofenhejm Mascarenhas
Centro Universitário da FEI
Orientador

Prof. Dr. Charles Kirschbaum
Centro Universitário da FEI

Prof. Dr. Flávio Vasconcellos Comim
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

São Paulo, 29 de Janeiro de 2009

AGRADECIMENTOS

Ao meus pais, Augusto Roque Neto e Mariza Giosa Roque, pelo carinho, apoio, compreensão e incentivo em todos os momentos desta jornada.

Aos meus irmãos, André Ricardo Roque e Fábio Eduardo Roque, pelo grande incentivo, ajuda nas pesquisas e no apoio tecnológico e moral.

À minha avó, Olivia Linhares, por compreender a ausência e incentivar constantemente a busca deste objetivo.

Ao Prof. Dr. André O. Mascarenhas, orientador, amigo e interlocutor, por ter auxiliado e indicado a melhor forma para a construção desta dissertação de mestrado bem como auxiliado no início de minha vida acadêmica.

Aos Profs. Charles Kirschbaum, Isabella Vasconcelos e Edmilson Moraes em nome dos demais professores do programa, pelos ensinamentos durante o curso de mestrado.

Aos amigos Suzana Fritelli e Antonio Carlos, pelos conselhos, pela amizade fraterna e pelo contínuo incentivo às pesquisas.

Ao grande amigo José Aparecido Soares, pelos momentos de desabafo, descontração e apoio nesta dura jornada.

Ao amigo William Pontual, pelos momentos musicais que tanto inspiraram a conclusão deste trabalho.

A todos os colegas do Mestrado da FEI, pelos grandes momentos que vivenciamos juntos.

Ao Lívio Giosa e todos da G,^{LM}, pelo auxílio e pela compreensão da dimensão de tal desafio.

Aos amigos Marcelo Sartori, Fernando Moraes, Henrique Rossi, João Carlos Ferraz, Juliana Cacioli Ferraz, José Cristobal e Márcio Garcia por compreenderem a necessidade de uma ausência e incentivarem constantemente a busca deste objetivo.

À Madelene Marinho, bibliotecária, que dedicou muito de seu tempo para auxílio e colaboração deste trabalho.

Às bibliotecárias e funcionários da FEI, pelo constante apoio.

À GGGOO, companheiros de aventuras automobilísticas, loucos, porém amigos que, com paixão e conhecimento pela velocidade, especialmente F-1, ajudaram a desanuviar as leituras com divertidas conversas sobre corridas.

À Carolina Nicolini, querida amiga, pelos momentos de descontração, incentivo, companheirismo e ajuda durante esta longa jornada.

À Flávia Ramalho, Auto Viação ABC, Centro Social Paroquial de São Geraldo das Perdizes e Tatiane Claudia Rodrigues da Mota pelo apoio às pesquisas.

À Consuelo Zurlo e Luciano Aurélio Nepomuceno da Silva pelo apoio na transcrição das entrevistas.

“Many times I’ve been alone
And many times I’ve cried
Anyway you’ll never know
The many ways I’ve tried
But still they lead me back
To the long winding road”
(Lennon/ McCartney)

RESUMO

Desenvolver uma sociedade significa transformá-la. Com base em críticas a modelos prescritivos tradicionais de desenvolvimento que subestimavam sua dimensão humana Amartya Sen, em *Desenvolvimento como Liberdade* (2000), discute o desenvolvimento integrando os aspectos econômicos, sociais e políticos. De acordo com os conceitos de Sen, o desenvolvimento é um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas possuem, ou seja, das capacidades que os seres humanos adquirem para viver uma vida apropriada, com bem-estar. Com base neste quadro, o presente trabalho buscou analisar como as pessoas que participam de um processo de educação de adultos vivenciam este processo de desenvolvimento, analisando, através de entrevistas em profundidade a história de vida destas pessoas, os quatro pilares do desenvolvimento propostos por Sen (2000): funcionamentos, capacidades, liberdade e desenvolvimento. Estes pilares, que se constituíram nas unidades de análise, foram ponderados um a um, chegando-se a conclusão de que os estudos transformam as pessoas, alargando seus horizontes, gerando assim, seu desenvolvimento humano. A presente conclusão possibilita que sejam desenvolvidos estudos futuros em diferentes áreas da administração, tais como Recursos Humanos, por meio de educação corporativa, bem como em Responsabilidade Social.

Palavras-chaves: Desenvolvimento como Liberdade. Educação de adultos. Amartya Sen.

ABSTRACT

To develop a society means to transform it. Based on criticism of traditional prescriptive models of development that understated its human dimension, Amartya Sen, on Development as Freedom (2000), discusses the development integrating the economic, social and political aspects. According to the concepts of Sen, the development is a process of expanding the real freedoms that people have, it means, of the capabilities that humans acquire to live an appropriate life with well-being. Based on this framework, this study aimed to analyze how the people who participate of a process of adult education experience this development process, examining through depth interviews on the history of life of these people, the four pillars of development proposed by Sen (2000): functionings, capabilities, freedom and development. These pillars that formed the analyze units, were weighted one by one, reaching the conclusion that the studies modify the people, enhancing their horizons, generating human development. The actual conclusion enables future studies are developed in different areas of administration as Human Resources, through corporative education as well as Social Responsibility.

Key-Words: Development as Freedom. Adult Education. Amartya Sen.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	PROBLEMA DE PESQUISA.....	13
2.1	Pergunta de Pesquisa.....	14
2.2	Justificativa.....	14
3	DESENVOLVIMENTO.....	16
4	O DESENVOLVIMENTO SEGUNDO AMARTYA SEN.....	25
5	O DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO SEGUNDO OS CONCEITOS PROPOSTOS POR AMARTYA SEN.....	43
6	OBJETO DE PESQUISA.....	48
6.1	Justificativa do objeto.....	49
7	METODOLOGIA.....	51
7.1	Pergunta de pesquisa.....	56
7.2	Perguntas secundárias de pesquisa.....	56
7.3	Caracterização dos entrevistados.....	57
8	ANÁLISE DOS DADOS.....	59
9	CONCLUSÃO.....	69
9.1	Limitações da pesquisa.....	72
9.2	Sugestão de estudos posteriores.....	73
	REFERÊNCIAS.....	75
	APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semi-estruturado.....	83
	APÊNDICE B – Entrevistas	85

1 INTRODUÇÃO

Desenvolver uma sociedade significa transformá-la. Segundo Stiglitz (1998, p. 3), trata-se de um movimento ao longo do qual assumem novos formatos os relacionamentos sociais, as visões de mundo, os modos de produção, os valores relacionados à saúde e à educação, entre muitas outras dimensões da vida dos indivíduos. Por exemplo, transforma-se uma característica de sociedades tradicionais, nas quais os indivíduos aceitam o mundo como este lhes aparece, ao reconhecerem que lhes é possível agir em direção a uma existência mais plena e pró-ativa, em que as pessoas têm mais controle sobre seu próprio destino. O desenvolvimento alarga os horizontes de um indivíduo e reduz seu senso de isolamento. Neste sentido, a transformação de uma sociedade não é um fim em si mesmo, mas um meio de se ampliar as oportunidades reais dos indivíduos desenvolverem suas potencialidades.

Se a definição de desenvolvimento proposta por Stiglitz (1998) põe em destaque a transformação abrangente de uma sociedade, nem sempre o conceito foi entendido e operacionalizado desta maneira. De fato, desde a década de 1990, vivenciamos redefinições importantes nos debates e nas agendas práticas dos atores envolvidos com a promoção do desenvolvimento sócio-econômico dos povos. No âmbito do debate teórico, caracterizado historicamente pela influência do pensamento econômico convencional, as perspectivas mais modernas passaram a assimilar contribuições de ciências sociais como a sociologia e a ciências política. No que diz respeito à agenda prática das sociedades, percebeu-se recentemente a necessidade de questionarmos e redefinirmos os objetivos e as responsabilidades inerentes às estratégias tradicionais de desenvolvimento, que sempre assumiram a forma de receituários econômicos propostos e implementados pelo Estado. Estes receituários continham as macro-políticas supostamente capazes de promover o crescimento econômico e, conseqüentemente, a melhoria dos níveis de renda e da qualidade de vida da população.

Uma abordagem adequada do desenvolvimento não pode realmente concentrar-se tanto apenas nos detentores do poder. É preciso mais abrangência, e a necessidade da participação popular não é uma idéia farisaica. A idéia do desenvolvimento não pode, com efeito, ser dissociada dessa participação.

A questão principal tratada em Desenvolvimento como Liberdade (SEN, 2000) diz respeito às relações entre nossa riqueza e atividades econômicas e nossa habilidade e liberdade para vivermos da maneira como desejamos. Para Sen (2000), o desenvolvimento deveria

ser entendido como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas possuem. O foco do autor recai sobre as *capacidades* do ser humano, vistas como liberdades a serem enfatizadas como desenvolvimento. A liberdade deve ser entendida de uma maneira ampla, o que incorpora o reconhecimento da heterogeneidade de seus componentes, e é não somente parte constitutiva do desenvolvimento, mas também um instrumento para se chegar a este fim. Assim, a liberdade não é apenas o fim último da vida econômica, mas também a maneira mais eficaz de se viabilizar o bem-estar geral. A noção de liberdade de Amartya Sen incorpora dimensões que se inter-relacionam, como a liberdade política, as facilidades econômicas, as oportunidades sociais, a transparência e a segurança. A efetividade instrumental da liberdade diz respeito ao fato de que gozar a liberdade em uma de suas dimensões pode contribuir significativamente à conquista de liberdade em outras de suas dimensões. Aos indivíduos, as suas capacidades permitem-lhes que vivam vidas nas quais fazem o que escolhem e valorizam – trata-se de liberdade de escolha. Para o autor, o desenvolvimento seria o enriquecimento da vida humana por meio da expansão das capacidades dos indivíduos; ter a liberdade para escolher entre formas diferentes de se pensar ou ser capaz de escolher como você quer viver.

Para consecução do presente trabalho, foi utilizada metodologia qualitativa que, segundo Filstead (1970), permite ao pesquisador estar próximo dos dados, desenvolvendo, de uma ou outra forma, os componentes analíticos, conceituais e categóricos da explicação a partir dos próprios dados; através de uma pesquisa exploratória, que buscam dar uma primeira visão aprofundada sobre determinado fenômeno, quando a construção de hipóteses objetivas não é possível devido ao desconhecimento das particularidades deste fenômeno. Realizada através de entrevistas em profundidade, que consiste em investigar o ponto de vista e as experiências de indivíduos, os dados coletados refletem impressões, sentimentos, racionalizações e explicações das pessoas à problemática em um nível que pode chegar a ser considerado profundo. Investigar com base em entrevistas implica identificar unidades de análise, selecionar indivíduos a serem entrevistados, analisar as entrevistas de forma a lançar luzes sobre uma problemática.

Desta forma, o objeto desta pesquisa é o processo de educação de adultos como forma de desenvolvimento humano analisado com pessoas participantes de diversos cursos de alfabetização. A seleção da amostra não foi probabilística e sim intencional uma vez que o presente trabalho não buscou generalizar os fenômenos investigados, mais sim, entendê-los segundo os conceitos propostos por Amartya Sen (2000). Assim, como resultado, podemos avaliar que o processo de educação de adultos gera, sim, desenvolvimento, uma vez que acarretou em transformações na vida das pessoas entrevistadas, expandindo seus horizontes, garantindo-

lhes capacidades básicas para uma vida melhor e mais justa, além de ser importante para a pessoa conviver em um estado democrático, participando ativamente da sociedade, seja em atividades sociais como em atividades produtivas. Portanto, o presente trabalho não busca esgotar a discussão sobre este tema, mas sim fomentar a sua discussão, através de novas pesquisas tanto sob o aspecto pessoal, quanto pela identificação de capacidades adquiridas por profissionais através do processo de Educação Corporativa e também por meio da Responsabilidade Social desenvolvida pelas empresas.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

Amartya Sen (2000) procurou apresentar, analisar e defender uma abordagem específica do desenvolvimento, visto como um processo de expansão das liberdades substantivas das pessoas. Também são discutidas as implicações dessa abordagem para a análise das políticas e para a compreensão das relações econômicas, políticas e sociais gerais. Uma variedade de instituições sociais – ligadas à operação de mercados, a administração, legislaturas, partidos políticos, organizações não governamentais, poder judiciário, mídia e comunidade em geral – contribui para o processo de desenvolvimento precisamente por meio de seus efeitos sobre o aumento e a sustentação das liberdades individuais. A análise do desenvolvimento requer uma compreensão integrada dos papéis respectiva dessa diferente instituição e sua interação. A formação de valores e a emergência e a evolução da ética social são igualmente partes do processo de desenvolvimento que demandam atenção, junto ao funcionamento dos mercados e outras instituições. A liberdade não pode produzir uma visão do desenvolvimento que se traduza prontamente em alguma “fórmula” simples de acumulação de capital, abertura de mercados, planejamento econômico eficiente (embora cada uma dessas características específicas se insira no quadro mais amplo). O princípio organizador que monta todas as peças em um todo integrado é a abrangente preocupação com o processo do aumento das liberdades individuais e o comprometimento social de ajudar para que isso se concretize. Essa unidade é importante, mas ao mesmo tempo não podemos perder de vista o fato de que a liberdade é um conceito inerentemente multiforme, que envolve considerações sobre processos e oportunidades substantivas.

Aqui está uma oportunidade para refletir a questão dentro da ótica de Paulo Freire (1971). Na sua perspectiva, o que define a educação popular “não é a idade dos educandos mas a opção política, a prática política entendida e assumida na prática educativa”. Desta posição podemos deduzir que é indispensável perguntar a quem serve a educação para identificar se ela é popular ou não. Pode-se fazer educação de adultos que nada tenha a ver com a educação popular (o que tem acontecido na maior parte dos esforços desenvolvidos pelos governos quando se decidem a educar adultos). Pode-se praticar educação popular em um trabalho com a pré-escola. O importante é não restringir a Educação Popular aos seus aspectos etários, mas perceber que ela é consequência de um posicionamento frente à questão dos objetivos da educação. Paulo Freire (1971) reconhece o adulto do meio popular como portador de conhecimento. Tal afirmação que hoje parece óbvia, ao mesmo como proposição, começou a

ser enfatizada por ele. As experiências de educação de adultos realizadas antes de Freire (1971) costumavam retratar a visão geral da época, a visão de que somente o educador possuía conhecimentos. O educando não. Por consequência o papel do educador era o de transmitir este conhecimento ao educando (BARRETO, 1986).

Freire (1971) resgata o valor deste conhecimento do sujeito das classes populares como conhecimento importante. Mais do que isto, enfatiza o fato de que este conhecimento não pode ser ignorado pelo educador sob pena de um total comprometimento dos resultados pretendidos por ele. É a partir do conhecimento do educando que se irão construir os novos conhecimentos, pela ação educativa. Freire (1971) pensava na alfabetização do homem brasileiro, em posição de tomada de consciência.

2.1 Pergunta de Pesquisa

Como processos de educação de adultos geram desenvolvimento, segundo os conceitos de Amartya Sen?

2.2 Justificativa

Além da perspectiva econômica, a palavra desenvolvimento, de acordo com o entendimento de Amartya Sen (2000), deve gerar também a liberdade das pessoas perante a sociedade. As liberdades são entendidas como capacidades que uma pessoa adquire durante a sua vida, que levam a sua transformação social.

Estas informações abrem caminho para um debate teórico sobre as idéias de desenvolvimento e liberdade propostos por Amartya Sen (1992; 1999; 2000). Um dos assuntos pouco explorados por Sen refere-se à questão da educação como forma de obtenção das respectivas liberdades individuais. Desta forma, os conceitos de Sen se intercalam com os conceitos de educação propostos por Paulo Freire (1971) e debatidos também por Walker e Unterhalter (2007) e Nussbaum (2002; 2005).

Assim, um campo novo e pouco explorado academicamente gera uma oportunidade para apresentação do presente trabalho, que busca operacionalizar os conceitos dos autores acima referenciados, através de uma pesquisa de campo em escolas voltada à educação de adultos e identificar, através das histórias de vida de cada um dos alunos entrevistados, como o processo de educação gera o respectivo desenvolvimento.

3 DESENVOLVIMENTO

Em nossa sociedade, a palavra “desenvolvimento” provoca de imediato enorme aceitação. Não há discurso político ou ação governamental que deixe de mobilizar esta aura positiva para animar intervenções, conferindo-lhes orientação e perspectiva de futuro às sociedades. Desde suas origens mais remotas a noção de desenvolvimento vem sendo construída a partir de intenções políticas específicas que buscam lhe atribuir sentidos e justificar práticas, legitimar ações e projetar o futuro. Desenvolver seria fazer evoluir o que foi diagnosticado como imperfeito, inacabado, incivilizado, atrasado ou de algum modo inadequado à visão de progresso hegemônica na sociedade em certo momento. As visões sobre o desenvolvimento tenderam a imaginá-lo como um processo histórico quase inevitável de constante acúmulo e progresso que, uma vez desencadeado, objetiva deixar para trás determinados envoltórios prévios, tradições, costumes, concepções, valores, práticas etc. A realização do desenvolvimento ofereceria outra ordem às realidades sociais, partindo de contextos mais simples e tradicionais, alvos destas ações, até alcançar ordenamentos sociais mais complexos e modernos (GIDDENS, 1991). As concepções modernas sobre o desenvolvimento tiveram origem concomitante ao surgimento da sociologia e da economia (COWEN & SHENTON, 1996). A visão clássica construída sobre o desenvolvimento associava sua ocorrência à contínua evolução econômica de uma sociedade que garantiria seu progresso permanente e auto-impulsionado, compreendido como a gradual superação dos limites impostos pelos diversos tipos de apego a tradições (LATOUCHE, 1988).

No meio do século XX, no período pós-guerra, a noção de desenvolvimento, apropriada pelo projeto político norte-americano de expansão da modernidade capitalista, tornou-se objeto principal da ação estatal brasileira e de organizações internacionais. No âmbito das intervenções tornava-se necessário planejar o desenvolvimento, que se concretizaria em políticas públicas, programas e projetos elaborados para dar sentido e normalizar processos sociais de mudança. No Brasil, os sentidos desta mudança variaram à mercê dos interesses políticos mobilizados em cada contexto histórico, mas foram caracterizados principalmente pela intenção política de expansão da economia e da ideologia industrial capitalista. Os programas estatais surgidos no pós-guerra caracterizavam-se pela desconsideração de quaisquer demandas, necessidades ou especificidades das populações locais. As decisões eram implementadas “de cima para baixo”, sem que as populações locais fossem consultadas ou que a sua participação, na elaboração e implementação, fosse considerada importante ou desejada. O sucesso

da reconstrução da Europa por meio do Plano Marshall teria legitimado a idéia de que um aparato estatal forte e ativo poderia, por meio de suas ações, enfrentar os problemas do desenvolvimento na África, Ásia e América do Sul. É neste sentido que desenvolvimento e modernização capitalista tornar-se-iam par perfeito no Brasil, os fundamentos teóricos orientadores da mudança social planejada e implementada pelo Estado para o estabelecimento de uma ordem econômica moderna (ESTEVA, 2000).

Nesta perspectiva, o planejamento garantiria a previsibilidade e o controle da trajetória de mudança comum que a sociedade deveria percorrer para superar seu, assim-diagnosticado, atraso em relação aos valores universais de civilização economicamente desenvolvida. Quando direcionada às políticas nacionais, esta percepção sobre o desenvolvimento pressupunha (e ao mesmo tempo legitimava e fixava) “os” parâmetros de convergência ou o estado final do desenvolvimento. As pesquisas históricas e comparativas, por sua vez, cumpriram papel fundamental para a determinação destes parâmetros. Na prática, os países em desenvolvimento deveriam trilhar os mesmos rumos daqueles que passaram por processos considerados bem sucedidos. Não importavam, nesta concepção, as especificidades históricas da enorme diversidade de comunidades, povos ou nações. Ao contrário, as realidades eram tornadas objeto das intervenções e deveriam adaptar-se aos requisitos dos projetos de modo a possibilitar sua aproximação ao parâmetro de convergência preestabelecido. Assim, a diversidade, associada ao atraso, é compreendida como um empecilho, relacionada a diferentes estágios de desenvolvimento atingidos pelas sociedades. As mais primitivas ou atrasadas são aquelas que se encontram em estágios iniciais de desenvolvimento. As mais adiantadas ou modernas ofereciam o modelo de futuro, o parâmetro de convergência a ser atingido após as mudanças sociais implementadas. Nesta formulação revela-se o caráter etnocêntrico das idéias de progresso e desenvolvimento (STOMPKA, 1998).

O desenvolvimento, nesta perspectiva convencional, tinha uma orientação muito clara: crescimento econômico, principalmente o do setor industrial. O nível de desenvolvimento de um país seria aferido pelo tamanho de sua economia ou pela sua capacidade de produzir. O Produto Interno Bruto (PIB) era o índice que distinguia os países desenvolvidos dos países subdesenvolvidos. A ênfase no crescimento econômico pressupunha que, uma vez alcançado, o desenvolvimento de todas as demais potencialidades sociais até então latentes aconteceria conseqüentemente. Segundo Kliksberg (1998, p. 21), trata-se do “modelo do derrame”, ou a hipótese fundamentada na própria teoria econômica geral segundo a qual sacrifícios em torno de metas macro-econômicas viabilizariam progresso econômico que se “derramaria” por efeito de propagação ao conjunto da população, arrancando as camadas mais pobres de sua situa-

ção (MALUF, 2000). Esta ênfase nos resultados macroeconômicos colocava em um plano secundário outros objetivos. Para Santos & Rodríguez (2002, p. 46), houve, historicamente, uma marginalização de objetivos sociais, econômicos e políticos. Estes objetivos incluiriam a participação mais bem qualificada das populações atingidas pelos programas, uma preocupação com a “distribuição eqüitativa dos frutos do desenvolvimento e a preservação do meio ambiente”.

Para que fossem bem sucedidos, os processos de promoção do desenvolvimento não poderiam ser dissociados da necessidade ou da existência de algum tipo de tutela que garantisse sua direção e sua gestão. As potencialidades para o desenvolvimento poderiam ser compreendidas como perduráveis às sociedades, as habilidades e o controle para condução dos processos, nem sempre. Estas ações deveriam ocorrer, normalmente, sob controle, supervisão ou coordenação de um agente externo, aquele que garantiria o suprimento de capital, de diversos tipos, à consecução do progresso desejado. O sistema de entidades da Organização das Nações Unidas (ONU), associadas ao Banco Mundial e ao Fundo Monetário Internacional, comporia o quadro institucional por meio do qual se operacionalizariam programas de ajuda, apoio e cooperação, possibilitando recursos à implementação de ações e à criação de infraestrutura para atuação de Estados nacionais, que passaram a agir para realizar projetos de promoção do desenvolvimento. Com base nas recomendações de especialistas externos, o Estado seria o principal promotor do desenvolvimento, tanto dos processos de elaboração e gestão das políticas públicas quanto da execução, em diversos níveis, das intervenções e projetos. É por meio desta institucionalidade que se afirma mundialmente concepções de desenvolvimento que se tornam influentes e dominantes, orientando mudanças sociais, de alcances variados, em diversos países.

Segundo esta perspectiva convencional houve, no caso da América Latina, ao menos duas grandes correntes teóricas que buscaram explicar as causas do subdesenvolvimento e da pobreza e, a partir deste diagnóstico, elaborar recomendações para a promoção do desenvolvimento (ESCOBAR, 1994). A primeira era composta por economistas da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), órgão regional da ONU, denominada escola estruturalista, à qual se alinhavam os economistas Raúl Prebisch e Celso Furtado. Na visão dos estruturalistas, dever-se-ia transformar o modo de inserção dos países subdesenvolvidos na economia mundial, até então fornecedores de matérias-primas baratas para as economias avançadas e importadores de bens de consumo e tecnologias. A outra corrente é denominada “paradigma da expansão do núcleo do capitalismo dinâmico” e tem como principal influência os trabalhos de William Lewis e Walt Rostow. Segundo estes economistas, dever-se-ia transformar a eco-

nomia tradicional, suas instituições obsoletas que lhes davam suporte, incentivando uma economia capitalista mais dinâmica cuja base seria o trabalho assalariado, e na qual se enfatizasse a classe empresarial, que deveria acumular capital, poupar e investir na produção. A concentração de renda na classe empresarial possibilitaria a manutenção de taxas elevadas de crescimento econômico.

Estas duas perspectivas conformaram um conjunto de recomendações amplamente difundido sobre o modo de promoção do desenvolvimento econômico dos países pobres. Seu prognóstico otimista a respeito do desenvolvimento e o amplo apoio da cooperação internacional às iniciativas motivadas por estes modelos de análise fizeram parte de um contexto mundial dominado pela idéia de reconstrução do cenário pós-guerra. Esta conjuntura contribuiu para disseminar a crença de que os entraves ao desenvolvimento poderiam ser vencidos com a expansão da sociedade industrial capitalista, com a ajuda internacional e com o investimento para a modernização tecnológica dos países pobres via industrialização. Nesta perspectiva, a promoção do desenvolvimento seria um problema técnico e administrativo, principalmente referido a questões econômicas, demandando, pois, soluções técnicas e econômicas que faziam das especificidades locais meros objetos de intervenção para fins da promoção da mudança social (STIGLITZ, 1998; AMMAN, 1991). Findo o período de austeridade vivido durante a guerra, as imagens da modernização, do desenvolvimento e da prosperidade tornaram-se ideologicamente imbatíveis naquela época.

No entanto, estas abordagens e suas práticas decorrentes seriam questionadas ainda nos anos 1960, quando se começou a delinear concepções alternativas e críticas à ênfase no crescimento econômico (SANTOS & RODRÍGUEZ, 2002). Estes debates representavam desdobramentos de um movimento que vinha ganhando adeptos e força desde o início daquela década, colocando em pauta os riscos da deterioração ambiental gerados pelo crescimento econômico dos países industrializados (BRÜSEKE, 1995). O movimento ambientalista, ainda incipiente, tomava forma a partir de estudos de cientistas naturais, principalmente norte-americanos. Vários estudos notáveis já preconizavam a necessidade de mudanças nos padrões de desenvolvimento das sociedades industrializadas. Opostos à idéia do crescimento econômico ilimitado, estes estudos denunciavam as conseqüências ambientais da industrialização em larga escala, trazendo à cena pública a necessidade de alternativas que, embora limitadas pelo uso racional dos recursos naturais, não abandonassem a idéia de progresso material dos países pobres. As novas percepções também traziam à cena o desencanto com os resultados da promoção do crescimento econômico e com a própria concretização da idéia de modernidade. As estratégias centradas no crescimento econômico seriam questionadas em sua capacidade

real para promover melhorias nas condições de vida das populações. De fato, o principal legado dos esforços em prol do desenvolvimento desde a Segunda Guerra Mundial havia sido as enormes desigualdades entre países (e dentro dos próprios países), de modo que temas com a fome, a pobreza, a injustiça social e a degradação ambiental permaneciam como mazelas (CHESNAIS, 1996).

Os economistas às vezes são citados por concentrar-se muito na eficiência e pouco na equidade. Talvez haja razão para essa censura, mas também é preciso observar que a desigualdade tem recebido a atenção dos economistas ao longo de toda a história da disciplina. Adam Smith (1983), com frequência visto como “o pai da economia moderna”, demonstrou profunda preocupação com o abismo entre ricos e pobres. Alguns dos cientistas sociais e filósofos responsáveis por fazer da desigualdade um tema tão central da atenção pública foram, por seu envolvimento, economistas devotados, independentemente do que mais eles tenham sido. Em anos recentes, a economia da desigualdade com ótica tem prosperado. Não se está negando, com isso, que o enfoque da eficiência excluindo outras considerações seja bastante evidente em alguns trabalhos da área de economia, mas os economistas como um grupo não podem ser acusados de negligenciar a desigualdade como objeto de estudo (SMITH, 1983; MARX, 2002).

Segundo Sen (2001) se há motivo de queixa, ele reside sobretudo na importância relativa que se atribui, em boa parte dos trabalhos de economistas, à desigualdade em uma esfera muito restrita, a esfera da *desigualdade de renda*. Essa limitação tem o efeito de contribuir para que se negligenciem outros modos de ver a desigualdade e a equidade, modos que influenciam de maneira muito mais abrangente a elaboração das políticas econômicas. Os debates sobre políticas realmente têm sido distorcidos pela ênfase excessiva dada à pobreza e à desigualdade medidas pela renda, em detrimento das privações relacionadas a outras variáveis como desemprego, doença, baixo nível de instrução e exclusão social. Lamentavelmente, a identificação de desigualdade econômica com desigualdade de renda é muito comum em economia, e as duas muitas vezes são efetivamente consideradas a mesma coisa. No entanto, a distinção entre desigualdade de renda e desigualdade econômica é importante. Muitas críticas ao igualitarismo econômico como um valor ou um objetivo aplicam-se bem mais facilmente ao limitado conceito de desigualdade de renda do que às concepções mais amplas de desigualdades econômicas.

Um problema importante e frequentemente encontrado surge da concentração da discussão na desigualdade de *rendas* como o foco primário de atenção na análise da desigualdade. A extensão da desigualdade real de oportunidades com que as pessoas se defrontam não

pode ser prontamente deduzida da magnitude da desigualdade de *rendas*, pois o que podemos ou não fazer, podemos ou não realizar, não depende somente de nossas rendas, mas também da variedade de características físicas e sociais que afetam nossas vidas e fazem de nós o que somos. Considere-se a abordagem da construção de “índices de desigualdade” baseada na perda social de renda equivalente, feita pioneiramente por Atkinson (1970). Esta abordagem tem sido, de muitas maneiras, notavelmente influente e produtiva na *integração* de considerações de desigualdade de renda com a avaliação global do bem-estar social. (BLACKBORBY & DONALDSON, 1978, 1984; FOSTER 1985; ATKINSON, 1983). A extensão da desigualdade é avaliada nesta abordagem usando-se a mesma função de resposta $u(y)$ para *todos* os indivíduos, definida para rendas pessoais (ATKINSON, 1983). Esta estratégia de medição da desigualdade incorpora, desta forma, o traço restritivo de tratar as rendas de todas as pessoas simetricamente, não importante quais dificuldades algumas pessoas têm, em comparação com outras, para converter a renda em bem-estar e liberdade (MIRRELEES, 1971).

Neste debate, economistas não aceitavam a retórica da iniquidade na distribuição de renda como um traço intrínseco ao desenvolvimento. A prosperidade material das nações, avaliada pelo incremento nos índices de renda *per capita*, deixaria de ser uma medida única à aferição do desenvolvimento. A idéia do desenvolvimento e o modo convencional de promovê-lo foram postos em questão. Suas intenções pertenciam, cada vez mais, ao campo da retórica política internacional. Aos que declaravam a falência das boas intenções, restavam à busca e a construção de outros modos para promoção do desenvolvimento.

Este amplo processo de revisão das idéias sobre o desenvolvimento ocorreu em um contexto histórico mundial também marcado por profundas transformações sociais. Stiglitz (1998) argumenta que foram três os principais eventos definidores das mudanças nas estratégias de desenvolvimento desde a década de 80: o colapso das economias socialistas/comunistas e o fim da Guerra Fria, os limites e resultados das políticas públicas inspiradas no Consenso de Washington e o milagre e crise econômica do leste asiático. Com o fim da Guerra Fria parecia que o debate ideológico chegava ao fim, o mercado assumia o centro da economia e o Estado deveria ter um papel mais regulador e menos empreendedor. No entanto, aqueles países que seguiram as recomendações do Consenso de Washington compreendiam que o desenvolvimento necessitava não só de um Estado forte, mas também de uma infraestrutura institucional bem fundada, baseada no incentivo às instituições democráticas participativas, sem a qual a obtenção de lucros poderia ser limitada pela ausência de provisão de serviços sociais. O milagre econômico do leste asiático sugeriu o forte papel a ser exercido pelo Estado como regulador da economia, promovendo o crescimento econômico, mas tam-

bém reduzindo a pobreza com pesados investimentos em educação e tecnologia.

Estes debates traziam desafios às estratégias convencionais. Como enfoque normativo, o desenvolvimento havia se tornado um conceito pouco referido a situações concretas e apropriado por aspirações políticas diversas. As vozes dissidentes e críticas pediam por redefinições, redirecionamentos e adequações dos objetivos e métodos diante do diagnóstico da falência das ações até então empreendidas. Os resultados contestáveis dos ideais de progresso aplicados às políticas desenvolvimentistas indicaram a necessidade de se reconhecer outros valores, implicando o declínio da força normativa da idéia de história universal. Deste modo, neste novo contexto, a concepção de modelos de desenvolvimento como processos cujas propriedades seriam transferíveis das sociedades desenvolvidas àquelas não-desenvolvidas encontrava enormes dificuldades para se legitimar. O viés etnocêntrico foi posto em questão e a dimensão cultural do desenvolvimento assumiu um papel relevante na formulação das intenções de sua promoção. Entre os vários qualificativos aos quais seria então sistematicamente associado, o desenvolvimento passou a ser discursado como comunitário, auto-dependente, autêntico, endógeno, solidário, integrado, voltado à satisfação das necessidades básicas, participativo, local, territorial, centrado nas pessoas, humano e sustentável. Todos estes qualificativos tentavam incorporar o teor das mudanças reclamadas por meio de novos enfoques à compreensão dos limites das estratégias convencionais de desenvolvimento, que tinham como objetivo quase exclusivo o crescimento econômico.

Como explica Latouche (1988), a partir destas críticas a visão sobre o desenvolvimento tornar-se-ia, de um modo geral, mais complexa e preocupada com as implicações ambientais e sócio-culturais de sua promoção. É importante perceber que não se trata apenas de um processo de revisão conceitual. As intervenções em prol do desenvolvimento tornar-se-iam também menos estatais, mais localizadas ou descentralizadas, com maior participação de agentes locais e regionais envolvidos na elaboração e condução de projetos. Estas mudanças na institucionalidade da promoção do desenvolvimento relacionavam-se, desde suas origens, de um lado, ao engajamento dos Estados nacionais sob influência do neoliberalismo e, de outro, às experiências locais, pequenos empreendimentos ou projetos estimulados por organizações comunitárias, associações, sindicatos, universidades e outras organizações não-governamentais que agiam de modo independente aos aparatos governamentais.

Para Korten (1990), a força dos discursos que propunham revisão das concepções sobre o desenvolvimento reside na necessidade de mudanças institucionais e políticas. Reforçando este argumento, as experiências conduzidas por ONGs foram fundamentais à elaboração e à consolidação de novas estratégias à promoção do desenvolvimento (SANTOS & RO-

DRÍGUEZ, 2002), que não estariam voltados prioritariamente ao crescimento econômico pela acumulação de capital, mas para um tipo de transformação social mais localizada e cuja ênfase recairia na capacitação das pessoas, para que elas pudessem organizar processos produtivos menos dependentes de fatores externos. Nesta perspectiva, o objetivo maior seria o desenvolvimento humano, ou o processo pelo qual os membros de uma sociedade incrementariam suas capacidades pessoais e institucionais para mobilizar e maximizar recursos e produzir com sustentabilidade, distribuindo, por entre todos, as melhorias em qualidade de vida. Os meios para alcançá-lo deixavam de ser unicamente o capital, a tecnologia, o comércio, o investimento estrangeiro e a presença de especialistas externos e passavam a ser, prioritariamente, as pessoas, suas habilidades, os recursos e os conhecimentos locais, organizados de modo mais cooperativo e participatório. Ao contrário da crença nos exemplos exógenos e na transferência de tecnologias, a modernização seria alcançada por meio da articulação e do estímulo às capacidades locais, compreendendo tradição e modernidade como complementos (KORTEN, 1990).

Inaugurava-se uma fase de revigoração da noção de desenvolvimento, agora qualificada de desenvolvimento humano e sustentável (CEPAL, 1990). Entre os questionamentos, o desenvolvimento deveria ter uma “face humana”. Amartya Sen apresenta em *Desenvolvimento como Liberdade* (2000), o processo de desenvolvimento integrando considerações econômicas, sociais e políticas. Essa abordagem ampla permite a apreciação simultânea dos papéis vitais, no processo de desenvolvimento, de muitas instituições diferentes, incluindo mercados e organizações relacionadas ao mercado, governos e autoridades locais, partidos políticos e outras instituições cívicas, sistema educacional e oportunidade de diálogo e debate abertos. Essa abordagem nos permite ainda reconhecer o papel dos valores sociais e costumes prevaletentes, que podem influenciar as liberdades que as pessoas desfrutam e que elas estão certas ao prezar.

Apesar do papel crucial das rendas nas vantagens desfrutadas por diferentes pessoas, a relação entre, de um lado, a renda (e outros recursos) e, de outro, as realizações e liberdades substantivas individuais não é constante nem, em nenhum sentido, automática e irresistível. Diferentes tipos de contingências acarretam variações sistemáticas na “conversão” das rendas nos “funcionamentos distintos que podemos realizar”, e isso afeta os estilos de vida que podemos ter. Desta forma, Sen (2000) procura demonstrar através de diferentes modos como podem ocorrer variações sistemáticas na relação entre rendas auferidas e liberdades substantivas (na forma de capacidade para levar uma vida que a pessoa tem razão para valorizar). Os papéis de heterogeneidades pessoais, diversidades ambientais, variações no clima social, dife-

renças de perspectivas relativas e distribuições na família têm de receber a séria atenção que merecem na elaboração das políticas públicas.

Com oportunidades sociais adequadas, os indivíduos podem efetivamente moldar seu próprio destino e ajudar uns aos outros. Não precisam ser vistos sobretudo como beneficiários passivos de engenhosos programas de desenvolvimento. “Existe, de fato, uma sólida base racional para reconhecermos o papel positivo da condição de agente livre e sustentável – e até mesmo o papel positivo da paciência construtiva” (SEN, 2000, p. 26). A lacuna entre a perspectiva de uma concentração exclusiva na riqueza econômica e outra em um enfoque mais amplo sobre a vida que podemos levar, assim, é uma questão fundamental na conceituação do desenvolvimento.

4 O DESENVOLVIMENTO SEGUNDO AMARTYA SEN

As discussões em torno do Consenso de Washington contribuíram à formulação de novas visões ao desenvolvimento sócio-econômico. Em especial, destacam-se as idéias que compõem o Paradigma do Desenvolvimento Humano, proposta discutida regularmente pela Organização das Nações Unidas por meio dos documentos anuais Human Development Report, publicado pela primeira vez em 1990 (PNUD, 1990). Básico a este paradigma está a idéia de que, apesar do crescimento ser considerado um ingrediente essencial do desenvolvimento, este deveria ser pensado como um conceito mais amplo, a ser avaliado pelas reais mudanças qualitativas experimentadas no nível dos indivíduos e grupos. Enfim, dever-se-ia associar efetivamente o desenvolvimento econômico ao desenvolvimento social, já que estes se reforçam mutuamente, e não esperar que o desenvolvimento social seja uma conseqüência do desenvolvimento econômico.

As noções que compõem o Paradigma do Desenvolvimento Humano incorporam outras idéias fundamentais que, integradas em uma visão, constituem-se numa abordagem mais ampla ao desenvolvimento. Entre estas idéias, destacam-se os conceitos de *desenvolvimento sustentável*, disseminadas principalmente após a grande Conferência das Nações Unidas para o Meio-ambiente e Desenvolvimento, sediada no Rio de Janeiro, em 1992 (PNUD, 1990; UNCED, 1992), mas que têm suas origens em discussões muito anteriores a este evento. As idéias sobre o desenvolvimento sustentável marcam mudanças significativas em relação às abordagens tradicionais ao desenvolvimento. De fato, estas abordagens não punham ênfase à proteção dos recursos necessários à sobrevivência das próximas gerações. Ao centrarem-se na busca do crescimento econômico, estas abordagens assumiam, mesmo implicitamente, a degradação ambiental como um subproduto indesejado, mas inevitável, do desenvolvimento. Ao contrário, o desenvolvimento sustentável pode ser conceituado como “os caminhos do progresso humano que satisfazem as necessidades e aspirações da geração presente sem comprometer a possibilidade das futuras gerações satisfazerem suas necessidades” (UNITED NATIONS, 1987, p. 24). Entre os conceitos pioneiros, o relatório da Comissão Mundial para o Meio-Ambiente e o Desenvolvimento, de 1987, punha em destaque os limites do progresso humano em um mundo caracterizado pela extrema pobreza no sul, e pelos padrões insustentáveis de produção e consumo no norte, que aceleravam a degradação em nível mundial. O relatório defendia novas estratégias de desenvolvimento que combinassem o desenvolvimento sócio-econômico e a preservação ambiental. Às sociedades, as idéias sobre o desenvolvimento

sustentável põem em destaque a necessidade de pensarmos em novos valores básicos a estarem pautadas as nossas atividades sócio-econômicas. Estes novos valores devem induzir ao uso racional dos recursos disponíveis ao homem, de maneira a considerar e minimizar os custos de longo prazo associados a estes usos. Promover o desenvolvimento sustentável implica, de fato, complexas transformações qualitativas, ou sócio-culturais, no âmbito das sociedades. A Agenda 21 (UNCED, 1992), documento que sistematiza as idéias da Organização das Nações Unidas sobre o tema, sugere a relevância de pensarmos em objetivos necessários ao desenvolvimento sustentável, entre os quais a eliminação da pobreza, a distribuição mais equitativa dos recursos, a capacitação e educação das pessoas ao uso racional dos recursos, o acesso universal à saúde, a redução do ritmo de crescimento populacional no mundo, entre outros (ESTES, 1993; ALMEIDA, 2002; BECKER, 2002).

As idéias básicas promovidas pelo Paradigma do Desenvolvimento Humano têm diversas implicações à prática. Consideradas atualmente como uma das principais contrapontos às visões economicistas tradicionais, as idéias que compõem o Paradigma do Desenvolvimento Humano representam evoluções significativas em nossas maneiras de encarar o desenvolvimento e pensar em estratégias para promovê-lo. Em resumo, considerando-se a falência do “modelo do derrame”, a promoção do desenvolvimento requer estratégias que objetivem não somente o crescimento econômico, mas que também assumam a relevância da intervenção em muitos aspectos sócio-culturais que caracterizam e influenciam a dinâmica do desenvolvimento (KLIKSBURG, 2001). Trata-se do alargamento dos objetivos tradicionais das iniciativas de desenvolvimento, já que o crescimento econômico não deixa de ser uma prioridade. O informe do Banco Mundial (2002) denominado “A qualidade do crescimento” chama a atenção dos atores relevantes à promoção do desenvolvimento à necessidade de passarmos a uma visão mais ampla do tema. Segundo esta visão, desenvolver requer não somente o crescimento, mas também a atenção às maneiras como as riquezas são geradas e distribuídas. O crescimento equitativo requer o investimento em capital humano, de maneira a promover as capacidades dos indivíduos, entre outras estratégias:

Da mesma forma que a qualidade da dieta das pessoas, e não apenas a quantidade que comem, influi sobre a sua saúde e a expectativa de vida, a forma como o crescimento é gerado e distribuído tem profundas conseqüências para as pessoas e para a qualidade de sua vida. Essa qualidade deriva não somente de políticas macroeconômicas prudentes e de princípios microeconômicos orientados para o mercado, mas também do modo como toda a riqueza de um país é utilizada. E essa riqueza inclui o seu capital físico, humano, social e natural. As experiências dos países ressaltam quatro áreas cruciais para a qualidade do crescimento: maior acesso à educação, proteção do meio ambiente, gestão dos riscos globais e melhoria da qualidade de governo. Apesar disso, verifica-se um sub-investimento sistemático em capital humano e uma exploração excessiva do capital natural, enquanto os subsídios ao capital físico

parecem continuar muito grandes em escala mundial (THOMAS, 2001, 2º e 3º parágrafos).

O Paradigma do Desenvolvimento Humano apóia-se, em grande extensão, nas concepções propostas por Amartya Sen – prêmio Nobel em economia em 1998 – em Desenvolvimento como Liberdade (SEN, 2000). Nesta obra, Sen faz uma crítica poderosa ao entendimento convencional do desenvolvimento – visto como uma questão essencialmente econômica –, questionando as abordagens utilitaristas que dominam a economia do desenvolvimento, e recolocando em discussão as dimensões éticas dos problemas econômicos. Amartya Sen propõe as bases conceituais para um paradigma alternativo na economia do desenvolvimento.

Dadas as suas características pessoais, origens sociais, situação econômica etc., uma pessoa tem o potencial para fazer (ou ser) determinadas coisas que ela valoriza. A razão para valorizar essas coisas pode ser direta (o funcionamento em questão pode enriquecer diretamente sua vida, tornando, por exemplo, uma pessoa bem nutrida ou sadia) ou indireta (o funcionamento em questão pode contribuir para aumentar a produção ou obter um melhor preço no mercado). A perspectiva do desenvolvimento humano pode, em princípio, ser definida muito amplamente de modo a abranger ambos os tipos de valoração, mas é comumente definida, por convenção, sobretudo em termos de valor indireto: qualidades humanas que podem ser empregadas como “capital” na produção (do modo como se emprega o capital físico). Nesse sentido, a visão mais restrita da abordagem do desenvolvimento humano insere-se na perspectiva mais abrangente da capacidade humana, que pode abarcar as conseqüências tanto direta como indiretas das qualificações humanas (SEN, 2000). Desta forma, se a educação torna uma pessoa mais eficiente na produção de mercadorias, temos então claramente um aumento do capital humano. Isso pode acrescer o valor da produção na economia e também a renda da pessoa que recebeu a educação. Mas até com o mesmo nível de renda uma pessoa pode beneficiar-se com a educação – ao ler, comunicar-se, argumentar, ter condições de escolher estando mais bem informada, ser tratada com mais consideração pelos outros etc. Os benefícios da educação, portanto, excedem seu papel como capital humano na produção de mercadorias. A perspectiva mais ampla da capacidade humana levaria em consideração – e valorizaria – esses papéis adicionais também. Assim, as duas perspectivas são estreitamente relacionadas, porém distintas.

Na prática, as idéias que compõem o Paradigma do Desenvolvimento Humano reforçam um novo sistema de valores no âmbito da economia do desenvolvimento. Coerentes com as idéias de Sen (2000), o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e o Banco Mundial entendem o desenvolvimento como a transformação qualitativa das socieda-

des, por meio da expansão das capacidades das pessoas, ou da variedade de escolhas às quais as pessoas têm acesso em suas vidas. Ao reconhecermos as dimensões sociais e culturais do desenvolvimento, considera-se que o fim último das políticas seria a real melhoria das capacidades e condições de vida das populações, e estas melhorias deveriam ser incorporadas aos critérios de medição do desenvolvimento. De fato, estas idéias são reforçadas pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), criado por Amartya Sen. Coerente com suas idéias em Desenvolvimento como Liberdade, o IDH é o indicador utilizado pelo PNUD para medir o nível de desenvolvimento de uma sociedade. O Paradigma do Desenvolvimento Humano sugere que à avaliação do desenvolvimento dos povos não nos bastaria analisar a melhoria de indicadores econômicos como o PIB ou o PIB *per capita* (BOISER, 2000), mas sim considerar indicadores sociais que meçam os impactos que as transformações têm na vida dos indivíduos. Além de incorporar o PIB *per capita*, o IDH incorpora dois indicadores sociais básicos, a longevidade e a educação, que dariam conta de diferentes aspectos do desenvolvimento, viabilizando a medição deste fenômeno em termos mais amplos e precisos.

As novas idéias põem em destaque a necessidade de repensarmos as estratégias práticas à promoção do desenvolvimento. A inovação diz respeito aos caminhos ao crescimento econômico, já que se reconhece a inter-relação entre as dimensões econômicas e sócio-culturais do desenvolvimento. Segundo o PNUD (2007), o crescimento econômico seria uma parte dos esforços de desenvolvimento, e viria somente se acompanhado do desenvolvimento social (STIGLITZ, 1998). Coerentes com as visões do Paradigma do Desenvolvimento Humano, estes princípios também estão na base das propostas do Banco Mundial para uma nova estratégia ao desenvolvimento (STIGLITZ, 1998).

Para Sen (2000) o século XX estabeleceu o regime democrático e participativo como o modelo preeminente de organização política. Os conceitos de direitos humanos e liberdade política hoje são parte da retórica prevalecente. Além disso, as diferentes regiões do globo estão agora mais estreitamente ligadas do que jamais estiveram, não só nos campos da troca, do comércio e das comunicações, mas também quanto a idéias e ideais interativos. Entretanto, vivemos igualmente em um mundo de privação, destituição e opressão extraordinárias. Existem problemas novos convivendo com antigos – a persistência da pobreza e de necessidades essenciais não satisfeitas, fomes coletivas e fome crônica muito disseminadas, violação de liberdades políticas elementares e de liberdades formais básicas, ampla negligência diante dos interesses e da condição de agente das mulheres e ameaças cada vez mais graves ao nosso meio ambiente e à sustentabilidade de nossa vida econômica e social. Superar esses problemas é uma parte central do processo de desenvolvimento.

O desenvolvimento pode ser visto como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam. O enfoque nas liberdades humanas contrasta com visões mais restritas de desenvolvimento, como as que identificam desenvolvimento com crescimento do Produto Nacional Bruto (PNB), aumento de rendas pessoais, industrialização, avanço tecnológico ou modernização social. O crescimento do PNB ou das rendas individuais obviamente pode ser muito importante como um meio de expandir as liberdades desfrutadas pelos membros da sociedade. “Mas as liberdades dependem também de outros determinantes, como as disposições sociais e econômicas e os direitos civis” (SEN, 2000, p. 17).

Amartya Sen (2000) faz uma crítica poderosa às visões economicistas convencionais ao conceituar o desenvolvimento como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas possuem, ou das *capacidades* do ser humano. A liberdade deve ser entendida de uma maneira ampla, o que incorpora o reconhecimento da heterogeneidade de seus componentes. A noção de liberdade de Sen incorpora dimensões que se inter-relacionam, como a liberdade política, as facilidades econômicas, as oportunidades sociais, a transparência e a segurança. A efetividade instrumental da liberdade diz respeito ao fato de que gozar a liberdade em uma de suas dimensões pode contribuir significativamente à conquista de liberdade em outras de suas dimensões. Aos indivíduos, as suas capacidades permitem-lhes que vivam vidas nas quais fazem o que valorizam – trata-se de liberdade de escolha. Para o autor, os envolvidos com a promoção do desenvolvimento deveriam se questionar sobre quais seriam as condições necessárias para que os sujeitos realizem seu potencial, enriquecendo sua vida por meio da expansão de suas capacidades. Além das necessidades básicas, a educação, a saúde, as oportunidades econômicas, os direitos humanos e a equidade social afirmavam-se como dimensões à aferição do desenvolvimento.

No contexto das visões mais restritas de desenvolvimento – como o crescimento do PIB ou industrialização –, frequentemente se pergunta se determinadas liberdades políticas ou sociais, como a liberdade de participação ou disseminação política ou as oportunidades de receber educação básica, são ou não são “conducentes ao desenvolvimento”. A liberdade política e as liberdades civis são importantes por si mesmas, de um modo direto; não é necessário justificá-las indiretamente com base em seus efeitos sobre a economia. Mesmo quando não falta segurança econômica adequada às pessoas sem liberdades políticas ou direitos civis, elas são privadas de liberdades importantes para conduzir suas vidas, sendo-lhes negada a oportunidade de participar de decisões cruciais concernentes a assuntos públicos. Essas privações restringem a vida social e a vida política, e devem ser consideradas repressivas mesmo sem acarretar outros males. Como as liberdades políticas e civis são elementos constitutivos da

liberdade humana, sua negação é, em si, uma deficiência. Ao examinarmos o papel dos direitos humanos no desenvolvimento, precisamos levar em conta tanto a importância constitutiva quanto a importância instrumental dos direitos civis e liberdades políticas. A visão da liberdade adotada por Amartya Sen (2000), envolve tanto os *processos* que permitem a liberdade de ações e decisões como as *oportunidades* reais que as pessoas têm, dadas as circunstâncias pessoais e sociais. A privação de liberdade pode surgir em razão de processos inadequados ou de oportunidades inadequadas que algumas pessoas têm para realizar o mínimo do que gostariam. A distinção entre o *aspecto* do processo e o *aspecto da oportunidade* da liberdade envolve um contraste muito substancial. É necessário que se evite restringir a atenção apenas a procedimentos apropriados ou, alternativamente, apenas a oportunidades adequadas. Segundo Sen (2000, p. 32) “ambos os processos e oportunidades têm sua própria importância na abordagem do desenvolvimento como liberdade”. As liberdades substantivas (ou seja, a liberdade de participação política ou a oportunidade de receber educação básica ou assistência médica) estão entre os componentes constitutivos do desenvolvimento. O fato é que essas liberdades e direitos *também* contribuem muito eficazmente para o progresso econômico. A justificação das liberdades e direitos estabelecida por essa ligação causal é adicional ao papel diretamente constitutivo dessas liberdades no desenvolvimento (SEN, 2000). Outro exemplo citado por Amartya Sen relaciona-se ao papel dos mercados como parte do processo de desenvolvimento. Como bem observou Adam Smith (1983), a liberdade de troca e transação é ela própria essencial das liberdades básicas que as pessoas têm razão para valorizar.

A liberdade de trocar palavras, bens ou presentes e a não necessidade de justificção defensiva com relação a seus efeitos favoráveis mas distantes, fazem parte do modo como os seres humanos vivem e interagem na sociedade. O controle de alguém sobre o processo real de escolha dificilmente pode ser a única referência nas idéias de “liberdade formal” e “liberdade substantiva” (SEN, 2001). A liberdade como um valor exige que certas coisas sejam consideradas seriamente *por aquela razão* (seja ela valorada ou não também por alguma outra razão). A noção de liberdade como poder efetivo para realizar o que se *escolheria* é uma parte importante da idéia geral de liberdade. O aspecto do bem-estar é especialmente importante em problemas como os de seguridade social, alívio da pobreza, remoção da desigualdade econômica acentuada e, em geral, na busca da justiça social. Esse caso, não está condicionado ao fato de a pessoa mesma atribuir uma prioridade máxima ao seu próprio bem-estar no seu objetivo da condição de agente (SEN, 2006).

O aspecto do bem-estar de uma pessoa tem grande importância por si mesmo para a análise da desigualdade pessoal e apreciação da política pública. Problemas de injustiça e de-

sigualdades sociais entre diferentes classes e grupos relacionam-se fortemente com extensas disparidades no bem-estar – incluindo a liberdade que nós respectivamente desfrutamos para realizar bem-estar. Bens primários são coisas que toda pessoa racional presumidamente quer, e incluem “renda e riqueza”, “liberdades básicas”, “liberdade de movimento e escolha de ocupação”, “poderes e prerrogativas de cargos e posições de responsabilidade” e “as bases sociais da auto-estima”. “Bens primários são, portanto, meios para qualquer propósito ou recursos úteis para a busca de diferentes concepções do bem que os indivíduos podem ter.” (SEN, 2001, p. 136).

Reconhecer a diversidade encontrada em diferentes culturas, para Sen (2000) é muito importante no mundo contemporâneo. A compreensão da presença da diversidade tende a ser um tanto prejudicada por um constante bombardeio de generalizações excessivamente simplificadas sobre a “civilização ocidental”, os “valores asiáticos”, as “culturas africanas”, etc. Muitas dessas interpretações da história e da civilização não só são intelectualmente superficiais, como também agravam as tendências divisoras do mundo em que vivemos. O fato é que, em qualquer cultura, as pessoas parecem gostar de discutir umas com as outras – e muitas vezes fazem isso mesmo –, assim que surge uma oportunidade. A presença de dissidentes dificulta a obtenção de uma visão inequívoca da “verdadeira natureza” dos valores locais. Na verdade, em toda a sociedade tende a haver dissidentes – muitas vezes, numerosíssimos -, e eles com frequência dispõem-se a correr grandes riscos para a sua segurança. De fato, se os dissidentes não estivessem tão tenazmente presentes, os regimes autoritários não teriam precisado tomar medidas práticas tão repressivas para suplementar suas crenças intolerantes. A presença de dissidentes tenta os grupos dirigentes autoritários a adotar uma concepção repressiva da cultura local, e, ao mesmo tempo, essa própria presença solapa a base intelectual da interpretação unívoca das crenças locais como um pensamento homogêneo.

Entre os desafios cruciais do desenvolvimento em muitos países atualmente inclui-se a necessidade de libertar os trabalhadores de um cativeiro explícito ou implícito que nega o acesso ao mercado de trabalho aberto. O que é demonstrado por Sen (2000) é que é necessário reconhecer o papel das diferentes formas de liberdade no combate a esses males. Existe uma acentuada complementaridade entre a condição de agente individual e as disposições sociais: é importante o reconhecimento simultâneo da centralidade da liberdade individual e da força das influências sociais sobre o grau e o alcance da liberdade individual. Para combater os problemas que enfrentamos, temos de considerar a liberdade individual um comprometimento social. A expansão da liberdade é vista, pela abordagem de Sen (2000), como o principal fim e o principal meio do desenvolvimento. O desenvolvimento consiste, desta forma, na elimina-

ção de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de agente. A eliminação de privações de liberdades substanciais é constitutiva do desenvolvimento.

“A importância intrínseca da liberdade humana em geral, como o objetivo supremo do desenvolvimento, é acentuadamente suplementada pela eficácia instrumental de liberdades específicas na promoção de liberdades de outros tipos” (SEN, 2000, p. 10). Desta forma, se o ponto de partida da abordagem é identificar a liberdade como o principal objetivo do desenvolvimento, o alcance da análise de políticas depende de estabelecer os encadeamentos empíricos que tornam coerente e convincente o ponto de vista da liberdade como a perspectiva norteadora do processo de desenvolvimento.

“Liberdade é o que o desenvolvimento promove” (SEN, 2000, p. 17). Segundo Sen (2000, p. 25-26):

As liberdades não são apenas os fins primordiais do desenvolvimento, mas também os meios principais. Além de reconhecer, fundamentalmente, a importância avaliatória da liberdade, precisamos entender a notável relação empírica que vincula, umas às outras, liberdades diferentes. Liberdades políticas (na forma de liberdade de expressão e eleições livres) ajudam a promover a segurança econômica. Oportunidades sociais (na forma de serviços de educação e saúde) facilitam a participação econômica. Facilidades econômicas (na forma de oportunidades de participação no comércio e na produção) podem ajudar a gerar a abundância individual, além de recursos públicos para os serviços sociais. Liberdades de diferentes tipos podem fortalecer umas às outras.

São essas relações empíricas que reforçam as prioridades valorativas. Pela antiquada distinção entre “paciente” e “agente”, essa concepção da economia e do processo de desenvolvimento centrada na liberdade é em grande medida uma visão orientada para o agente. Com oportunidades sociais adequadas, os indivíduos podem efetivamente moldar seu próprio destino e ajudar uns aos outros. Não precisam ser vistos sobretudo como beneficiários passivos de engenhosos programas de desenvolvimento. Existe, de fato, uma sólida base racional para reconhecermos o papel positivo da condição de agente livre e sustentável – e até mesmo o papel positivo da impaciência construtiva.

Sen (2000) também discute a confusão entre meios e fins no âmbito da economia do desenvolvimento. Sen (2000) não nega a importância do crescimento econômico como estratégia de desenvolvimento, mas denuncia os erros que estrategistas cometem ao considerá-lo como meta principal de seus planos, e não como meta intermediária. A importância da prosperidade econômica é contingente, por ser relativa à sua contribuição à transformação da vida humana. Segundo o autor, não haveria problemas em se tratar a prosperidade econômica como objetivo principal das estratégias de desenvolvimento se houvesse uma relação direta entre a consecução deste objetivo e a transformação das vidas das pessoas. Não parece ser este o

caso, entretanto: enquanto há países que alcançaram índices relativamente altos de crescimento econômico e renda per capita, mas apresentam índices surpreendentemente baixos de qualidade de vida de seus habitantes, há outros países que conquistaram melhorias significativas em seus índices de qualidade de vida sem experimentar crescimento econômico proporcional. Às vezes argumenta-se que a renda é uma magnitude homogênea, ao passo que as capacidades são diversas. Esse contraste gritante não é inteiramente correto, pois qualquer avaliação de renda oculta diversidades internas, com algumas suposições especiais – e muitas vezes heróicas. Além disso, comparações interpessoais de renda real não nos fornecem uma base para comparações interpessoais nem ao menos de utilidade. Para ir da comparação dos meios de na forma de diferenças de renda a algo que possa ser considerado valioso em si mesmo (como bem estar ou liberdade), precisamos levar em conta variações circunstanciais que afetam as taxas de conversão. A suposição de que a abordagem da comparação de renda é um modo mais “prático” de chegar às diferenças interpessoais de vantagens é difícil sustentar. De fato, apesar de Sen (2000) aceitar o fato do nível de renda ser um fator importante a afetar os padrões de vida das pessoas, o autor argumenta que certos valores dos indivíduos – entre as quais estão, por exemplo, a paz nos bairros onde moram, a tranqüilidade associada à alta expectativa de vida e as oportunidades enriquecedoras de emprego – não são necessariamente relacionadas à prosperidade econômica. Entretanto, o autor reconhece a relevância do crescimento econômico como meta intermediária do desenvolvimento, já que a prosperidade aumenta as chances de sustentabilidade das melhorias na qualidade de vida.

Segundo Sen (2001) o bem-estar de uma pessoa pode ser concebido em termos da qualidade do “estado” da pessoa. Viver pode ser visto como consistindo num conjunto de “funcionamentos” inter-relacionados, que compreendem estados e ações. A realização de uma pessoa pode ser concebida, sob esse aspecto, como o vetor de seus funcionamentos. Os funcionamentos relevantes podem variar desde coisas elementares como estar nutrido adequadamente, estar em boa saúde, livre de doenças que podem ser evitadas e da morte prematura etc., até realizações mais complexas, tais como ser feliz, ter respeito próprio, tomar parte na vida da comunidade, e assim por diante. Para Sen (2001, p. 79) “a asserção é de que os funcionamentos são *constitutivos* do “estado” de uma pessoa, e uma avaliação do bem-estar de assumir a forma de uma apreciação desses elementos constituintes”.

Relacionada intimamente com a noção de funcionamentos, está à noção de *capacidade* para realizar funcionamentos. Ela representa as várias combinações de funcionamentos (estados e ações) que uma pessoa pode realizar. Segundo Sen (2001) a capacidade é um conjunto de vetores de funcionamentos, refletindo a liberdade da pessoa para levar um tipo de vida ou

outro. Tal como o assim chamado “conjunto orçamentário” no espaço de mercadorias representa a liberdade de uma pessoa para comprar pacotes de mercadorias, o “conjunto capacitário” reflete, no espaço de funcionamentos, a liberdade da pessoa para escolher dentro vidas possíveis. A relevância da capacidade de uma pessoa para seu bem-estar surge de duas considerações distintas porém inter-relacionadas. Primeiro, se os funcionamentos realizados constituem o bem-estar de uma pessoa, então a capacidade para realizar funcionamentos (quer dizer, todas as combinações alternativas de funcionamentos que uma pessoa pode escolher ter) constituirá a liberdade da pessoa – as oportunidades reais – para ter bem-estar. Esta “liberdade de bem-estar” pode ter relevância direta na análise ética e política.

A segunda conexão entre bem-estar e capacidade, de acordo com Sen (1992, 1993, 1999, 2000, 2001) consiste diretamente em fazer o próprio bem-estar *realizado* depender da *capacidade* para realizar funcionamentos. Escolher pode ser em si uma parte valiosa do viver, e uma vida de escolha genuína com opções representativas pode ser concebida – por essa razão – como mais rica. Nesta concepção, pelo menos alguns tipos de capacidades contribuem *diretamente* para o bem-estar, tornando a vida de uma pessoa mais rica de oportunidades de escolha refletida. Mas mesmo quando a liberdade na forma de capacidade é valorada apenas instrumentalmente (e o bem-estar não é visto como dependente da extensão da liberdade de escolha como tal), a capacidade para realizar funcionamentos pode ser, ainda assim, uma parte importante da avaliação social. “O conjunto capacitário fornece informação sobre os vários vetores de funcionamentos que estão ao alcance de uma pessoa, e esta informação é importante independentemente de como exatamente o bem-estar é caracterizado” (SEN, 2001, p. 81).

Para Sen (1999, 2001) é importante distinguir a capacidade – que representa a liberdade realmente desfrutada – tanto (1) dos bens primários (e outros recursos) quanto (2) das realizações (incluindo as combinações de funcionamentos realmente desfrutados e outros resultados realizados). Se o bem-estar social é concebido como uma função do bem-estar dos indivíduos, então as variações na conversão de rendas em bem-estar deve ser levada em consideração, prestando-se uma atenção adequada à relação variável entre rendas, por um lado, e funcionamentos e capacidades, por outro. Estes fatores de conversão que influenciam a relação da renda com o bem-estar também devem ser introduzidos.

Em muitos contextos, especialmente na avaliação do bem-estar individual, estas condições podem, como sustenta Sen (2001), ser vistas proveitosamente em termos da *capacidade para realizar funcionamentos*, incorporando (mas ultrapassando) os funcionamentos efetivos que uma pessoa consegue realizar. A “abordagem da capacidade” baseia-se numa consideração geral das liberdades para realizar (incluindo as capacidades para realizar funciona-

mentos). A “abordagem da capacidade” tem algo a oferecer tanto à avaliação do *bem-estar* como à apreciação da *liberdade*. Considerando a primeira conexão, a “abordagem da capacidade” do bem-estar difere da tradicional maior concentração sobre a opulência econômica (na forma de renda real, níveis de consumo etc.) em dois aspectos distintos: (1) ela muda o foco do espaço de *meios*, na forma de mercadorias e recursos, para o espaço dos funcionamentos, que são concebidos como elementos *constitutivos* do bem-estar humano, e (2) torna possível – ainda que não obrigatório – levar em conta o *conjunto* de vetores alternativos de funcionamentos, a partir do qual uma pessoa pode fazer suas escolhas. O “conjunto capacitário” pode ser visto como a liberdade abrangente que uma pessoa desfruta para buscar seu bem-estar (SEN, 2001, p. 225-226).

Em qualquer dessas formas, a abordagem da capacidade difere claramente e de modo crucial das abordagens mais tradicionais da avaliação individual e social, baseada em variáveis tais como *bens primários*, *recursos*, ou renda real (SEN, 1993, 2001). Estas variáveis tratam todas de *instrumentos* para realizar bem-estar ou outros objetivos, e põem também ser vistas como *meios* para a liberdade. Em contraste, os funcionamentos fazem parte dos elementos constituintes do bem-estar. A capacidade reflete a liberdade para buscar esses elementos constitutivos e pode até ter um papel direto no próprio bem-estar, na medida em que decidir e escolher também são partes do viver. A capacidade é principalmente um reflexo da liberdade para realizar funcionamentos valiosos. Ela se concentra diretamente sobre a liberdade como tal e não sobre os meios para realizar a liberdade, e identifica as alternativas reais que temos. Neste sentido, ela pode ser lida como um reflexo da liberdade substantiva. Na medida em que os funcionamentos são constitutivos do bem-estar, a capacidade representa a liberdade de uma pessoa para realizar bem-estar.

Desta forma, Sen (2001) descreve que a capacidade pode ser relevante mesmo para o *nível de bem-estar realizado*, e não somente para a *liberdade para realizar bem-estar*. A realização do bem-estar não é independente do processo através do qual realizamos vários funcionamentos e do papel que nossas próprias decisões desempenham nessas escolhas. Se esta linha de raciocínio é considerada importante para um domínio amplo, haverá um argumento em favor de se relacionar a capacidade com o bem-estar realizado – e não somente com a liberdade para realizar bem-estar (SEN, 1992, 1993, 2000, 2001). A liberdade de escolha pode de fato ter importância direta para a qualidade de vida e bem-estar de uma pessoa. “Agir livremente e ser capaz de escolher são, nesta concepção, diretamente conducentes ao bem-estar, não somente porque mais liberdade torna disponível um número maior de alternativas” (SEN, 2001, p. 92). O ideal é que a abordagem da capacidade considere toda a extensão da liberdade

para escolher entre diferentes pacotes de funcionamentos, mas limites de praticidade, podem, com frequência, forçar a análise a limitar-se apenas ao exame do pacote *realizado* de funcionamentos. Esse problema é maior quando usamos a abordagem da capacidade para avaliar a *liberdade* e não o *bem-estar* de fato realizado, mas mesmo para o último a limitação de dados pode ser um retrocesso substancial. “Mas uma pessoa pode ter – e é comum que tenha – também objetivos e valores outros que não o da busca de seu próprio bem-estar” (SEN, 2001, p. 103).

Ademais, a necessidade de discutir a valoração de capacidades diversas no que concerne às prioridades públicas é, uma vantagem, pois nos força a deixar claro quais são os juízos de valor em uma esfera na qual os juízos de valor não podem – e não devem – ser evitados. A participação pública nesses debates valorativos – de maneiras explícitas ou implícitas – é, na verdade uma parte crucial do exercício da democracia e escolha social responsável. Em questões de juízo público, não há como realmente escapar da necessidade avaliatória da discussão pública. O trabalho da valoração pública não pode ser substituído por alguma suposição engenhosamente brilhante. Algumas suposições que dão a impressão de funcionar perfeitamente e sem dificuldade operam ocultando a escolha de valores e pesos de uma opacidade cultivada. Por exemplo, a suposição – com frequência feitas implicitamente – de que duas pessoas com a mesma função de demanda têm de ter a mesma relação entre pacotes de mercadorias e bem-estar (independentemente de uma ser doente e a outra não, de uma ser incapacitada e a outra não, etc) é basicamente um modo de fugir da necessidade de levar em conta muitas influências significativas sobre o bem-estar. Essa fuga torna-se transparente, quando suplementamos os dados sobre renda e mercadorias com informações de outros tipos (incluindo questões de vida ou morte).

Crises econômicas gerais, assim como as fomes coletivas, desenvolvem-se atingindo os mais indefesos. Isto é, em parte, a razão por que as disposições institucionais visando a uma “segurança protetora” (na forma de redes de segurança social) constituem uma liberdade instrumental importante e por que as liberdades políticas (na forma de oportunidades de participação e de direitos e liberdades civis) são, em última análise, cruciais até mesmo para os direitos econômicos para a sobrevivência. A questão da desigualdade é obviamente importante ainda na continuidade da pobreza endêmica. Mas, aqui também, a natureza da desigualdade e as influências causais sobre ela podem diferir para os casos de privação persistente e destituição repentina.

Segundo Sen (2000) evitar as fomes coletivas e prevenir crises catastróficas é uma parte importante do processo de desenvolvimento como liberdade, pois envolve o aumento da

segurança e da proteção usufruídas pelos cidadãos. Essa relação é constitutiva e instrumental. Primeiro, a própria proteção contra fome, epidemia e destituição acentuada e súbita constitui um aumento da oportunidade de viver bem e com segurança. A prevenção contra crises devastadoras, nesse sentido, é parte integrante da liberdade que as pessoas com razão valorizam. Segundo, o processo de prevenção das fomes coletivas e outras crises é significativamente auxiliado pelo uso de liberdades instrumentais, como a oportunidade de discussão aberta, a vigilância pública, a política eleitoral e os meios de comunicação sem censura. O desenvolvimento tem muitos aspectos, que requerem análises e investigações adequadamente diferenciadas.

Em *Desigualdade Reexaminada*, Sen (2001) aborda de forma sistemática as dificuldades a serem enfrentadas por qualquer teoria que pretenda responder adequadamente a pergunta: o que deve ser igualado? Ao mesmo tempo, representa uma defesa da resposta seniana, “as *capacidades* é que devem ser igualadas”.

A perspectiva da capacidade é uma concepção da *igualdade de oportunidades* que destaca a liberdade substantiva que as pessoas têm para levar suas vidas. Ela focaliza o que as pessoas podem fazer ou realizar; quer dizer, a liberdade para buscar seus objetivos. Desta forma, segundo Sen (2001, p. 13), as “oportunidades reais” (ou “substantivas”) de que uma pessoa dispõe para realizar, entre outras coisas, “objetivos ligados ao bem-estar” são representadas por sua “capacidade”.

Oportunidades reais ou *substantivas* envolvem mais do que disponibilidade de recursos. *Capacidades* são poderes para fazer ou deixar de fazer (incluindo “formar”, “escolher”, “buscar”, “revisar” e “abandonar” objetivos), sem o quais não há *escolha genuína*. Também envolvem algo que Sen (2001) chama de “acessibilidade” a recursos, que depende muito das *habilidades* e *talentos* que cada pessoa tem para *usar* alternativamente recursos. Não dispor de recursos limita não só as alternativas de meios que de fato se tem e de objetivos que deles dependem, como também os próprios objetivos e preferências que se formam durante a vida. “Ser carente de habilidades e talentos consiste numa limitação da liberdade de ter e fazer escolhas” (SEN, 2001, p. 13).

Oportunidades reais não são *parâmetros* medidos por recursos disponibilizados às pessoas, mas *funções* cujos valores são determinados por uma série de fatores: recursos, talentos, condicionamentos, direitos, expectativas, escolhas anteriores, conseqüências controláveis ou não de ações individuais ou coletivas, auto-estima, poder de iniciativa, voz na comunidade, processos decisórios etc. Pobreza, fome, desemprego, desamparo ou insegurança sociais ou econômicas, costumes e governos que tiranizam são condições sob as quais as pessoas podem

perceber suas privações e desvantagens distorcidamente e até deixar de conceber alternativas ou possibilidades de mudança (SEN, 1990). A liberdade de uma pessoa poderia ser avaliada pela extensão do conjunto de oportunidades representadas por pacotes alternativos de bens e serviços. Quanto maior a extensão desse conjunto de oportunidades, maior a liberdade individual.

Quando nos concentramos nas liberdades ao avaliar o desenvolvimento, Sen (2000) não está sugerindo que existe algum “critério” de desenvolvimento único e preciso segundo o qual as diferentes experiências de desenvolvimento sempre podem ser comparadas e classificadas. Dada a heterogeneidade dos componentes distintos da liberdade, bem como a necessidade de levar em conta as diversas liberdades de diferentes pessoas, freqüentemente haverá argumentos em direções contrárias. A motivação fundamenta a abordagem do “desenvolvimento como liberdade” não consiste em ordenar todos os estados – ou todos os cenários alternativos – em uma “ordenação completa”, e sim em chamar a atenção para aspectos importantes do processo de desenvolvimento, cada qual merecedor de nossa atenção. Mesmo depois de se atentar para isso, sem dúvida restarão diferenças em possíveis rankings globais, mas sua presença não prejudica o objetivo em questão. Prejudicial seria negligenciar – o que com freqüência ocorre na literatura sobre o desenvolvimento – preocupações crucialmente relevantes devido a uma falta de interesse pelas liberdades das pessoas envolvidas. Busca-se uma visão adequadamente ampla do desenvolvimento com o intuito de focar o exame avaliatório de coisas que de fato importam e, em particular, de evitar que sejam negligenciados assuntos decisivamente importantes. Embora possa ser conveniente pensar que considerar as variáveis relevantes automaticamente levará pessoas diferentes a chegar às mesmas conclusões sobre como fazer um ranking de cenários alternativos, a abordagem não requer essa unanimidade. De fato, os debates sobre essas questões, que podem conduzir a importantes discussões políticas, podem ser parte do processo de participação democrática que caracteriza o desenvolvimento.

Ver o desenvolvimento a partir das liberdades substantivas das pessoas tem implicações muito abrangentes para a compreensão do processo de desenvolvimento e também para os modos e meios de promovê-lo. Na perspectiva avaliatória, isso envolve a necessidade de aquilatar os requisitos de desenvolvimento com base na remoção das privações de liberdade que podem afligir os membros da sociedade. O processo de desenvolvimento, nessa visão, não difere em essência da história do triunfo sobre estas privações de liberdade. Embora essa história não seja de modo algum desvinculada do processo de crescimento econômico e de

acumulação de capital físico e humano, seu alcance e abrangência vão muito além destas variáveis.

A questão da discussão pública e participação social é, portanto, central para a elaboração de políticas em uma estrutura democrática. O uso de prerrogativas democráticas – tanto nas liberdades políticas como os direitos civis – é parte crucial do exercício da própria elaboração de políticas econômicas, em adição a outros papéis que essas prerrogativas possam ter. Em uma abordagem orientada para a liberdade, as liberdades participativas não podem deixar de ser centrais para a análise de políticas públicas. Foi examinado por Sen (2000), a distinção e os inter-relacionamentos entre condição de agente e bem-estar, e em seguida ilustrar o alcance e o poder da condição de agente.

A realização da condição de agente de uma pessoa refere-se à realização de objetivos e valores que ela tem razão para buscar, estejam eles conectados ou não ao seu próprio-bem-estar. Uma pessoa como agente não necessita ser guiada somente por seu próprio bem-estar, e a realização da condição de agente refere-se ao seu êxito na busca da totalidade de seus objetivos e finalidades ponderados (SEN, 1999). Se a liberdade é tomada como liberdade da *condição de agente*, então é bastante possível ver movimentos contrários em que a liberdade (isto é, a liberdade da condição de agente de fato cresce, enquanto o bem-estar realizado diminui. “Na verdade, não somente a *realização do bem-estar* mas também a *liberdade de bem-estar* podem, freqüentemente, mover-se em direção oposta a *liberdade da condição de agente*.” (SEN, 2001, p. 108). Portanto, bem-estar e liberdade podem mover-se em direções opostas, independentemente de qual seja a interpretação escolhida da liberdade. Se por liberdade queremos dizer *liberdade da condição de agente*, então é bem possível que uma expansão da liberdade (da condição de agente) possa andar passo a passo com uma redução tanto na liberdade de bem-estar como na realização do bem-estar. Se, por outro lado, tomamos a liberdade como significando *liberdade de bem-estar*, então nenhum conflito entre liberdade e bem-estar realizado pode surgir, é claro, da redução das oportunidades de realização do bem-estar com o aumento da liberdade (do bem-estar). Segundo Sen (2001, p. 112) “a expansão das escolhas a serem feitas é tanto uma *oportunidade* (as escolhas *podem* ser feitas por nós mesmos) e um *ônus* (as escolhas *têm* de ser feitas por nós mesmos)”.

O conceito de “desenvolvimento como liberdade” é reforçado por essas relações empíricas, pois a solução dos problemas do crescimento populacional (assim como de muitos outros, sociais e econômicos) pode estar na expansão das liberdades das pessoas cujos interesses são mais diretamente afetados pela gestação de criação demasiado freqüente de

filhos, ou seja, as mulheres jovens. A solução do problema da população requer *mais* liberdade, e não menos.

De acordo com Sen (2000, p. 281-282):

o argumento em favor das liberdades básicas e das formulações associadas a direitos baseia-se em:

1. Sua importância intrínseca;
2. Seu papel consequencial de fornecer incentivos políticos para segurança econômica;
3. Seu papel construtivo na gênese de valores e propriedade.

É importante enfatizar que, mesmo se a liberdade de escolha é valorada somente instrumentalmente na determinação do *bem-estar* individual, a extensão da liberdade desfrutada por cada pessoa pode ser, contudo, diretamente importante para uma boa sociedade. De fato, se ingressa ou não no bem-estar *individual*, a liberdade individual pode ser vista como constitutiva da bondade da *sociedade* que temos razão para buscar.

Este tipo de abordagem (do bem-estar e da liberdade) é, segundo Sen (2001), duplamente deficiente. Em primeiro lugar, por reduzir a variedade de coisas que um bem ou serviço (ou atividade em geral) pode “fazer” às pessoas e, inversamente, a variedade de coisas que alguém pode “retirar” deles. A utilidade (seja entendida como “prazer”, seja como “satisfação de preferência”) é apenas uma de tantas interpretações do bem individual e negligencia toda e qualquer informação sobre as condições que constituem a vida que alguém leva (que não se distingue das escolhas que tem). Esta limitação é grave, pois, como defende Sen, nas questões sobre desigualdade, nosso interesse último é focalizar as vidas adequadas que podemos levar.

Em segundo, por desconsiderar o chamado *problema da conversão*. É claro que o bem-estar de uma pessoa está conectado com o domínio que ela tem sobre bens econômicos tradicionais. Mas as oportunidades que ela tem (em termos de escolhas que pode fazer e realizações) em sua vida não são limitadas apenas por seu conjunto orçamentário e outros fatores de riqueza ou renda. Existem, segundo Sen (2001, p. 15):

...*circunstâncias individuais e sociais* cujas variações afetam substancialmente a conversão de características de bens e serviços em atividades e estados pessoais e em oportunidades que uma pessoa dispõe para realizar coisas que considera valiosas.

A capacidade de uma pessoa para realizar funcionamentos que ela tem razão para valorizar fornece uma abordagem geral à avaliação de ordenamentos sociais, e isto produz uma maneira singular de ver a avaliação da igualdade e da desigualdade.

Um dos aspectos da avaliação da desigualdade que tem recebido menos atenção do que merece, segundo Sen (2001) associa-se à distinção entre *realização* e a *liberdade* para realizar. “A concentração sobre a *liberdade para realizar* e não somente sobre o nível de *rea-*

lização levanta alguns questionamentos profundos com respeito à conexão entre a apreciação de *realizações* alternativas e o valor da *liberdade* para conseguí-las” (SEN, 2001, p. 34-35). Mesmo a perspectiva baseada na liberdade deve conceder especial atenção à natureza e ao valor das realizações efetivas, e as desigualdades na realização podem lançar luz sobre as desigualdades nas respectivas liberdades usufruídas.

Amartya Sen (2001) discute a diferença entre objetivos de bem-estar e outros objetivos que uma pessoa pode ter. Esta diferença não somente conduz a certa pluralidade dentro da idéia mesma de liberdade, como também tem implicações importantes para a divergência entre a perspectiva das realizações e a das liberdades. A diversidade humana, como um fato, está intimamente relacionada com conflitos substantivos entre focalizações em diferentes bases informacionais para avaliar a igualdade, a eficiência e a justiça.

O welfarismo em geral (que prega a satisfação de desejos subjetivos) e o utilitarismo em particular vêm valor, em última instância, somente na utilidade individual, que é definida em termos de alguma característica mental, tal como prazer, felicidade ou desejo (SAMUELSON, 1938). Esta abordagem, segundo Sen (2001, p. 36) “é restritiva na consideração da vantagem individual de duas formas distintas: (1) ela desconsidera a liberdade e concentra-se apenas nas realizações; e (2) desconsidera outras realizações que não sejam refletidas em alguma dessas métricas mentais”. Segundo o autor, a natureza enviesada da métrica da utilidade pode ser especialmente importante no contexto da diferenciação de classe, sexo, casta ou comunidade. Contrasta com o foco nas capacidades, que fornece uma estimativa direta da falta de liberdade das pessoas desprovidas para realizar funcionamentos elementares. “As exigências de igualdade de capacidade devem ser vistas no contexto das exigências de eficiência em disputa e, em geral, de considerações agregativas” (SEN, 2001, p. 38).

A posição de uma pessoa num ordenamento social pode ser julgada por duas perspectivas diferentes, que, segundo Sen (2001, p. 69) são:

(1) a realização de fato conseguida, e (2) a liberdade para realizar. A realização liga-se ao que *conseguimos* fazer ou alcançar, e a liberdade, à *oportunidade real* que temos para fazer ou alcançar aquilo que valorizamos. As duas não necessitam ser congruentes.

Algumas bem conhecidas abordagens da apreciação da vantagem individual e da avaliação de boas ordens sociais têm tratado diretamente apenas da realização, atribuindo à liberdade para realizar uma importância inteiramente instrumental – como meio para realizações de fato conseguidas.

Similarmente, as funções de Bergson-Samuelson de bem-estar social, como apresentadas e exploradas nas suas formulações clássicas (BERGSON, 1938; SAMUELSON, 1947),

tendem a limitar sua atenção direta somente a realizações (p. ex., satisfação de preferências, satisfação do consumidor), atribuindo valor à liberdade individual apenas indiretamente, como meio para realizações (SEN, 2001). Uma vez que os *meios* na forma de recursos, bens primários etc. indubitavelmente aumentam a liberdade para realizar (mantidas iguais as outras coisas), não é disparatado conceber estes movimentos como nos levando *em direção* à liberdade – distanciando-nos da atenção confinada exclusivamente à apreciação da realização. Mas deve ser reconhecido ao mesmo tempo em que igualar a propriedade de recursos ou parcelas de bens primários não necessariamente iguala as liberdades substantivas usufruídas por pessoas diferentes, já que pode haver variações significativas na *conversão* de recursos e bens primários em liberdades. A estratégia, segundo Sen (2001), de estimar a vantagem individual considerando o controle de uma pessoa sobre os recursos, em oposição àquilo que o indivíduo de fato consegue, é a de refocalizar nosso propósito mudando da realização para os meios para a liberdade, e isso é, num sentido claro, um tributo à liberdade. Ainda que este tenha sido um movimento na direção correta (no que diz respeito à liberdade), o hiato entre *recursos que nos auxiliam* a conseguir liberdade e a extensão *da liberdade em si* é importante em princípio e pode ser crucial na prática. A liberdade tem de ser distinguida não apenas na realização, mas também de recursos e meios para a liberdade (BROCK, 1992).

Os recursos que uma pessoa tem, ou os bens primários que detém, podem ser indicadores bastante imperfeitos da liberdade que essa pessoa realmente desfruta para fazer isto ou aquilo. As diferenças interpessoais nessas características pessoais e sociais podem tornar similarmente variável a conversão de recursos e bens primários em *liberdade* para realizar (SEN, 2001). Em geral, comparações de recursos e bens primários não podem servir como a base para comparar liberdades. Segundo Sen (2001, p. 76) “a valoração da liberdade impõe exigências rigorosas sobre nossa consideração – exigências que não podem ser satisfeitas pela consideração de alguma outra coisa”.

5 O DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO SEGUNDO OS CONCEITOS PROPOSTOS POR AMARTYA SEN

Robeyns (2000) explicita a abordagem das capacidades e analisa as principais linhas críticas a ela. Em sua argumentação, Robeyns (2000, p. 03) distingue três níveis diferentes nos quais a abordagem da capacidade pode ser considerada. São eles: a “estrutura” do pensamento, depois a crítica às outras abordagens para avaliação do bem-estar e, finalmente, o terceiro seria no nível de fórmula para fazer comparações inter pessoais de bem estar. Desta forma, Robeyns (2000) defende que Sen considera esses três níveis em ordem decrescente de importância, dando maior ênfase à abordagem das capacidades como uma nova “estrutura” de pensamento e relegando o seu papel interpessoal de bem-estar. Assim, a autora defende que muitas das críticas realizadas à abordagem das capacidades se enfraquecem ou desaparecem quando se leva em conta a importância que Sen daria para os três níveis nos quais a abordagem pode ser considerada.

Já Prendergast (2005, p. 1156) afirma que, independentemente da escolha dos funcionamentos ou das capacidades para analisar o bem-estar, a capacidade tem um papel instrumental, já que só é possível alcançar determinado funcionamento, neste caso educação, se houver a capacidade para isso. No entanto, Prendergast (2005) afirma que Sen sempre trata das capacidades, em termos do conjunto de possibilidades das quais as pessoas poderiam escolher qualquer uma, classificando esta visão como uma formulação “baseada na escolha”. Seguindo a mesma linha, Giri (2000, p. 1004) reconhece como válida a contribuição de Sen à redefinição do bem-estar, através da abordagem de funcionamentos e capacidades, porém, critica tal abordagem por não dar a ênfase necessária ao auto-desenvolvimento e à auto-realização dos autores. “O seu conceito de bem-estar não tem uma noção de crítica reflexiva, criativa, auto-transformador, e seu conceito de capacidade não incorporam a procura e busca de estar, tornando-se, auto-desenvolvimento e auto-realização por parte dos atores” (GIRI, 2000, p. 1004).

Quando Sen (2000) define capacidade como as possibilidades que uma pessoa tem em um certo cenário social, segundo Prendergast (2005, p. 1162), fica possível analisar a capacidade no nível individual. Tungodden (2001, p. 4) também observa o foco no indivíduo da abordagem das capacidades. Segundo o autor, a avaliação de qualquer processo de desenvolvimento teria de ser feita em dois níveis diferentes, o primeiro seria o nível individual (como o processo melhora as condições de vida das pessoas) e outro, o nível agregado (ou seja, co-

mo agregar as reivindicações dos diferentes indivíduos). Gasper (2002, p. 436) reconhece a importância da abordagem das capacidades e afirma que ela teria grande utilidade na crítica à teoria convencional do bem-estar e ao foco no Produto.

Desta forma, uma das principais críticas em relação à abordagem das capacidades é que ela seria muito difícil de se operacionalizar. Neste sentido, Sugden (1993 p. 1953) defende que dado o conjunto de funcionamentos que Sen considera relevantes e dada a discordância entre as pessoas em relação ao que é uma boa vida, é natural se perguntar até que ponto a estrutura de pensamento de Sen é realmente operacional. Roybens (2000, p. 23-26), reconhece que o número de aplicações empíricas que utilizam a abordagem das capacidades ainda é reduzido, porém não há motivos para considerar impossível a operacionalização da abordagem. Segundo Machado (2007), fica claro, portanto, que a abordagem é operacional. Porém, Robeyns (2000, p. 22) é clara ao afirmar que seria um erro esperar que a abordagem das capacidades seja tão operacional quanto à medição da renda real, por exemplo.

Embora o fato da perspectiva da capacidade – que inclui um enfoque sobre a capacidade do indivíduo de agir ou, mais precisamente de exercer a agência – tal como sugerido por Nussbaum (2002), Anderson (1999), Alkire (2002), Robeyns (2000) e outros tem recebido atenção substancial não só de economistas mas também outros cientistas sociais. Não obstante o fato de que existe aparentemente uma forte relação “entre [...] a] abordagem da capacidade e educação” (SAITO, 2003), apenas recentemente tem se visto um crescente interesse em uma análise empírica sob o ponto de vista educativo. Isto é surpreendente não só porque esta “abordagem é claramente apta para fins de exploração a partir de um ponto de vista educativo” (SAITO, 2003), mas também porque educação e alfabetização possam efetivamente ser consideradas como fatores fundamentais para a abordagem de capacidade: ambos poderiam ser consideradas como recursos fundamentais que permitem aos cidadãos estruturar as oportunidades efetivas de viver uma vida que tenham motivos para escolher e dar valor. Não há praticamente nenhuma dúvida de que sendo alfabetizados, entendido e ter acesso a uma educação que permite que uma pessoa florescer em geral (ROBEYNS, 2005) possa ser uma valiosa capacidade (UNTERHALTER, 2003).

A relação entre a capacidade e a perspectiva da educação é, nomeadamente, reconhecida no Relatório da UNESCO “Educação para Todos” (2003). O presente relatório sugere que as políticas devem ser

julgadas para ser bem sucedidas no caso de terem reforçado as capacidades da população [...]. Dada esta perspectiva da capacidade, então, a educação é importante por várias razões. [...] A capacidade humana na abordagem à educação [...] reconhece que a educação é intrinsecamente valiosa como um fim em si mesmo [...]. Em comparação com outras abordagens a capacidade abordagem vai mais além e

clarifica as diversas razões para a importância da educação. Embora muitos dos argumentos para a educação tradicional instrumental [...] sejam aceitos, o traço distintivo da abordagem da capacidade humana é se deve ou não se expandir as liberdades reais que as pessoas dão valor. A educação é fundamental para este processo (UNESCO, 2003, p. 32-33).

A perspectiva da abordagem da capacidade cresce em um paradigma de desenvolvimento, bem-estar social, educação e de política social. Entre outros aspectos, porque esta abordagem não só fornece uma referência analítica deliberada para a avaliação, uma espécie de guarda-chuva teórico para os atuais estudos empíricos, mas também permite o domínio de campo e específicas operacionalizações empíricas.

A força desta abordagem reside na sua capacidade para fornecer ferramentas dentro das quais alfabetização, ensino de competências e outros aspectos poderiam ser adequadamente conceituados e avaliados. Compreendido nestes termos, a abordagem da capacidade poderia ser considerada como um quadro de promoção da educação, ou seja, a contribuição da educação para permitir que os indivíduos possam levar a igualdade democrática dos cidadãos na condução das suas vidas nas sociedades modernas.

Assim, é necessário “ter em conta [...] que] educação, e outras características de uma boa qualidade de vida são importantes a si próprio [...], e não apenas como, o capital humano, orientado para a produção de mercadorias” (DRÈZE E SEN, 1995, p. 43). Mais críticos, Dean et al. (2004) sugerem que a noção de “capital humano” tende a implicar em “uma abordagem gerencialista que não está preocupada em como reforçar as capacidades humanas, mas em incentivos econômicos e a maximização individual de auto-suficiência, lidando com o “aprender fazendo” (SEN, 1966). A maior oferta de qualificações de formação de uma pessoa pode melhorar o funcionamento da economia, mas não vai reforçar a capacidade de si próprio em escolher o modo como ela vive ou como alcançará a felicidade. Competências e conhecimentos que podem ser explorados no mercado de trabalho não são as mesmas coisas que a abordagem das capacidades (ROBEYNS, 2005). Perante este cenário, também é enganoso confundir uma abordagem capacidades relativas à educação e alfabetização com uma “ideologia da capacidade” reproduzindo a promoção da desigualdade educativa ignorando-se a importância de uma pesquisa empírica da classe social a que se refere o sucesso escolar (geralmente medido em termos de “capital humano”). Esta é uma abordagem que evita as capacidades pela educação. E esta também poderia ser considerada como uma das principais diferenças entre uma noção de capacidade e as “competências” analiticamente individualizadas das pessoas.

A partir da perspectiva capacidade, em contrapartida, educação e alfabetização tem tanto valor intrínseco como instrumental (SAITO, 2003; UNTERHALTER, 2003). A abordagem da capacidade à educação e alfabetização deve gerar uma avaliação dos processos de aprendizagem e aquisição a serem incorporados em conseqüências sociais, culturais, econômicas e os regimes políticos, tendo em conta as aspirações individuais, em vez de ditar benchmarks sociais. Estes processos relacionais são avaliados no espaço valorizado desses “seres” que Nussbaum (2000) e Sen (2000) usam para ligar para as capacidades de cada um dos agentes.

Do ponto de vista da perspectiva da capacidade a educação pode, portanto, ser devidamente considerada como um processo de expansão capacidades, bem como um processo que decide se os indivíduos têm de permanecer estáticos ou sejam capazes de avançar para além do seu senso de lugar. Além disso, uma abordagem baseada em funcionamento e capacidade humana pode rejeitar a preferência à abordagem utilitarista, precisamente porque eles foram incapazes de conduzir uma análise crítica da preferência e o desejo que iria revelar as várias maneiras em que hábito, o medo, as baixas expectativas e injustas condições de vida deformam as escolhas do povo e até mesmo os desejos de suas próprias vidas (NUSSBAUM, 2000). Sen (1992, p. 44), por exemplo, identifica, como uma educação de “um número relativamente pequeno de pessoas são cruciais para o bem-estar”. Nussbaum (1997, 2006) identifica três grandes capacidades associadas com a educação: (a) o pensamento crítico ou a análise de vida; (b) o cidadão ideal de mundo, e (c) o desenvolvimento da imaginação narrativa.

Como Saito (2003, p. 25) coloca

em suma, por um lado, a educação é um fator importante para ampliar as capacidades humanas. Por outro lado, as capacidades humanas desempenham um papel de influência tanto a valores intrínsecos quanto instrumental. Por conseguinte, figura-se oportuno dizer que a educação desempenha um papel de influenciar tanto a valores intrínsecos quanto instrumental. O conceito de capacidades humanas tem contribuído para esta discussão esclarecendo o processo de influenciar valores intrínsecos e instrumentais através da educação. Desmistificar como este processo contribui para a educação como se mostram preocupados tanto com o valor intrínseco quanto com o valor instrumental.

Além de reorientar a atenção para considerar a educação como força motriz das capacidades, os dados acima nos leva à alegação de que a noção de capacidades desenvolvidas por Sen (2000) e Nussbaum (2006) recaptura a perspectiva humanista da educação, que tinha sido parcialmente eclipsada pela questão simplista candidatura modernista de teorias da educação. “A restauração da visão humanista para o debate acadêmico constitui uma boa razão para intervir nas análises relativas à ligação entre educação e liberdade (entendida como capacidade)” (CRESPO, 2007, p. 48). Ao fazê-lo, vários autores anteriores a esta abordagem precisam

ser reexaminados a fim de compreender como educação contribui para a expansão da liberdade humana. Neste sentido, consideramos Paulo Freire (1971, p. 104), que salienta:

pensávamos numa alfabetização direta e realmente ligada à democratização da cultura, que fosse uma introdução a esta democratização. Numa alfabetização que, por isso mesmo, tivesse no homem, não esse paciente do processo, cuja virtude única é ter mesmo paciência para suportar o abismo entre sua experiência existencial e o conteúdo que lhe oferecem para sua aprendizagem, mas o seu sujeito. Numa alfabetização em que o homem, porque não fosse seu paciente, seu objeto, desenvolvesse a paciência, a vivacidade, característica dos estados de procura, de invenção e reivindicação.

Desta forma, tanto nos trabalhos de Sen (2000, 2001) quanto de Nussbaum (1997, 2006) e de Freire (1971) a educação é, por si só, uma base que afeta a capacidade de desenvolvimento e expansão de outras capacidades. A oportunidade para a educação e para o desenvolvimento de uma educação amplia as capacidades individuais gerando liberdades humanas. A falta de educação, desta forma, prejudica o desenvolvimento humano e as escolhas para se ter uma vida plena. Educação, assim, contribui para efeitos interpessoais onde as pessoas são capazes de utilizar os benefícios da educação para ajudar os outros e, conseqüentemente, contribuir para o bem social e das liberdades democráticas. Em suma, “educação é uma boa capacidade humana para a expansão das liberdades humanas”. (WALKER e UNTERHALTER, 2007, p. 8)

6 OBJETO DE PESQUISA

O desenvolvimento diz respeito a transformar a vida das pessoas, não apenas as economias. As políticas de educação ou de emprego precisam ser vistas através dessa dupla lente: como elas promovem o crescimento e como afetam os indivíduos diretamente. Os economistas falam de educação como capital humano: o investimento nas pessoas produz um retorno, do mesmo modo como o investimento em máquinas. Mas a educação faz mais do que isso. Ela abre as cabeças para a noção de que a mudança é possível e que há outras maneiras de organizar a produção, na medida em que ensina os princípios básicos da ciência moderna e os elementos do raciocínio analítico, aumentando a capacidade de aprender (STIGLITZ, 2007; NUSSBAUM, 2002).

A educação ao longo da vida implica repensar o conteúdo que reflita certos fatores, como idade, igualdade entre os sexos, necessidades especiais, idioma, cultura e disparidades econômicas. Engloba todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, onde pessoas consideradas “adultas” pela sociedade desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade. A educação de adultos inclui a educação formal, a educação não-formal e o espectro da aprendizagem informal e incidental disponível numa sociedade multicultural, onde os estudos baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos. A UNESCO (1997, p. 2) “reconhece a diversidade dos sistemas políticos, econômicos e sociais, bem como as estruturas governamentais entre os países, que de acordo com tal diversidade, e assegura o respeito integral aos direitos humanos e às liberdades individuais”.

Desta forma para a UNESCO (1997, p. 4), a alfabetização é

... concebida como o conhecimento básico, necessário a todos num mundo em transformação em sentido amplo, é um direito humano fundamental. Em toda sociedade, a alfabetização é uma habilidade primordial em si mesma e um dos pilares para o desenvolvimento de outras habilidades. Existem milhões de pessoas - a maioria mulheres - que não têm a oportunidade de aprender nem mesmo o acesso a esse direito. O desafio é oferecer-lhes esse direito. Isso implica criar pré-condições para a efetiva educação, por meio da conscientização e do fortalecimento do indivíduo. A alfabetização tem também o papel de promover a participação em atividades sociais, econômicas, políticas e culturais, além de ser requisito básico para a educação continuada durante toda a vida. Portanto, nós nos comprometemos a assegurar oportunidades para que todos possam ser alfabetizados; comprometemo-nos também a criar, nos Estados-Membros, um ambiente favorável à proteção da cultura oral. Oportunidades de educação para todos, incluindo os afastados e os excluídos, é a preocupação mais urgente. A Conferência vê com agrado a iniciativa de se proclamar a década da alfabetização, a partir de 1998, em homenagem a Paulo Freire.

“O analfabeto aprende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever. Prepara-se para ser o agente deste aprendizado” (FREIRE, 1971, p. 111), e consegue fazê-lo, na medida mesma em que a alfabetização é mais do que o simples domínio psicológico e mecânico de técnicas de escrever e de ler. É o domínio dessas técnicas, em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação.

6. 1 Justificativa do objeto

O presente objeto justifica-se, uma vez que a educação de adultos, dentro desse contexto, torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de ser um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça. Os objetivos da educação de jovens e adultos, vistos como um processo de longo prazo, desenvolvem a autonomia e o senso de responsabilidade das pessoas e das comunidades, fortalecendo a capacidade de lidar com as transformações que ocorrem na economia, na cultura e na sociedade como um todo; promove a coexistência, a tolerância e a participação criativa e crítica dos cidadãos em suas comunidades, permitindo assim que as pessoas controlem seus destinos e enfrentem os desafios que se encontram à frente (UNESCO, 1997).

Como foi o exemplificado em Freire (1971), que desenvolveu um trabalho com adultos que tentasse a promoção da ingenuidade em criticidade, ao mesmo tempo em que se alfabetizasse a pessoa. Em uma alfabetização direta e realmente ligada à democratização da cultura, que fosse uma introdução a esta democratização. Em uma alfabetização que, por isso mesmo, tivesse no homem, não esse paciente do processo, cuja virtude única é ter mesmo paciência para suportar o abismo entre sua experiência existencial e o conteúdo que lhe oferecem para sua aprendizagem, mas o seu sujeito. Numa alfabetização em que o homem, porque não fosse seu paciente, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a vivacidade, característica dos estados de procura, de invenção e reivindicação.

Segundo Freire (1971, p. 104-105)

Partíamos de que a posição normal do homem, como já afirmamos no primeiro capítulo deste trabalho, era a de não apenas estar no mundo, mas com ele. A de travar relações permanentes com este mundo, de que decorre pelos atos de criação e recreação, o acrescentamento que ele faz ao mundo natural, que não fez, representado na realidade cultural. E de que, nestas relações com a realidade e na realidade, trava o homem uma relação específica – de sujeito para objeto – de que resulta o conhecimento, que expressa pela linguagem.

Esta relação é feita pelo homem, independentemente de se é ou não alfabetizado. Basta ser homem para realizá-la. Para ser capaz de saber, ainda que seja este saber meramente opinativo. Daí que não haja ignorância absoluta, nem sabedoria absoluta. Por isso é que é próprio da consciência crítica a sua integração com a realidade, enquanto que da ingênua o próprio é sua superposição à realidade. Restava tentar, em uma sociedade em transição como a brasileira, inserida no processo de democratização fundamental, com o povo em grande parte emergindo, uma educação que fosse capaz de colaborar com ele na indispensável organização reflexiva de seu pensamento (FREIRE, 1971). Educação que lhe pusesse à disposição meios com os quais fosse capaz de superar a captação mágica ou ingênua de sua realidade, por uma predominantemente crítica. Isto significava então colaborar com ele, o povo, para que assumisse posições cada vez identificadas com o clima dinâmico da fase de transição. Posições integradas com as exigências da Democratização fundamental, por isso mesmo, combatendo a inexperience democrática.

7 METODOLOGIA

A pesquisa social tem sido marcada fortemente por estudos que valorizam o emprego de métodos qualitativos para descrever e explicar fenômenos (NEVES, 1996). Uma técnica qualitativa segundo Creswell (2007, p. 35) é aquela que o investigador faz alegações de conhecimento com base principalmente em perspectivas construtivistas (ou seja, significados múltiplos das experiências individuais, significados sociais e historicamente construídos, com o objetivo de desenvolver uma teoria ou um padrão) ou em perspectivas reivindicatórias/ participatórias (ou seja, políticas, orientadas a questão; ou colaborativas, orientadas para mudança) ou em ambas. Ela também usa estratégias de investigação como narrativas, fenomenológicas e etnografias. O pesquisador coleta dados emergentes abertos com o objetivo principal de desenvolver temas a partir dos dados.

Já para Denzin e Lincon (2006, p. 17):

qualquer definição da pesquisa qualitativa deve atuar dentro de um complexo campo histórico. A pesquisa qualitativa tem um significado diferente a cada momento. No entanto, pode-se oferecer uma definição genérica inicial: a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas matéricas e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

A expressão pesquisa qualitativa assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (MAANEN, 1979, p. 520). Em sua maioria, os estudos qualitativos são feitos no local de origem dos dados; não impedem o pesquisador de empregar a lógica do empirismo científico (adequada para fenômenos claramente definidos), mas partem da suposição de que seja mais apropriado empregar a perspectiva da análise fenomenológica, quando se trata de fenômenos singulares e dotados de certo grau de ambigüidade (NEVES, 1996).

A estratégia qualitativa não é a comumente usada em estudos sobre economia do desenvolvimento, uma das vantagens do presente trabalho é diferenciá-lo exatamente pelas forças da pesquisa qualitativa, porém com um ponto de fraqueza, uma vez que impossibilita as

generalizações, sendo as amostras muito limitadas e intencionais. A pesquisa de caráter qualitativo permite que saiamos dos “agregados populacionais” como típico na economia, para explorar a vida real de indivíduos inseridos nestes agregados. Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha correta de métodos e teorias oportunos, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento, e na variedade de abordagens e métodos. Segundo Flick (2004, p. 20), a lista preliminar dos aspectos da pesquisa qualitativa são

- Apropriabilidade de métodos e teorias
- Perspectivas dos participantes e sua diversidade
- Reflexividade do pesquisador e da pesquisa
- Variedade de abordagens e métodos na pesquisa qualitativa

O desenvolvimento de um estudo de pesquisa qualitativa supõe um corte temporal-espacial de determinado fenômeno por parte do pesquisador. Esse corte define o campo e a dimensão em que o trabalho desenvolver-se-á, isto é, o território a ser mapeado. O trabalho de descrição tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que os dados são coletados (MANNING, 1979, p. 668). Desta forma, a pesquisa qualitativa é orientada para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais (FLICK, 2004).

Sob a rubrica da pesquisa qualitativa, resumem-se várias abordagens de pesquisa que diferem em suas suposições teóricas, no modo como compreendem seu objeto e em seu foco metodológico, uma delas é a estratégia de entrevistas em profundidade com ênfase em histórias de vida. Segundo Lakatos e Marconi (1991), a entrevista em profundidade consiste numa conversa face a face, através da qual se busca obter informações do entrevistado sobre determinado assunto. A pesquisa individual em profundidade é realizada pessoalmente por um entrevistador com habilidade para extrair do entrevistado suas idéias, opiniões e argumentações que sustentem suas declarações. Para este tipo de pesquisa o entrevistador utiliza um roteiro que permite investigar o assunto de maneira livre, e possibilita o aprofundamento dos temas previamente determinados e dos temas identificados no desenrolar da entrevista.

A entrevista é definida por Haguette (1997, p. 86) como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. A entrevista como coleta de dados sobre um determinado tema científico é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo (BONI; QUARESMA, 2005). Através dela os pesquisados buscam obter informações, ou seja, coletadas dados objetivos e subjetivos.

Geralmente, nesse tipo de entrevista as perguntas são abertas e são respondidas no âmbito de uma conversação. Segundo Gil (1999) apresenta três modalidades:

- a) **por pautas:** o entrevistador se guia por uma relação de pontos de interesse (pauta), que vai explorando no decorrer da entrevista; tem a liberdade explorá-los fazendo as perguntas que julgar necessárias, na ordem e profundidade que quiser. É utilizada quando os pesquisados não se sentem à vontade para responder a perguntas formuladas com maior rigidez;
- b) **não-estruturada:** há um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar, e o entrevistado fala livremente à medida que se refere a eles. Ao entrevistador cabe conduzir a entrevista não deixando que o entrevistado se desvie do assunto;
- c) **não-dirigida:** o entrevistado fala livremente a respeito do tema, expressando suas opiniões e sentimentos; o entrevistador tem a função de incentivar a entrevista, levando o informante a falar sobre o assunto, sem, entretanto, lhe fazer perguntas. Esse tipo de entrevista é o menos estruturado possível, sendo utilizado nos estudos exploratórios, que visam abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador.

Para o presente estudo, foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, pois o intuito é dar ênfase a conteúdos não previstos pelos pesquisadores. Neste caso, tem-se perguntas mais amplas de entrevista (conforme visto no apêndice A) e deixa-se o entrevistado desenvolver mais livremente suas considerações a respeito do tópico sugerido. O entrevistador deve garantir que o entrevistado não fuja do assunto ou da problemática, direcionado a conversa, mas deixando-a fluir o mais naturalmente possível. A entrevista pode assumir o formato de um relato ou um testemunho.

As entrevistas pela estratégia de história de vida é um método que recolhe informações sobre a essência subjetiva da vida de uma pessoa (ATIKINSON, 1998, p. 3). Cabe lembrar que deve-se estar ciente dos avanços e recuos, da cronologia própria, e da fantasia e idealização que costumam permear narrativas quando elas envolvem lembranças, memórias e recordações. Farias (1994) adverte que as entrevistas de história de vida trabalham com memória e, portanto, com seletividade, o que faz com que o entrevistado aprofunde determinados assuntos em detrimento a outros na discussão. No entanto, como nos diz Bosi (1994), o que interessa quando trabalhamos com história de vida é a narrativa da vida de cada um, da maneira como ele a reconstrói e do modo como ele pretende seja sua, a vida assim narrada. Queiroz (1988) coloca a história de vida no quadro amplo da história oral que também inclui depoimentos, entrevistas, biografias, autobiografias. Considera que toda história de vida encerra um

conjunto de depoimentos e, embora tenha sido o pesquisador a escolher o tema, a formular as questões ou a esboçar um roteiro temático, é o narrador que decide o que narrar. A autora vê na história de vida uma ferramenta valiosa exatamente por se colocar justamente no ponto no qual se cruzam vida individual e contexto social.

Haguette (1997) considera que a história de vida, mais do que qualquer outra técnica, exceto talvez a observação participante, é aquela capaz de dar sentido à noção de processo. Este “processo em movimento” requer uma compreensão íntima da vida de outros, o que permite que os temas abordados sejam estudados do ponto de vista de quem os vivencia, com suas suposições, seus mundos, suas pressões e constrangimentos. Camargo (1984) complementa que o uso da história de vida possibilita apreender a cultura “do lado de dentro”; constituindo-se em instrumento valioso, uma vez que se coloca justamente no ponto de intersecção das relações entre o que é exterior ao indivíduo e aquilo que ele traz dentro de si. O mesmo pensa Cipriani (1988) quando considera o “livre fluir do discurso”, condição indispensável para que vivências pessoais desponham profundamente entranhadas no social, o processo de “escavação do microcosmo” deixa entrever o “macrocosmo”, o universal mostra-se invariavelmente presente no singular.

O entendimento construído sobre a história de vida como um relato oral ou escrito, recolhido através de entrevista ou de diários pessoais, objetiva compreender uma vida, ou parte dela, como possível para desvelar e/ou reconstituir processos históricos e sócio-culturais vividos pelos sujeitos em diferentes contextos.

Análise de dados consiste em examinar, categorizar, classificar em tabelas, testar ou, do contrário, recombina as evidências quantitativas e qualitativas para tratar as proposições iniciais de um estudo. Analisar as evidências de um estudo de caso é uma atividade particularmente difícil, pois as estratégias e as técnicas não têm sido muito bem definidas. A familiaridade com várias ferramentas e técnicas de manipulação é muito útil, mas cada estudo de caso deve se esforçar para ter uma estratégia analítica geral – estabelecendo prioridades do que deve ser analisado e por quê. Também se deve fazer comparações importantes com as proposições concorrentes e ameaças a validade interna dentro de cada caso individual. Em um estudo de caso, o desafio de apresentar dados qualitativos ricos é facilmente abordado por simplesmente apresentar uma prestação relativamente completa da história dentro do texto. A história normalmente consiste de narrativa que é intercalada com citações de informantes-chave e outros elementos comprovativos. A história é, então, entrelaçada com a teoria, a fim de demonstrar a estreita ligação entre a evidência empírica e teoria emergente. Esta interação mantém tanto teoria e provas na vanguarda do papel.

Em pesquisas baseadas em entrevistas, a fase de análise dos dados se inicia junto com a coleta, já que o pesquisador deve de alguma maneira guiar as conversas, selecionar tópicos emergentes relevantes e anotar seletivamente o conteúdo das entrevistas para a elaboração posterior de um relatório, ou transcrever a entrevista (quando gravadas). As decisões de amostragem relacionam-se à execução das entrevistas num processo que requer a contínua análise por parte do pesquisador, que precisa maximizar os conteúdos à sua disposição. Com os dados coletados, Langley (1999) aponta diversas estratégias alternativas para a análise e apresentação de dados processuais, com os coletados para esta pesquisa uma vez que foram coletados em vários momentos, levando em consideração não apenas a situação atual, mas também as condições passadas e as perspectivas futuras dos sujeitos. Idealmente, a variedade e a riqueza dos incidentes descritos e das ligações entre elas devem transmitir um elevado grau de autenticidade que não possam ser atingidos com grandes amostras.

Análise de dados consiste em examinar, categorizar, classificar em tabelas, testar ou, do contrário, recombinar as evidências quantitativas e qualitativas para tratar as proposições iniciais de um estudo. Analisar as evidências de um estudo de caso é uma atividade particularmente difícil, pois as estratégias e as técnicas não têm sido muito bem definidas. A familiaridade com várias ferramentas e técnicas de manipulação é muito útil, mas cada estudo de caso deve se esforçar para ter uma estratégia analítica geral – estabelecendo prioridades do que deve ser analisado e por quê.

São muitos os métodos e as técnicas de coleta e análise de dados em uma abordagem qualitativa e, entre eles, a história de vida ocupa lugar de destaque. Através da história de vida pode-se captar o que acontece na intersecção do individual com o social, assim como permite que elementos do presente fundam-se a evocações passadas. Podemos, assim dizer, que a vida olhada de forma retrospectiva faculta uma visão total de seu conjunto, e que é o tempo presente que torna possível uma compreensão mais aprofundada do momento passado. É o que, em outras palavras, nos diz Soares (1994, p. 23) quando discute as articulações entre os conceitos vida e sentido: “Somente *a posteriori* podem-se imputar, aos retalhos caóticos de vivência, as conexões de sentido que os convertem em ”experiência”.

O processo de codificação das entrevistas remota aos estudos de desenvolvimento como liberdade propostos por Sen (2000), para tanto quatro categorias principais de análise utilizadas para a apreciação das entrevistas foram: funcionamentos, capacidades, liberdades e desenvolvimento. Por funcionamentos entende-se as realizações de uma pessoa (estar nutrido, estar em boa saúde, ser feliz, ter respeito próprio, etc.). Por capacidades entende-se como as escolhas de vida mínima, sem as quais não há bem estar, ou seja, o conjunto de vetores de

funcionamentos, refletindo a liberdade da pessoa para levar um tipo de vida ou outro (SEN, 2001). Por liberdade entende-se as capacidades (operacionalidade de escolhas concretas em face as possibilidades) que uma pessoa adquire durante a sua vida, que levam a sua transformação social. Por desenvolvimento entende-se um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas possuem. Estas unidades de análise contribuem à compreensão da problemática e, como regra geral, pode-se dizer que mais de uma unidade de análise permite ao pesquisador acessar diferentes ângulos da problemática, tornando o estudo mais rico.

7.1 Pergunta de pesquisa

Como processos de educação de adultos geram desenvolvimento, segundo os conceitos de Amartya Sen?

7.2 Perguntas secundárias de pesquisa

Com base no referencial teórico proposto por Sen (2000), derivamos as seguintes perguntas secundárias de pesquisa:

- a) quais funcionamentos podem ser adquiridos pelos participantes de um processo de alfabetização de adultos?;
- b) como a abordagem da capacidade pode considerar toda a extensão da liberdade para escolher entre diferentes pacotes de funcionamentos?;
- c) as várias combinações de funcionamentos que uma pessoa pode realizar através da educação de adultos geram quais capacidades necessárias para a operacionalização do conceito de desenvolvimento como liberdade proposto por Sen?.

7.3 Caracterização dos entrevistados

A caracterização dos entrevistados ocorreu da seguinte forma. A seleção da amostra foi realizada de modo intencional, sem intenção probabilística, de acordo com o perfil desejado para consecução do presente trabalho. Para tanto foram selecionadas as seguintes pessoas, abaixo caracterizadas:

- a) Flávia Ramalho, professora da escola José Fernando Medina Braga, pertencente ao Grupo ABC desde o ano de 2000. Ficou conhecendo a escola através de uma pessoa amiga nossa que veio apresentar o projeto da escola. A escola tem 12 anos e durante este período cerca de 300 funcionários participaram do processo de educação de adultos. Os funcionários eram divididos em grupos, grupo 1, 2 e 3. De primeira à Quarta série; de Quinta à oitava série e Ensino Médio. O objetivo do Grupo ABC com a escola é erradicar o analfabetismo dentro da empresa, do Grupo ABC e dar oportunidade de continuidade de estudo a estes funcionários.
- b) Tânia Maria da Silva, 28 anos, dona-do-lar. Natural do Nordeste, onde estudou até a quarta série, veio para São Paulo. Sua família é composta por cinco pessoas: seu pai, sua mãe e mais duas irmãs. Com 19 anos, entrou na escola José Fernando Medina Braga onde estudou durante quatro anos, porém se acidentou e não pode continuar na escola. Ainda não possui diploma. Atualmente faz curso de culinária, pois sonha em ser cozinheira e montar um negócio.
- c) Raimundo dos Santos Souza, 40 anos, zelador. Natural do Nordeste possui um irmão e uma irmã. Começou a estudar com 8 anos, após uma breve interrupção dos estudos, voltou a estudar com 12 anos, porém, acabou abandonando a escola devido a “obrigação” de ajudar os pais. Com 19 anos veio para São Paulo e só volta para o Nordeste a passeio. Em São Paulo sempre trabalhou em prédios, primeiro trabalhou na limpeza, após um ano, passou a trabalhar na portaria. Logo depois o vigia foi demitido, e ele assumiu a função, ficando apenas 2 meses, para depois voltar para portaria. Em setembro de 1993, assumiu a zeladoria de um prédio pequeno que tem 28 famílias, onde trabalha atualmente. Gosta de brincar com baralho, dominó e gosta de assistir jogo de futebol pela televisão, apesar de não ser torcedor fanático. Casado, tem um filho de oito anos e outro filho no Nordeste com 22 anos. A esposa estudou até a sexta série. Estuda

no Centro Social Paroquial de São Geraldo das Perdizes desde 2008. Sonha, quando se aposentar, em voltar para o Nordeste, onde poderá lidar com terra e plantação.

- d) Laédio D. Santos, 34 anos, trabalha em um restaurante. Natural do Ceará, sua família é composta pelos pais e mais 10 irmãos. Não estudou quando criança, pois trabalhava em uma fazenda lidando com gados. Na adolescência não estudou por falta de interesse. Chegou a São Paulo com 16 anos e achava que só trabalhar, sem estudos, era suficiente. Trabalhou em um restaurante na Lapa, lavando louças e panelas sujas; trabalhou no restaurante Tivoli, atualmente trabalha no restaurante ViraLata, onde trabalha na cozinha na parte de preparação dos alimentos e após o almoço trabalha na chapa. Casado, conheceu sua esposa (paulistana) em 1992, tinha 17 anos e ela, 16 anos, quando ela ficou grávida do primeiro filho. Têm dois filhos, um menino de 14 anos (Alexandre) e uma filha de 4 anos. Mora numa kitchenete com a esposa e os filhos. Com 28 anos foi estudar na escola de educação de adultos das faculdades Osvaldo Cruz, porém se sentiu acanhado e desistiu de estudar. Após incentivo da esposa, estuda no Centro Social Paroquial de São Geraldo das Perdizes desde 2007.
- e) Arnóbio da Gama, 40 anos, desempregado. Natural da Bahia. Estudou até a 3ª série do estudo fundamental. Quando criança faltava às aulas para jogar bola, quando adolescente, ao invés de estudar passou a trabalhar. Aos 18 anos, tirou os seus documentos e veio para São Paulo, sem estudos. Seu primeiro emprego, em São Paulo foi em uma firma metalúrgica; aos 25 anos passou a trabalhar em um supermercado, como estoquista, onde ficou até os 36 anos. Após sua experiência no supermercado, foi trabalhar como prensista, até ser demitido. Estuda desde 2005 e atualmente cursa a primeira série do ensino médio. Sonha em terminar os estudos e trabalhar. Casado, 40 anos, tem um filho de 13 anos.

8 ANÁLISE DOS DADOS

Os papéis instrumentais da liberdade incluem vários componentes distintos, porém inter-relacionados, como facilidades econômicas, liberdades políticas, oportunidades sociais, garantias de transparência e segurança protetora. Esses direitos, oportunidades e entitamentos instrumentais possuem fortes encadeamentos entre si. O processo de desenvolvimento é crucialmente influenciado por essas inter-relações. Os fins e os meios do desenvolvimento exigem que a perspectiva da liberdade seja colocada no centro do palco. Nessa perspectiva, as pessoas têm de ser vistas como ativamente envolvidas – dada à oportunidade – na conformação de seu próprio destino, e não apenas como beneficiárias passivas dos frutos de engenhosos programas de desenvolvimento. O Estado e a sociedade têm papéis amplos no fortalecimento e na proteção das capacidades humanas. São papéis de sustentação, e não de entrega sob encomenda. A perspectiva de que a liberdade é central em relação aos fins e aos meios de desenvolvimento merece toda a nossa atenção. A teoria de Sen (2000) de desenvolvimento como expansão das capacidades é um ponto inicial para o Desenvolvimento Humano; a idéia de que o objetivo do desenvolvimento é melhorar as vidas humanas e que isso significa expandir as possibilidades de ser e de fazer do indivíduo (tais como ser saudável, bem nutrido, ter conhecimento, participar da vida da comunidade). Assim considerado, o desenvolvimento significa remover os obstáculos para fazer aquilo que uma pessoa pode fazer na vida, tais como analfabetismo, falta de saúde, impossibilidade de acesso a recursos, ou ausência de liberdades civis e políticas.

Analisando as seções anteriores, a conexão da abordagem das capacidades com o paradigma do desenvolvimento humano fica evidente. No entanto, segundo Machado (2007), isso não quer dizer que se tratam da mesma coisa. O desenvolvimento humano é um processo de aumentar a gama de escolha das pessoas (UNDP, 1990, p. 10). Mas, para aumentar essas escolhas, é fundamental a construção de capacidades humanas, isto é, a extensão de coisas que as pessoas podem ser ou fazer em suas vidas (UNDP, 2000, p. 23). Desta forma é interessante considerar os critérios utilizados pelos Relatórios de Desenvolvimento Humano para identificar as principais capacidades básicas dos indivíduos. Neste sentido, de acordo com Fukuda-Parr (2005, p. 308), dois critérios foram utilizados. O primeiro é que as capacidades deveriam ser valorizadas universalmente. O segundo é que tais capacidades deveriam ser “básicas” para vida. Isso quer dizer que, na ausência de tais capacidades, haveria um considerável estreitamento na gama de outras escolhas possíveis.

A economia política da globalização posiciona a educação como uma das principais *commodities* mundiais, um atributo de pessoas integradas em relações sociais mundiais, uma plataforma a partir da qual as pessoas buscam desenvolver uma melhor saúde, empregabilidade, maiores níveis de competências, melhores níveis de compreensão social. Trabalhar com educação é uma medida útil para saber se as pessoas aprendem e, com a ajuda das às várias interpretações da literatura, interpretar como este fenômeno pode tornar-se um indicador de funcionamentos, capacidade, liberdade e desenvolvimento propostos por Sen (2000).

Sen (1993, p. 30) observou uma vez que “capacidade não é uma palavra extremamente atraente”. A operacionalização pode ser usada num sentido em que, segundo Comim (2001, p. 1) “algo que pode ser posto em prática” ou algo estritamente definido, que significa quantificação restrita a um determinado nível de análise.

Assim, para “operacional” Comim (2001) quer dizer as diversas seqüências de transformar uma teoria em um objeto de valor prático. Para efeitos de simplificação, Comim (2001, p. 1) sugere que operacionalização consiste na seguinte seqüência/alternativa:

- i) inclusão teórica elaboração de conceitos teóricos com potencial relevância empírica;
- ii) medição: transformação destes conceitos teóricos em variáveis empíricas ;
- iii) aplicação: utilização destas variáveis qualitativas na análise empírica;

A abordagem das capacidades exige o processo de operacionalização, na sua totalidade: a partir da inclusão teórica (o que pressupõe uma investigação do contexto e da natureza do objeto) para a sua aplicação. A operacionalização da abordagem das capacidades é o mais importante desafio que está à frente deste quadro. Do mesmo modo, quando se analisa a relação entre o seu mérito e os créditos sobre a abordagem das capacidades, salienta Sen (1992, p.11) que as suas implicações “não são apenas de interesse teórico, também têm alguma importância prática”.

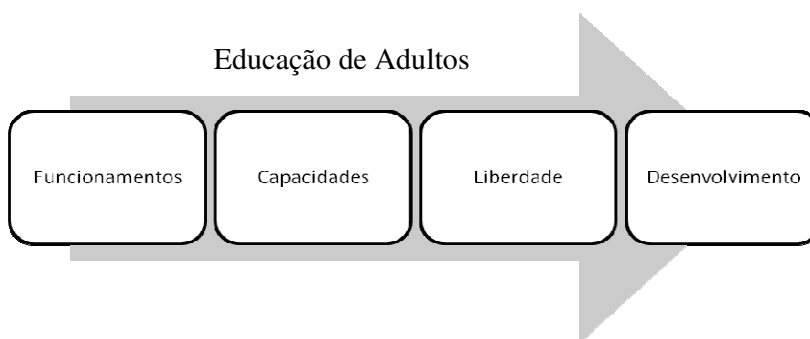


Figura 1 – O processo de educação de adultos frente aos pilares do desenvolvimento

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Sen (2000)

Dada estas considerações, educação pode não só ser interpretada como uma capacidade, mas também como um fator de conversão pessoal. Saito (2003) explica que a educação é um fator importante para ampliar as capacidades humanas. As capacidades humanas podem desempenhar um papel de influenciar tanto a valores essenciais e instrumentais, desta forma o conceito de capacidades humanas através da educação tem contribuído para esta discussão (OTTO; ZIEGLER, 2006).

Se a tarefa básica do ensino é desenvolver capacidades básicas para obter igualdade para todos (SEN, 2001), esta situação implicaria que cada pessoa chegue ou ultrapasse o nível limiar de cada uma das capacidades que são necessárias para uma vida minimamente digna. É evidente que esta tarefa pode ser desenvolvida em várias formas, pois, depende do que é identificado como capacidades base. Nesta investigação não é apropriado definir um valor fixo geral ou uma lista exaustiva de capacidades, melhor seria pensar em avaliar processos educativos com o foco em resultados mais amplos, como a capacitação, confiança, e participação cidadã. Para uma operacionalização relevante dos funcionamentos, capacidades adquiridas e, eventualmente, também do conjunto de fatores sociais, políticos e institucionais geradores do bem-estar e desenvolvimento, foi necessária uma investigação que incidiu consideravelmente sobre diferentes funcionamentos e capacidades, quando estudava a dotação de alfabetização de adultos no campo de escolaridade.

Para as principais sugestões no que diz respeito à identificação das capacidades básicas que possam ser consideradas fundamentais nos domínios da educação e do bem-estar, é necessário primeiramente identificar todo um conjunto de funcionamentos necessários para cada pessoa adquirir capacidades. Os funcionamentos ficam evidenciados através do modo como as pessoas vivem atualmente, comparadas com o modo em que viviam antes do processo de educação. Segundo Tânia Maria da Silva “eu não sabia quase nada porque eu vim do interior e eu não estudei muito e ai eu vim aqui morar pra São Paulo, eu morava no interior, lá no Nordeste. Cheguei aqui, não sabia nada né?” (informação verbal).¹

Já para Laédio D. Santos realmente, era muito sofrido

Esse foi o meu ponto de não estudar. Na adolescência foi um pouco de falta de interesse. Para os professores lá no interiorzão, se a gente não tinha interesse, pra eles tanto fazia. Ai então eu não estudei. Depois eu saí da escola pra trabalhar. Cheguei em São Paulo muito novo, 16 anos e precisava trabalhar. E eu achava que só trabalhar era suficiente. Tinha um pouco de cerimônia, de receio, assim, de depois de velho, já um pouco adulto ir estudar. Um pouco de receio das pessoas acharem problema. E nada era fácil pra mim. Eu não queria. Trabalho a noite (informação verbal).²

¹ Informação verbal concedida por Tânia Maria da Silva, no dia 15 de novembro de 2008 em entrevista.

² Informação verbal concedida por Laédio D. Santos, no dia 26 de novembro de 2008 em entrevista.

Por conta disso, os entrevistados, por muitas vezes enfrentavam diversas dificuldades no seu dia-a-dia, segundo Laédio D. Santos a “foi uma época que eu fui ao banco abrir uma conta pra mim e eu tremia muito pra assinar meu nome, não menti. Eu ficava muito nervoso, porque eu sentia medo, eu tava num lugar que realmente me fazia muito mal” (informação verbal)³. Para Raimundo dos Santos Souza “eu tinha às vezes tinha vergonha de mim mesmo, pensava: a gente não saber ler uma coisa, a gente fica meio envergonhado” (informação verbal)⁴.

Já para Arnóbio da Gama expressa que é constrangedor uma pessoa depender de outra por falta de conhecimento e ter que pedir informação para alguém

Eu achava ruim isso ai, ficava com vergonha. Até uma rua, as vezes passa por uma rua e tem vergonha de perguntar pra alguém, chega até passar da rua. Não que eu não soubesse ler os nomes, mas as vezes num lugar a gente tem vergonha de pedir pra pessoa e a pessoa ensina errado, tem gente que ensina errado né. Dava nervoso né. Acaba culpando alguém, acaba culpando a família né (informação verbal)⁵

Diante das dificuldades enfrentadas as pessoas começaram a perceber a importância dos estudos para sua vida e seu desenvolvimento pessoal. Para Raimundo dos Santos Souza “as vezes algum nome que a gente vê, que a gente não sabe... tenta e não consegue. Aí eu vi que seria muito bom eu voltar a estudar” (informação verbal)⁴. Segundo Arnóbio da Gama “depois que eu comecei a estudar eu vi, eu que quis que não era meu pai que me impedia de estudar, que era eu que, quando tive que me virar sozinho que vi que o estudo era muito importante” (informação verbal)⁵. Para Raimundo dos Santos Souza

A gente tenta aprender um pouquinho pra não ter dificuldades. Meu filho ta na escola e tem dia que ele chega e pergunta pra mim: pai, você pode me ensinar essa lição? Falei pra ele: ah, filho, seu pai quase não sabe. E naquilo eu me senti meio envergonhado de falar aquilo pra ele. Ai pedi pra um amigo meu ensinar ele e ele ensinou. Ai meu amigo: porque que você não volta pra escola? (informação verbal)⁴

Desta forma, o papel da escola é de grande importância para a identificação de novos funcionamentos, Laédio D. Santos

eu fui depois na Caixa Econômica Federal, depois de eu ter ido na Oswaldo Cruz (escola) e ela foi passando aquela confiança e falavam. Quando não souber alguma coisa, pode perguntar, é muito importante a gente ser realista, a não ter vergonha, cerimônia, pode perguntar, a gente tá aqui pra isso. Aí eu fui aprendendo (informação verbal)³.

³ Informação verbal concedida por Laédio D. Santos, no dia 26 de novembro de 2008 em entrevista.

⁴ Informação verbal concedida por Raimundo dos Santos Souza, no dia 25 de novembro de 2008 em entrevista.

⁵ Informação verbal concedida por Arnóbio da Gama, no dia 29 de novembro de 2008 em entrevista

Segundo Arnóbio da Gama “coisa de banco tinha que ficar chamando minha esposa. Hoje não, eu mexo com um cartão, 2 até 3 cartões. Hoje eu faço e antes eu tinha dificuldade. Hoje pra mim tá normal isso ai, com os estudos e tá melhorando” (informação verbal)⁶. Já Raimundo dos Santos Souza acredita que os estudos o ajudaram no seu dia a dia profissional:

Tem muitos moradores lá mesmo que, a gente ajuda numa limpeza e depois chama pra tomar café, ai eu acho que é uma consideração da pessoa. Antes, eu era meio assim, envergonhado. A pessoa chamava e eu falava que não queria e não ia. Agora o povo chama e eu vou. Isso veio antes, mas na parte do estudo, alguma coisa, a conversar, a ter assunto. A minha própria esposa fala que quando começa a falar, não quer parar mais. (informação verbal)⁷.

O mesmo ocorre com Arnóbio da Gama “com o estudo a gente melhora bastante, porque muita coisa a gente não vai ficar pedindo pros outros. E mais pro emprego, porque a gente precisa. As firmas pedem muito isso ai. Melhorou muito. Hoje eu já consigo fazer sozinho” (informação verbal)⁶.

Para realizar os funcionamentos acima citados (ir ao banco sem passar vergonha, superar a timidez para tomar um café com um condômino, ou evitar pedir alguma informação pessoal a algum colega de trabalho), o ideal é que cada pessoa deva ser sustentada através das capacidades de intervir em um nível satisfatório ou suficientemente bom (ARNESON, 2002). Cada pessoa tem de ser sustentada em toda sua vida, desde que seja viável, em função das capacidades, a um nível satisfatório de todas as formas necessárias para a plena adesão e participação em uma sociedade democrática. A abordagem das capacidades, neste estudo, é concebida em termos dos processos educativos, recaindo em como as pessoas agem como críticos da sua própria vida conduta. A idéia fundamental de Anderson (1999) é que esta abordagem deve elaborar capacidades básicas, analisando-as em termos de educação, parece ser justificável a entender as capacidades necessárias para funcionar como um cidadão dentro de uma sociedade democrática.

Laédio D. Santos, após os estudos: “agora já dá pro pouco que eu leio, entender o que é. Às vezes eu tenho dificuldade com uma letra ou palavra...mas a convivência no meu trabalho melhorou. Com certeza a convivência com as pessoas melhorou, o jeito de falar” (informação verbal)⁸. Mas, para Arnóbio da Gama “ toda hora tem que revisar. Eu já aplico muito as coisas, ainda to aprendendo. Tem muita coisa pra aprender. Por isso que eu acho que os estudos incentivam, isso é muito importante” (informação verbal)⁶.

⁶ Informação verbal concedida por Arnóbio da Gama, no dia 29 de novembro de 2008 em entrevista

⁷ Informação verbal concedida por Raimundo dos Santos Souza, no dia 25 de novembro de 2008 em entrevista.

⁸ Informação verbal concedida por Laédio D. Santos, no dia 26 de novembro de 2008 em entrevista.

Estes ensinamentos refletem nas capacidades adquiridas por cada pessoa participante de um processo de educação de adultos que, com o tempo vão adquirindo capacidades básicas para viver como uma pessoa comum, com estudos, segundo Arnóbio da Gama

tem professor que passa um livro e cada um tem que ler uma parte. E nos primeiros dias que eu ia pra escola eu tinha que ler e não conseguia, eu ficava até nervoso, daí tremia tudo né, livro caía da mão. (...) Todo mundo lia uma parte, todo mundo tinha que ler uma frase o outra. A partir daí a gente fica sabendo que a leitura também é muito importante e não é tão difícil. Nem que a gente conseguisse uma linha só (...). Mas depois mudou muita coisa, você enxerga (a leitura) como uma coisa muito mais gostosa de se fazer. É, com a leitura, você pega um livro e eu não consigo pegar e ler um capítulo ou dois e deixar lá, não eu peguei pra ler a vida toda. Você com a leitura, quanto mais você lê é sinal que ta deixando de fazer outras coisas. Quanto mais a gente lê, mais dá vontade de a gente ler. (...) Eu sei que eu não sou daqueles que ficam pegando o livro pra ler, mas quando eu pego um pra ler eu vou até quanto eu puder. Enquanto eu não pegar e terminar ele eu não paro (informação verbal)⁹.

E com isso, em virtude de capacidades adquiridas durante o processo de educação de adultos, as pessoas vão mudando os seus relacionamentos familiares e também na própria vida pessoal, segundo Laédio D. Santos “é muito bom e a gente vê e tem que respeitar...Minha filha eu já ajudo. Escrevo o alfabeto pra ela fazer” (informação verbal)¹⁰. Para Raimundo dos Santos Souza “quando vai receber visita é mais eu que vou pra cozinha que ela. Meu filho gosta mais das comidas que eu faço do que da dela. E eu faço as receitas de cabeça mesmo” (informação verbal)¹¹.

O mesmo ocorre durante a vida profissional desenvolvida pelas pessoas, que antes possuíam dificuldades para a realização de tarefas, após os estudos foram adquiridas capacidades importantes para o seu desenvolvimento. Segundo Laédio D. Santos

é importante pra gente conhecer um nome, um número que é importante pra gente hoje. Que pra assinar um papel, que já assinei muito papel que não era pra eu assinar. Assinei papel em branco. Nesse lugar mesmo onde eu trabalho, tem um senhor, seu Paulo, Paulo Ortman e a gente trabalhou pra ele e assinou muito papel em branco e assinava pra ele. (...) Ai a gente assinou esse papel em branco e eu me dei muito mal. Chegou lá, nem precisou chegar lá, a gente sempre foi atrás, na justiça, porque a gente assinou papel em branco e o advogado tava conversando fizeram um acordinho, mas eu não, deixei pra lá e por isso hoje eu to lá.(...). É muito importante a gente pegar um papel, nem que seja saber ler um pouco, ler é muito importante. Já to conseguindo fazer, pegar um papel pra assinar, meu holerite e já confiro o que eu to assinando. Você nunca pode assinar um papel sem saber, você tem os seus direitos. A nota fiscal que chega aqui, você não lê? Tem que ler, pra não receber mercadoria errada. (informação verbal)¹⁰.

Raimundo dos Santos Souza “tinha dificuldade quando chegava correspondência de algum morador novo. A gente tem um livro lá que a gente pega os nomes dos moradores, ai a

⁹ Informação verbal concedida por Arnóbio da Gama, no dia 29 de novembro de 2008 em entrevista.

¹⁰ Informação verbal concedida por Laédio D. Santos, no dia 26 de novembro de 2008 em entrevista.

¹¹ Informação verbal concedida por Raimundo dos Santos Souza, no dia 25 de novembro de 2008 em entrevista.

gente tem dificuldade, mas já melhorou bastante, depois dos estudos” (informação verbal)¹². Novas oportunidades também são geradas com a educação, de acordo com Tânia Maria da Silva “agora to aprendendo sobre alimentação, as comidas que fazem bem, as que não faz para saúde né? Quero virar uma cozinheira né? Graças a escola, que eu fiz, agradeço muito por essa chance” (informação verbal)¹³.

Então, quais são as liberdades necessárias para garantir minimamente a cada indivíduo os princípios de igualdade? Anderson (1999) argumenta que ser capaz de funcionar como um cidadão igual envolve não apenas a capacidade de exercer eficazmente os direitos políticos, mas também a participar nas diversas atividades da sociedade civil em geral, incluindo a participação na economia. Desta forma, existem três aspectos básicos do funcionamento individual: como ser humano, como um participante no sistema produtivo bem como um cidadão de um Estado democrático.

As liberdades relacionadas ao ser humano, como um novo agente de participação social, onde podem viver uma vida plena através de seu bem-estar e satisfação pessoal, relacionando-se com outras pessoas e/ou desenvolvendo novas ações, foram identificadas pelos entrevistados. Tânia Maria da Silva revela que os estudos atribuíram bastante valor em sua vida: “hoje eu sou dona-do-lar né? Faz uns cinco anos que eu trabalhei e hoje sou dona-do-lar. Agora to fazendo um curso de culinária, aprendi bastante na escola” (informação verbal).¹³ Já de acordo com Laédio D. Santos “no restaurante que eu trabalho, tem gente que chega de mau-humor, chego falo pra eles, eles falam que eu também chego de mau-humor mas não desconto em ninguém. Falo pra ficar num lugar calado, se a gente puder ajudar as pessoas” (informação verbal)¹⁴. Informa Arnóbio da Gama que “essa história de levar teu amigo, de convencer, de conversar, você tem outros exemplos, positivos ou negativos, acho que tudo isso constrói nossa vida, nosso caráter e tudo mais” (informação verbal)¹⁵. O mesmo ocorre com Raimundo dos Santos Souza “tô gostando. A gente desenvolve, no relacionamento com as pessoas, acho que melhora bastante” (informação verbal)¹².

Além das liberdades voltadas exclusivamente ao ser humano, o processo de educação traz novas liberdades aos participantes de um sistema produtivo, tais como diz Tânia Maria da

¹² Informação verbal concedida por Raimundo dos Santos Souza, no dia 25 de novembro de 2008 em entrevista.

¹³ Informação verbal concedida por Tânia Maria da Silva, no dia 15 de novembro de 2008 em entrevista.

¹⁴ Informação verbal concedida por Laédio D. Santos, no dia 26 de novembro de 2008 em entrevista.

¹⁵ Informação verbal concedida por Arnóbio da Gama, no dia 29 de novembro de 2008 em entrevista.

Silva “falo que vou montar um restaurante e ela fala que vai me ajudar. Fala que vai pagar curso para eu fazer, que eu gostar. Falei tá bom!” (informação verbal)¹⁶.

Arnóbio da Gama exemplifica que

nessa firma que eu tava trabalhando que eu falei, tinha uns dois lá que praticamente não sabia preencher. Todo material, tudo que se fazia naquela máquina a gente tinha que passar por escrito e eles não sabiam. Então pra gente era bom ensinar. E a pessoa cumprimentar a gente e agradecer como se a gente tivesse fazendo uma grande coisa pra ele. (informação verbal)¹⁷.

Assim como ocorreu acima, o processo de educação levou a novas liberdades dentro de um sistema produtivo para Raimundo dos Santos Souza

Eu acho que na parte da educação a gente aprende um pouco. Tem coisa que, antes, algum morador falava e eu não gostava, eu já replicava. Agora eu já consigo ficar quieto. Já consigo ou vir e não responder, que às vezes acaba ficando um clima meio pesado. Um ano e pouco eu tive uma discussão com um morador, ta certo que eu acho que ele tava errado, mas, muita gente falou que não devia ter feito aquilo, mas depois ele veio, pediu desculpas, mas com o tempo ficou chato. Porque eu sempre to na portaria, quando não estou fazendo alguma coisa, fico lá e daí o condômino passa e fica chato. Eu, muitas vezes, evitava de a gente se encontrar. Agora, o relacionamento com esse morador voltou ao normal. Não te mais aquele clima. (informação verbal)¹⁸.

Conseqüentemente, as pessoas entrevistadas conseguem viver melhor como um cidadão de um Estado democrático, Arnóbio da Gama acha que a educação muda muito, “até o jeito da gente falar muda muito. E se a gente não tem o estudo, tudo que a gente tem é a ignorância né? O estudo explica mais como que a gente tem que agir e ensinar a outras pessoas” (informação verbal)¹⁷.

As habilidades para participar dos diversos processos capacitatórios disponibilizarão as condições materiais para uma boa existência humana. Se a educação é capaz de fornecer as capacidades necessárias para um indivíduo, ela cumpre o seu dever democrático. Outro aspecto da educação é a oportunidade de a pessoa exprimir a sua própria opinião, se quiserem. Isto é uma condição fundamental para o processo de tomadas de decisões pessoais e coletivas considerando o seu desenvolvimento frente a questões cotidianas. De acordo com Raimundo dos Santos Souza, após passar por um processo educativo, o desenvolvimento se caracterizou por diversas atitudes no seu dia a dia

Eu não faço compra num mercado só, que um sempre, não dá. Vou sempre num mercado diferente. Porque tem gente que vai num mercado e compra tudo aquilo que vai usar num mês. Eu não faço isso. Eu vou naquele, eu vejo que tem coisas que me interessa, que ta barato, eu compro, daí vou no outro e assim por diante. As ve-

¹⁶ Informação verbal concedida por Tânia Maria da Silva, no dia 15 de novembro de 2008 em entrevista.

¹⁷ Informação verbal concedida por Arnóbio da Gama, no dia 29 de novembro de 2008 em entrevista.

¹⁸ Informação verbal concedida por Raimundo dos Santos Souza, no dia 25 de novembro de 2008 em entrevista.

zes, faltando 3, 4 dias pro pagamento eu já faço uma visita pra ver como estão os preços, se ta mais em conta. Tem mercado que eu só compro coisa de urgência, porque eu que gosto de ir lá (informação verbal)¹⁹.

Segundo Laédio D. Santos, o processo de desenvolvimento pessoal pode ser analisado nas relações entre patrão-empregado, no seu emprego

eu tenho um patrão também, tenho 2, um deles tem um coração muito bom. Já o outro é mais arrogante, meio ignorante, hoje por exemplo ele tava muito nervoso que queimou, quebrou um negócio lá e ele tava muito nervoso. Falei pra ele, desculpa eu falar alguma coisa, o senhor é o dono, quem sou eu pra falar alguma coisa, mas você não acha pior pra você. Você vai quebrar outra coisa, o freguês ta aí, o que o freguês vai achar da gente. Que a casa, que tá bravo ai, não é assim. Falei pra ele, se não estiver gostando não leva a mal não. Você pode me mandar embora e ele falou: Não, eu to precisando que as pessoas falem alguma coisa pra mim, parece que as pessoas têm medo. Eu disse: Se eu tivesse medo de trabalhar aqui com vocês eu não trabalhava. Eu admiro muito você que é um lutador, falei pra ele. Se você que é o dono, que tem que tomar as atitudes, não tenho nada contra você. Só que o que você tá fazendo ta errado. Você vai ficar nervoso, vai se machucar, vai se cortar com uma coisa dessa ai. Ai ele foi tomar um café, fumar um cigarro lá fora. Ele voltou e eu falei que ele tinha parado pra pensar quanta coisa por ai, ai ele falou com o Diogo e tal, não tem jeito e tem a sociedade. Mas eu gosto muito de trabalhar lá. Eu gosto da casa, eu gosto do que eu faço. Realmente aquilo que eu faço eu faço com amor e carinho. Se não eu vivia de mau-humor, minha vida é muito boa graças a Deus. E isso é o mais importante, eles me ajudam muito (informação verbal)²⁰.

Após passar por um processo de educação, os entrevistados puderam aproveitar-se de liberdades básicas adquiridas para pensar no futuro, analisando novas oportunidades econômicas (tais como comprar uma casa ou montar um negócio) com maior desprendimento e facilidade. De acordo com Raimundo dos Santos Souza, estas oportunidades se basearam na compra de um imóvel

Uma coisa que eu sempre queria era comprar um cantinho e graças a Deus a gente conseguiu comprar. To pagando ainda, comprei através de um financiamento, mas graças a Deus eu consegui na época um bom preço no imóvel, pelo valor que eu to pagando, ta dentro das condições. Eu acabei usando o fundo de garantia para poder ajudar. Hoje se fosse o caso, eu tava falando pro meu irmão ontem, ia ficar mais difícil. Depois dessa crise ai, tudo ficou mais caro. Não daria pra comprar agora não (...) O que eu comprei lá é uma kit, mas uma kit grande. Tem 46 metros. Então o preço que eu paguei naquele tempo, hoje ta valendo o dobro. (informação verbal)¹⁹.

O sonho de montar um negócio, através de oportunidades econômicas geradas pela capacidade adquirida através da educação, ficou evidente na fala de Laédio D. Santos

nessa casinha que a gente tá construindo em Peruíbe e eu pretendo colocar um negócio meu. Colocar meu filho pra trabalhar, enquanto a gente se estabiliza pra ele continuar os estudos dele... Meu sonho é por uma Casa do Norte, trabalhar com comida. Meu sonho é sempre trabalhar com essas coisas. Aqui não dá pra gente sonhar com coisa da gente aqui porque o nosso dinheiro é muito pouco. Se a gente for colocar um negócio desse aqui é muito alto e muito concorrente e lá a gente não pagando

¹⁹ Informação verbal concedida por Raimundo dos Santos Souza, no dia 25 de novembro de 2008 em entrevista.

²⁰ Informação verbal concedida por Laédio D. Santos, no dia 26 de novembro de 2008 em entrevista.

aluguel já é um começo pra minha vida. A gente tem esse sonho e às vezes esses sonhos a gente desanima um pouco, a gente cai, mas a gente sobrevive. As pessoas falam que Peruíbe é terra de temporada, sim, mas aqueles tempo de temporada a gente vai se virando, vai fazendo outras coisinhas...Então, aqui a gente trabalha pra pagar aluguel. Realmente pra gente pagar 500 reais de aluguel numa kitchenette que não dá nem pra por 2 camas pra colocar as coisas, os filhos, como a gente gostaria. Como a gente sempre sonhou, como a gente sempre sonha, ver os filhos da gente, deitado no quartinho deles, a gente sempre sonha. Isso faz a gente sonhar mais alto. E a gente junta o salário e a mãe dela ajuda muito e ajuda e não é conversa (informação verbal)²¹.

Foi evidenciada na fala de Raimundo dos Santos Souza

quando eu ficar bem velhinho, chega na hora de eu poder me aposentar e voltar pro Norte. Eu não queria ficar aqui. Eu sinto falta de onde a gente é nascido e criado, lidando com terra, plantação. Eu sinto muita falta disso. Então meu sonho é quando eu me aposentar é ir embora. Eu falo a ela que se Deus quiser eu vou aprender, que pra colocar um negócio tem que saber ler, escrever bem pra ter facilidade de fazer uma conta. Eu quero aprender pra isso. Pra um dia eu ter um negocinho meu se Deus quiser (informação verbal)²².

E também por Tânia Maria da Silva

eu quero me aplicar ainda mais né? Colocar um negócio pra mim. Virar uma cozinheira de muito sucesso, montar um negócio para mim... para ajudar minha família. Minha família é muito pobre. Meu sonho é montar um restaurante, montar um negocinho né? Sair, não ser só empregada, quero ter uma coisa minha. meu sonho é esse, tomara que tenha muito sucesso né?(informação verbal)²³.

Desta forma, podemos entender que o processo educativo transforma as pessoas de tal modo a considerar o novo momento de vida em comparação com o momento anterior aos estudos, segundo Laédio D. Santos “a vida da gente é assim: cheia de altos e baixos, tem dia que a gente desanima, a gente vive num mundo...a gente tem 2 filhos...a gente vê o povo, vive na rua, jogado e pára para pensar, acreditar e refletir que a nossa vida é muito boa” (informação verbal)²¹.

²¹ Informação verbal concedida por Laédio D. Santos, no dia 26 de novembro de 2008 em entrevista.

²² Informação verbal concedida por Raimundo dos Santos Souza, no dia 25 de novembro de 2008 em entrevista.

²³ Informação verbal concedida por Tânia Maria da Silva, no dia 15 de novembro de 2008 em entrevista.

9 CONCLUSÃO

Fomos colocados frente ao desafio de atribuir sentido, talvez, mais de um sentido à noção de desenvolvimento quando aplicada aos processos sociais, como a educação de adultos. Críticas às teorias de desenvolvimento econômico e à própria noção de desenvolvimento são, de fato, bastante antigas. No que se refere especificamente à chamada economia do desenvolvimento, várias controvérsias acompanharam-na desde o pós-guerra, a começar pela reivindicação feita por alguns dos seus integrantes de ela constituir um campo analítico específico da teoria econômica. Mas foi a partir da segunda metade da década de 1970, com o crescente reconhecimento dos limites das políticas e projetos de desenvolvimento enquanto instrumentos de emancipação econômica e social das nações, que ganhou vulto a identificação dos impasses teóricos e práticos da promoção do desenvolvimento econômico. A necessidade de repensar o desenvolvimento justifica-se, no mínimo, como contraposição à convencional prescrição de mais crescimento econômico acompanhado de instrumentos compensatórios das evidentes mazelas sociais e ambientais geradas pelos padrões de crescimento que vigoram até os dias atuais.

A maioria dos modelos de desenvolvimento pressupõe que o crescimento econômico gera efeitos benéficos para todas as camadas da população, no mínimo, através do que se denomina modelo “derrame”, utilizado como forma de promoção do desenvolvimento na América Latina. O que se poderia aceitar sob certas condições como um dos requisitos para o enfrentamento da pobreza - uma conjuntura de crescimento econômico - não raro torna-se único e suficiente objetivo a ser perseguido, daí originando-se críticas agudas no mais das vezes corretas.

O sucesso do desenvolvimento não requer apenas uma visão e uma estratégia: as idéias precisam ser convertidas em projetos e políticas. Grande parte do debate sobre desenvolvimento centra-se na melhor maneira de os países industriais avançados propiciarem mais recursos – por meio de ajuda, alívio da dívida e investimento direto – e em como podem oferecer mais oportunidades, através da reforma do comércio internacional. Mas, mesmo que a globalização consiga aumentar os recursos para os países em desenvolvimento e abrir novas oportunidades, o desenvolvimento não está garantido. Os países devem ser capazes de usar bem esses recursos e de aproveitar as novas oportunidades. Essa é a responsabilidade de cada nação. Um fator importante para determinar o sucesso de um país é a “qualidade” das instituições públicas e privadas, que, por sua vez, está relacionada com o modo como as decisões são

tomadas e no interesse de que; um tema chamado, em termos gerais, de “governança”. Mercados, governos e indivíduos são três dos pilares da estratégia de desenvolvimento bem-sucedida. Um quarto pilar são as comunidades, gente trabalhando junto, muitas vezes com a ajuda do governo e de organizações não-governamentais. Em muitos países em desenvolvimento, uma ação coletiva muito importante ocorre no nível global. Estudos do Banco Mundial destacaram a importância do envolvimento da comunidade ao constatar que a participação local na escolha e no desenho dos projetos leva a uma probabilidade maior de sucesso (STIGLITZ, 2007).

O maior rigor formal de Sen não o impede de reconhecer a importância de admitir o desenvolvimento como um conceito incompleto de forma permanente no que se refere ao ordenamento dos seus fins, dadas as avaliações divergentes quanto ao que se considera valioso promover ou ao que seria uma vida valiosa (SEN, 1988). Distinguir entre o “aspecto do bem-estar”, que abrange as realizações e oportunidades de uma pessoa no contexto da vantagem pessoal do indivíduo, do “aspecto da condição de agente”, que examina essas realizações e oportunidades em termos de objetivos mais abrangentes, vai além da busca do bem-estar do indivíduo, com resultados produtivos. Desta forma, a abordagem de Sen (1982; 2000) evoluiu justamente na direção de definir desenvolvimento como liberdade, numa trajetória que esteve focada no desenvolvimento como expansão das capacidades, entendidas enquanto condição para que os indivíduos exerçam plenamente a liberdade de escolher os seus funcionamentos.

O desenvolvimento diz respeito a transformar a vida das pessoas, não apenas as economias. As concepções de Sen (2000) sobre desenvolvimento levaram órgãos como Banco Mundial a repensar suas políticas de apoio ao desenvolvimento em todo mundo. Passaram a centrar suas atenções um pouco mais nas estatísticas sociais além das de crescimento econômico e renda. Esse foco no aspecto social tem como base a idéia de que crescimento sem desenvolvimento social não se reflete em desenvolvimento real. O desenvolvimento baseado na hipótese da eliminação das privações e criação de oportunidades que podem ser desfrutadas no mercado continua, pela própria lógica de raciocínio apostando no livre mercado, como agente principal do desenvolvimento, onde as oportunidades surgem naturalmente dado o conjunto de liberdades básicas. Assim, a eliminação da pobreza, pobreza esta vista por Sen (2000) como o resultado de um “acoplamento de desvantagens” que reduzem o potencial humano e priva-o de suas capacidades.

As capacidades adquiridas pelos participantes de um processo de educação estão intimamente relacionadas às formas em que os entrevistados passaram a viver na sociedade, ten-

do mais liberdade para viver uma nova vida com mais qualidade de vida e bem estar, conforme demonstrado por Laédio D. Santos

já tem uns ônibus que são mais difíceis, mas agora já está mais fácil. Já tá tudo mais fácil, eu identifico de longe. A gente vai aprendendo muito. Quando eu chego aqui, sei identificar uma rua, onde que eu vou, qual endereço que eu vou né?” (informação verbal).²⁴

As novas demandas da sociedade e as expectativas de crescimento profissional requerem, durante toda a vida do indivíduo, uma constante atualização de seus conhecimentos e de suas habilidades. No centro dessa transformação está a necessidade de se expandirem as parcerias com a sociedade civil visando à educação de adultos, não é apenas como uma mera provedora de educação para adultos, mas também uma consultora, uma agente financiadora, que monitora e avalia ao mesmo tempo (SEN, 1966). As políticas de educação ou de emprego precisam ser vistas através dessa dupla lente: como elas promovem o crescimento e como afetam os indivíduos diretamente. Apesar da utilidade do conceito de capital humano, é importante ver os seres humanos de uma perspectiva mais ampla. Devemos ir além da noção de capital humano, depois de ter reconhecido sua relevância e seu alcance. A ampliação necessária é adicional e inclusiva, e não, em nenhum sentido, uma alternativa à perspectiva do capital humano. Os economistas falam de educação como capital humano: o investimento nas pessoas produz um retorno, do mesmo modo como o investimento em máquinas. Mas a educação faz mais do que isso. Ela possibilita pensar em novas formas de se organizar a produção, na medida em que aumentam a capacidade de aprender, gerando a noção de que mudanças são viáveis. De acordo com Arnóbio da Gama o processo educativo leva pessoas a grandes transformações “ah, muda muito. A escola muda muito. Praticamente na vida de uma pessoa, se quiser crescer, tem que ter estudo” (informação verbal)²⁵. Amartya Sen (2000) enfatiza o realce das capacidades que a educação proporciona e a resultante liberdade que o desenvolvimento traz aos indivíduos.

Dadas estas considerações, poderia tirar a conclusão de que há realmente forte e intrínsecas relações entre a educação e a abordagem das capacidades propostas por Sen (2000). A capacidade de uma pessoa ser alfabetizada pode ser considerada básica em dois aspectos interligados. Em primeiro lugar, a falta de oportunidades de ser educado seria essencialmente prejudicial ao indivíduo. Educação, assim concebida responde às necessidades básicas do indivíduo a ser educado. Em segundo lugar, uma vez que a capacidade de ser educada desem-

²⁴ Informação verbal concedida por Laédio D. Santos, no dia 26 de novembro de 2008 em entrevista.

²⁵ Informação verbal concedida por Arnóbio da Gama, no dia 29 de novembro de 2008 em entrevista

penha um importante papel na expansão de outras capacidades essenciais à própria possibilidade de se levar uma vida boa (TERZI, 2007).

Como Terzi (2004, p. 10) coloca

A educação é fundamental [...], no sentido de ser uma capacidade fundamental para outras capacidades, bem como as futuras. [...]. O alargamento das capacidades inerentes a uma educação estende para o avanço de complexos recursos, uma vez que, promovendo, simultaneamente, reflexão, compreensão, de informação e de sensibilização das pessoas, pela educação, ao mesmo tempo a possibilidade de formar exatamente pessoas desenvolvidas estendendo-se a escolhas e níveis de participação social e política. [...]

Estas considerações levam a uma compreensão da educação como capacidades básicas, mas, acima de tudo, também fundamentais para a promoção e expansão do mais elevado desenvolvimento. De acordo com Raimundo dos Santos Souza “eu não vou parar de estudar. Enquanto eu não conseguir não ter dificuldade nenhuma, eu não paro. Quero continuar, quero aprender tudo mesmo.” (informação verbal)²⁶. Assim concluímos que desenvolver uma sociedade significa transformá-la.

9.1 Limitações da pesquisa

Uma vez que a pesquisa centrou-se na avaliação de um conjunto de pessoas, surgem limitações que devem ser referenciadas. Primeiro, há que se considerar que os resultados obtidos nas entrevistas não podem ser generalizados ou transferidos, uma vez que, cada pessoa vive experiências únicas, possui características únicas e funcionamentos para adquirir capacidades que podem influenciar o desenvolvimento humano. Desta forma, somente estudos em maior escala propiciariam um panorama mais amplo e detalhado da questão pesquisada. A própria natureza qualitativa da pesquisa não permite transferências ou generalizações, nem mesmo a comparação entre “agregados populacionais”, constituindo-se mais em uma estratégia capaz de gerar interpretações sensíveis à diversidade de experiências humanas. Neste sentido, o desenvolvimento humano é um fenômeno que não pode ser facilmente observado ou quantificado; contudo, a investigação qualitativa nos permite mergulhar as experiências reais de transformação.

²⁶ Informação verbal concedida por Raimundo dos Santos Souza, no dia 25 de novembro de 2008 em entrevista.

9.2 Sugestão de estudos posteriores

Diante das conclusões acima citadas, bem como das limitações expostas, surgem diversas possibilidades para novas pesquisas, a serem desenvolvidas em estudos posteriores. Pensar em capacidades e em liberdade (SEN, 2000) seria uma mudança fundamental ao pensamento administrativo, baseado fundamentalmente em preocupações como vantagem competitiva, qualidade e produtividade. Isso seria ainda mais relevante em países em desenvolvimento, onde a sociedade civil (inclusive empresários, vide discursos de responsabilidade empresarial) assume papéis fundamentais à promoção do desenvolvimento.

Uma vez que atenção exclusiva ao PIB resulta num foco estreito demais para as estratégias de desenvolvimento, a atenção ao número de anos de instrução pode levar a um foco estreito demais para as políticas educacionais. A educação pode ser utilizada para promover a saúde e o meio ambiente, bem como partilhar qualificações técnicas. Os alunos podem aprender na escola sobre os perigos de fazer latrinas acima de suas fontes de água potável, ou da poluição do ar dentro de casa e as soluções para isso (STIGLITZ, 2007).

Achamos que o interesse em responsabilidade social e, por consequência em educação corporativa, está naturalmente associado à grande mudança que está ocorrendo na geografia da produção e do consumo, em relação ao valor do conhecimento na sociedade pós-industrial, o que possibilita uma grande oportunidade de se estudar a temática de Sen (2000) em ambientes corporativos, extraíndo-se das questões puramente econômicas. O que se estuda, todavia, é um olhar focado através da lente do empreendimento e das políticas mundiais de desenvolvimento econômico através da oportunidade de agregar mais e mais pessoas ao mundo das trocas simbólicas de bens (valores) por meio da oportunidade de se lançar esse contingente imenso da população mundial na produção e no consumo.

Porém, desenvolver novos estudos no ambiente organizacional, abre uma nova perspectiva do conhecimento uma vez que a educação precisa ser compatível com o trabalho que as pessoas farão durante ou depois de deixarem a escola. De acordo com Flávia Ramalho “o projeto era pra fazer educação, alfabetização e educação de adultos que não tiveram oportunidade de terminar, de concluir seus estudos ou nunca tiveram oportunidade de estudar, por N motivos, por N fatores” (informação verbal)²⁷. Evidentemente, adianta pouco ter indivíduos altamente instruídos sem empregos para eles. Vislumbra-se aí um bom “imbróglio” que só se

²⁷ Informação verbal concedida por Flávia Ramalho, no dia 15 de outubro de 2008 em entrevista.

desfaz por mediação ou fatos e dados que vão, indiretamente, lançando um pouco de luz e atenção ao mundo fechado das empresas, na sua tarefa de educar (“re-educar”) pessoas, conforme sua razão de existir, produzir e crescer (FERREIRA; BENETTI, 2006).

Para Flávia Ramalho

depois que a gente conseguiu reformular a escola, deu super certo. Aliás já tava dando, as pessoas já tinham vontade, elas vinham estudavam, ai funcionou. De fato e direito aquilo que nós nos propusemos à diretoria e o que a diretoria queria que era erradicar o analfabetismo dentro da empresa, do Grupo ABC e dar oportunidade de continuidade de estudo[...] associado a isso a oportunidade de se estabilizar ou de melhorar de posto, de cargo, de empresa. Seja na empresa ou fora. (informação verbal)²⁸.

Nesse novo contexto, com a rapidez da resposta exigida, é óbvio que se espera que o trabalhador detenha competências necessárias para fazer frente a esse desafio. Assim, o trabalhador é chamado a ocupar um espaço de produção em que, velozmente, se exige mais capacidade intelectual para lidar e ir além dos sistemas, das máquinas inteligentes, dos meios de acesso e da troca de informações e conhecimentos. Do mesmo modo, é chamado a desenvolver a capacidade de empreender, inventar, criar e aplicar, no trabalho, métodos e ferramentas capazes de racionalizar a produção e garantir maior produtividade e qualidade. É isso que se vende embutido nos produtos e serviços e que diferencia as empresas entre si, a sua responsabilidade social. Assim, a escolarização vale tanto pelo conhecimento de técnicas, métodos, teorias e conteúdos, como – ou mais – pelas estruturas de pensar, resolver problemas e inventar, produzidas pelo desenvolvimento da capacidade intelectual. De acordo com Flávia Ramalho

Eu vejo que muitos conseguiram melhorar seus cargos. Tem caso aqui na manutenção que o cara aqui era só mecânico, hoje é encarregado. Um é encarregado da parte de mecânica, outro da parte de funilaria. Uma era cozinheira virou chefe de copa. Outro tomou gosto pela coisa, foi fazer inglês, foi fazer outra coisa, foi fazer faculdade, já saiu daqui. Foi para uma empresa com um cargo bem melhor. A gente vê com muita satisfação e é uma coisa que realmente dá certo quando eles tomam gosto pela coisa e vão em frente (informação verbal)²⁸.

É essa nova percepção de estudos, através da análise de empresas e funcionários conscientes e preparados que amplia a forma de se pensar conceitos novos de administração, baseada na responsabilidade social individual e corporativa, requisitos mínimos para atuar em um mundo com novas características relacionais e lógicas.

²⁸ Informação verbal concedida por Flávia Ramalho, no dia 15 de outubro de 2008 em entrevista.

REFERÊNCIAS

ALKIRE, Sabina. **Valuing Freedoms: Sen's capability approach an poverty reduction**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

ALMEIDA, J. A problemática do desenvolvimento sustentável. In: BECKER, D. **Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade?** Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2002. p. 21-29.

AMMAN, Safira Bezerra. **Movimento popular de bairro: frente para o Estado em busca do parlamento**. São Paulo: Cortez, 1991.

ANDERSON, Elizabeth S. What is the point of equality? **Ethics**, Chicago, p. 287-337. jan. 1999.

ARNESON, Richard J. **Egalitarianism**. 2002. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/egalitarianism/>>. Acesso em: 12 jan. 2008.

ATKINSON, A. B. On the measurement of inequality. **Journal of Economic Theory**, Ithaca, vol. 2, 1970.

_____. **Social justice and public policy**. Brighton: MIT Press, 1983.

ATKINSON, R. **The life story interview**. Thousand Oaks, CA: Sage. 1998.

BANCO MUNDIAL. **A qualidade do crescimento**. São Paulo: Unesp, 2002. Disponível em: <http://siteresources.worldbank.org/BRAZILINPOREXTN/Resources/3817166-1185895645304/4044168-1186324101142/01QualidadeCrescimento_full.pdf>. Acesso em: 23 maio 2008.

BARRETO, José Carlos. **Educação de adultos na ótica freiriana**. In: SEMINÁRIO LATINO AMERICANO DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS, 1986, Salvador. Disponível em: <http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Files/revista/Educacao_de_Adultos_na_otica_Freiriana.pdf>. Acesso em: 13 maio 2008.

BECKER, D. **Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade?** Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2002.

BERGSON, Abram. A reformulation of certain aspects of welfare economics, **Quarterly Journal of Economics**, v. 52, n. 2, Feb, 1938, p. 310-334.

BLACKORBY, C.; DONALDSON, D. Measures of relative equality of theirs meaning in terms of social welfare, **Journal of Economic Theory**, v. 18, 1978, p. 59-80.

_____; _____. Ethically significant ordinal indexes of relative inequality, **Advances in Econometrics**, v. 3, 1984.

BOISER, S. Dessarrollo (local): de qué estamos hablando? In: BECKER, D. F. e BANDEIRA, P. S. (Org.). **Determinantes e desafios contemporâneos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica Dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Santa Catarina, p. 68-80. jan/jul. 2005. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf>. Acesso em: 31 maio 2008.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

BROCK, D. Quality of life measures in health care and medical ethics. In: NUSSBAUM, Martha C.; SEN, Amartya K. (Orgs.), **Quality of Life**, Oxford, Clarendon Press, 1992.

BRÜSEKE, Franz J. O problema do desenvolvimento sustentável, In: CAVALCANTI, Clóvis (Org.). **Desenvolvimento e natureza**: estudos para uma sociedade sustentável, São Paulo: Cortez, 1995.

CAMARGO, A. Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas. **Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v.27, n.1, p.5-28, 1984.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FEI. **Manual para apresentação formal de trabalhos acadêmicos**. 2. ed. rev. amp. São Bernardo do Campo, 2007.

CEPAL. Transformação produtiva com equidade: a tarefa prioritária do desenvolvimento da América Latina e do Caribe nos anos 1990. In: BIELSCHOWSKY, R. (Org.). **Cinquenta anos de pensamento na CEPAL**. Rio de Janeiro: Record, 1990, p. 887-910, v.2.

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**, São Paulo: Xamã, 1996.

CIPRIANI, R. **Biografia e Cultura**: da religião à política. In: VON SIMSON, O (org.). **Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988

COMIM, Flávio. **Operationalizing Sen's Capability Approach**. In: CONFERENCE JUSTICE AND POVERTY: EXAMINING SEN'S CAPABILITY APPROACH, Cambridge, 2001. Disponível em: <<http://www.st-edmunds.cam.ac.uk/vhi/sen/papers/comim.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2007.

COWEN, M.P.; SHENTON, R.W. **Doctrines of Development**. Routledge, London, 1996

CRESPO, Pedro Flores. Situating education in the human capabilities approach. In: WALKER, Melaine; UNTERHALTER, Elaine (Comp.). **Amartya Sen's capability approach and social justice in education**. New York: Palgrave Macmillan, 2007. p. 45-66.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DEAN, H. et al. Reconceptualising the European Employment Strategy from a capabilities and a rights Perspective. Paper presented at the final conference of the EUROPEAN UNION COST A15 RESEARCH NETWORK, **Reforming Social Protection Systems in Europe**. May 2004. Nantes, 2004

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DRÈZE, Jacques, SEN, Amartya. **India: Economic Development and Social Opportunity**. Delhi: Oxford University Press, 1995

ESCOBAR, A. **Encountering Development: the making and unmaking of the third world**. Princeton: Princeton University Press, 1994.

ESTES, Richard J. Toward sustainable development: from theory to praxis. **Social Development Issues**, vol. 15, n. 3, p. 1-29, 1993.

ESTEVA, G. Desenvolvimento, In: SACHS, W. (Ed.). **Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FARIAS, I. C. Um troupiér na política: entrevista com o general Antonio Carlos Muricy. In: FERREIRA, M. M. (coord.). **Entrevistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FERREIRA, José Rincon; BENETTI, Gilberto (et al.) **O futuro da indústria: educação corporativa – reflexões e práticas: coletânea de artigos/ Brasília: MDIC/STI:IEL, 2006.**

FILSTEAD, W. J. **Qualitative methodology: firsthand involvement with the social world**. Chicago: Markham, 1970.

FLICK, Uwe. **Uma introdução a pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOSTER, J. Inequality Measurement. In: YOUNG, H. P. (Org.). **Fair allocation**. Providence, RI: American Mathematical Society, 1985

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FUKUDA-PARR, Sakiko. The human development paradigm: operationalizing Sen's ideas on capabilities. In: AGARWAL, Bina; HUMPHRIES, Jane; ROBEYNS, Ingrid. **Amartya Sen: A gender perspective**. Hampshire: Routledge, 2005. p. 303-319.

GASPER, Des. Is Sen's capability approach an adequate basis for considering human development? **Review of Political Economy**. v. 14, n. 4, p. 435-461, 2002.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIRI, Ananta Kumar. Rethinking human well-being: a dialogue with Amartya Sen. **Journal of International Development**. v. 12, n. 7, p. 1003-1018, 2000.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

KLIKSBERG, B. **Repensando o Estado para o desenvolvimento social**: superando dogmas e convencionalismos. São Paulo: Cortez, 1998. v. 64 (Coleção Questões de Nossa Época).

_____. **Mitos e falácias do desenvolvimento social**. São Paulo, Cortez: Brasília UNESCO, 2001.

KORTEN, Dave. **Getting to the 21st Century**: voluntary action and the global agenda. West Hartford: Kumarian Press, 1990.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas. 1991. 242 p.

LANGLEY, Ann. Strategies for Theorizing from Process Data. **Academy Of Management Review**, Kentucky, v. 24, n. 4, p. 691-710. oct. 1999.

LATOUCHE, Serge. Contribution à l'histoire du concept du développement. In: COQUERY-VIDROVITCH, C.; HEMERY, D.; PIEL, J. (Eds.). **Pour une Histoire du Développement**: états, sociétés, développement. Paris: L'Harmattan, 1988. p. 41-60.

MACHADO, João Guilherme Rocha. **O desenvolvimento econômico e as Nações Unidas**: uma análise da atuação do PNUD no Brasil. 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado em Economia Política) – Pontifícia Universidade Católica - PUC/SP, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/3/TDE-2007-06-29T11:14:46Z-3681/Publico/Joao%20Machado.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2008.

MAANEN, John, Van. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. **Administrative Science Quarterly**, v. 24, n. 4, dec. 1979, p. 520-526.

MALUF, R. S. Atribuindo sentido(s) à noção de desenvolvimento econômico. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 15. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – CPDA. Rio de Janeiro, out. 2000.

MANNING, Peter K. Metaphors of the field: varieties of organizational discourse. **Administrative Science Quarterly**, v. 24, n. 4, dec. 1979, p. 660-671.

MARX, Karl. **O Capital**. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 3 v.

MIRRLEES, J. An exploration in the theory of optimum income taxation. **Review of Economic Studies**, 38, 1971, p. 175-208.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno De Pesquisas Em Administração**, São Paulo, p. 1-5. ago. 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2008.

NUSSBAUM, Martha C. **Cultivating humanity: A classical defense of reform in liberal education.** Cambridge: Harvard University Press, 1997.

_____. **Women and human development.** Cambridge: Cambridge University Press, 2000

_____. Education for citizenship in an era of global connections. **Studies in Philosophy and Education.** v. 21, p. 289-303, 2002.

_____. Capabilities as fundamental entitlements: Sen and social justice. In: ARGARWAL, Bina; HUMPHRIES, Jane; ROBEYNS, Ingrid. **Amartya Sen: A Gender Perspective.** Oxon: Routledge, 2005. p. 35-62.

_____. Education and democratic citizenship: Capabilities and quality education. **Journal Of Human Development,** Oxon, p. 385-395. 01 nov. 2006.

OTTO, Hans-Uwe; ZIEGLER, Holger. **Capabilities and education.** 2006. Disponível em: <<http://www.socwork.net/2006/2/articles/ottoziegler/?searchterm=None>>. Acesso em: 12 out. 2008.

PNUD (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO). **Apresentação do PNUD.** Documento disponível em: <<http://www.pnud.org.br/idh/>> Acesso em: 12 ago. 2007.

PNUD (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO). **Human Development Report,** 1990. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/reports/>> Acesso em: 21 set. 2007.

PRENDERGAST, Renee. The concept of freedom and its relation to economic development: a critical appreciation of the work of Amartya Sen. **Cambridge Journal of Economics.** v. 29, n. 6, 2005, p. 1145-1170.

QUEIROZ, M. I. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON (org.). **Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil.** São Paulo: Vértice, 1988

ROBEYNS, Ingrid. An unworkable idea or a promising alternative?: Sen’s capability approach re-examined. **Center For Economic Studies,** Leuven, p. 1-32. 28 nov. 2000. Disponível em: <<http://www.econ.kuleuven.be/CES/discussionpapers/Dps00/DPS0030.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2008.

_____. Justice as fairness and the capability approach. **Apsa meetings (Chicago, 2-5 september and 4th capability conference (pavia, 5-7 september).** Disponível em <<http://www.ingridrobeyens.nl>>. Acesso em: 28 maio 2008

SAITO, Madoka. Amartya Sen’s Capability approach to Education: A critical exploration. In: **Journal of Philosophy of Education,** v. 1, p.17-33, 2003

SAMUELSON, Paul A. A note on the pure theory of consumer behaviour. **Economica,** v. 5, n. 17. 1938, p. 61-71.

_____. **Foundations of economic analysis**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1947.

SANTOS, Boaventura de Sousa; RODRÍGUEZ, César. Introdução: para ampliar o cânone da produção. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org). **Produzir Para Viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 23-77.

SEN, Amartya. Education, Vintage, and Learning by Doing. **The Journal of Human Resources**. v. 1, n. 2 (Autumn), 1966, p. 3-21.

_____. Description as choice. In: _____ (Ed.). **Choice, welfare and measurement**. Oxford: Oxford University Press, 1982.

_____. "The Concept of Development". In: CHENERY, H.; SRINIVASAN, T.N. (eds.). **Handbook of Development** .v. 1. Amsterdam: North Holland, 1988.

_____. Privatization and Social Welfare. **Indira Gandhi Institute of Development Research**. Papers 32. 1990.

_____. **Inequality Reexamined**. Cambridge: Harvard University Press, 1992

_____. Capability and well being. In: NUSSBAUM, Martha C.; SEN, Amartya. **The quality of life**. Oxford: Oxford University Press, 1993. p. 62-67.

_____. **Commodities and capabilities**. New Delhi: Oxford University Press, 1999.

_____. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Desigualdade reexaminada**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. Foreword. In: FUKUDA-PARR, Sakiko; KUMAR, A. K. (Eds). **Human development, essential Readings**. New Delhi: Oxford University Press, 2002.

_____. **Sobre ética e economia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 2 v.

SOARES, L. E. **O rigor da indisciplina: ensaios de antropologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994

STIGLITZ, Joseph E. **Towards a new paradigm for development: strategies, policies and processes**. Prebisch lecture, UNCTAD, 1998. Disponível em: <http://www.economics.nuigalway.ie/downloads/murphy/prebisch98.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2007.

_____. Participation and development: perspectives from the comprehensive development Paradigm. **Review of Development Economics**. v. 6. n. 2, jun. 2002, p. 163-182.

_____. **Globalização: como dar certo**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2007.

SUGDEN, Robert. Welfare, resources and capabilities: a review of inequality reexamined by Amartya Sen. **Journal of Economic Literature**, v. 31, n. 4, p. 1947-1962, dec. 1993.

SZTOMPKA, Piotr. **A sociologia da mudança social**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

TERZI, Lorella. **On education as a basic capability**. 2004. Disponível em: <<http://cfs.unipv.it/ca2004/papers/terzi.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2008.

_____. The capability to be educated. In: WALKER, Melaine; UNTERHALTER, Elaine (Comp.). **Amartya Sen's capability approach and social justice in education**. New York: Palgrave Macmillan, 2007. p. 25-44.

THOMAS, V. A qualidade do crescimento. **O Estado de S. Paulo**, 3 nov. 2001. Disponível em <http://www.obancomundial.org/index.php/content/view_artigo/1360.html>. Acesso em 28 maio 2007.

TUNGODDEN, Bertil. A balanced view of development as freedom. **Development Studies And Human Rights**, Bergen, p. 1-32. 6 jul. 2001. Disponível em: <<http://www.cmi.no/publications/file/?953=a-balanced-view-of-development-as-freedom>>. Acesso em: 18 maio 2008.

UNESCO. **Adult education: the Hamburg declaration the agenda for the future**. In: International Conference on Adult Education. 5 ed. Hamburg, 1997. Disponível em: <<http://www.unesco.org/education/uie/confintea/pdf/con5eng.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2008.

_____. **Educação para todos: o mundo está no caminho certo?** Relatório de monitoramento global 2002. São Paulo: Moderna, 2003.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT: UNCED, 1992. **Agenda 21**. Disponível em: <<http://www.un.org/esa/sustdev/documents/agenda21>>. Acesso em 21 ago 2007.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME: UNDP. **Human development report 1990**. Nova York: Oxford University Press, 1990.

_____. **Human development report 2000**. New York, 2000. Disponível em: <http://hdr.undp.org/en/media/hdr_2000_en.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2007.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME: UNDP. **Human development report 2002**. New York, 2002. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/reports/global/hdr2002/>>. Acesso em: 12 dez. 2007.

UNITED NATIONS. **Report of the World Commission of Environment and Development, "Our Common Future"**, 1987. Disponível em: <http://www.are.admin.ch/imperia/md/content/are/nachhaltigeentwicklung/brundtland_bericht.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2007.

UNTERHALTER, Elaine. The Capabilities Approach and Gender Education: An Examination of South African Complexities. In: **Theory and Research in Education**, v. 1, p. 7-22, 2003.

WALKER, Melanie; UNTERHALTER, Elaine (Org.). **Amartya Sen's capability approach and social justice in education**. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semi-estruturado

Roteiro de entrevista semi-estruturado

- 1) Como era a sua vida antes de passar por um processo de educação de adultos?
- 2) O que o processo de educação de adultos trouxe de benefícios para você?
- 3) Quais foram as alterações sociais percebidas após passar pelo processo de educação de adultos?
- 4) O que mudou no relacionamento com as pessoas após passar pela escola?
- 5) Assim que dominar a leitura e a escrita, quais são seus sonhos?

APÊNDICE B – Entrevistas

Entrevista Flávia – professora do grupo ABC

Meu nome é Flávia e sou professora aqui no Grupo ABC há mais ou menos 8 anos e em mais ou menos no ano de 2000 que eu ingressei na empresa para trabalhar como professora.

Eu fiquei conhecendo a escola através de uma pessoa amiga nossa que veio apresentar o projeto da escola. Tanto na Transbus quanto na ABC.

O projeto era pra fazer educação, alfabetização e educação de adultos que não tiveram oportunidade de terminar, de concluir seus estudos ou nunca tiveram oportunidade de estudar, por N motivos, por N fatores.

No começo a gente estranha um pouco né? Você tá lidando com adultos. É diferente de lidar com crianças. A cabeça do adulto já tá formada, né, ele já tem uma idéia. Muitos são resistentes à idéia de estudar. Mesmo aqueles que se propõem a estudar. Aqueles que tiveram oportunidade, eles têm as resistências assim: eles aprenderam as matérias, aprenderam de uma certa forma e isso, quando eles eram crianças e, a maioria, acho que uns 95% dos alunos são do Nordeste. Então imagina né, bem do Sertão Nordestino.

Você imagina aquelas escolas de roça do Sertão Nordestino. A boa vontade da professoras que tinham que estudar e em ajudar os alunos, as crianças, com poucos recursos, como ainda é hoje, mas imagina isso há anos e anos atrás.

Então, é a época do Coronelismo... Agora imagina né, eles vindo pra cá.. eles se adaptam à realidade da cidade grande mas não, ainda assim é diferente. Então quando você tem essa proposta de ajudar estas pessoas, em serem alfabetizadas em dar continuidade nos estudos, você encontra resistência sim.

Mas ao mesmo tempo é gostoso. Você vai vencendo desafios. Você vai quebrando barreiras, limites. Você vai conseguindo envolver estas pessoas dentro do estudo. Você tem o desafio de pensar em como fazer conseguir que aquela pessoa gostar daquela determinada matéria, de aprender uma determinada coisa, dentro daquilo que ela já aprendeu.

No caso daquele que nunca foi a uma escola é um pouco mais fácil. De impor um pouco as coisas, de impor não, mas você passar pra ela aqueles ensinamentos da forma que a gente conhece hoje em dia, que é de uma forma mais dinâmica, mais moderna. Agora quando eles já vem com um ensinamento "encucado" dentro deles da época de criança, é bem complicado, dependendo do caso é bem difícil.

Aí você tem que se adaptar ao estilo dele, você tem que aprender, você tem que voltar no tempo, buscar o que é que eles aprenderam, há sei lá, 30, 40 anos atrás. Eu tenho alunos, sempre tive alunos de uma faixa etária muito variada, desde 17, 15, 14 até 70,70 e poucos anos.

Você volta muito no tempo para buscar o que eles aprenderam, como eles aprenderam e dentro disso você adapta o seu ensinamento para passar isso para ele.

Então é assim. Um desafio que você vai vencendo a cada dia.

A escola ABC tem de 12, 13 anos e eu estou no grupo há 8, então, com certeza com 150, 200 funcionários. Agora ao longo desses 12 anos deve Ter uns 250, 300 funcionários.

Tem muitos que já se aposentaram. Como a gente tem muito aluno, já com a idade avançada, já se aposentaram, muitos já saíram ou voltaram para sua terra ou estão curtindo a idade que eles têm ai.

Mas, da minha época, cerca de 150, 200.

Augusto: Como você viu todo esse processo de evolução dos alunos? /desde o momento que eles não sabiam nada e você teve todas as barreiras, como você acabou de falar até quando começou a escrever, participar de uma vida ativa diferenciada.

É um processo extremamente lento porque é um processo que começa errado. Como assim? Nós tínhamos turmas que eram de alfabetização, que seria de primeira a Quarta série, as de continuidade de ensino, que é de Quinta a oitava e, de ensino fundamental e de Ensino Médio, que seria o colegial. Só que antes, a coordenadoria, o que que eles faziam: eles faziam um teste com os alunos.

Quem sabia ler fluentemente e faziam alguns cálculos matemáticos, eles eram passados de Quinta a oitava, só que eles não tinham essa base para estarem de Quinta a oitava.

Mesma coisa, de Quinta a oitava, eles tinham um certo conhecimento e empurravam para o ensino médio e as pessoas não tinham base para o Ensino Médio.

Então tinha muita gente que sabia ler, sabia escrever, mas não conseguia acompanhar. Isso desestimulava e muitos acabavam desistindo. Deu trabalho para a gente conseguir retomar, recuperar esses alunos, que no meio do caminho acabavam indo embora porque não acompanha, não adianta. A gente sabe que você tem que Ter uma base desde o inicio para conseguir chegar, para concluir os estudos, se não você não consegue, por mais esforço e inteligência que você tenha.

Isso atrapalhava tanto um lado quanto o outro. Vamos supor: Você está ensinando o pessoal de Ensino Fundamental o que é uma inequação ou equação, você tem que parar para explicar para aquele aluno que não tem aquela base, como é o processo, como você chega lá, porque que tem que ser assim, como que é o raciocínio para chegar no resultado, o que você usa, porque você usa, mas aquele que já sabe começa a Ter impaciência porque você tá lá pra explicar, pra dar continuidade, mas ele tem que parar para ver tuuuudo aquilo de novo.

Daí como as vezes as pessoas não tem essa noção a gente tem que voltar, tem que explicar várias vezes uma coisa e isso acaba atrapalhando. É cansativo tanto pro aluno quanto pro professor.

Então assim, ao longo deste anos, como a coordenadora agia assim, então a gente teve esse problema.

Mas daí houve uma reformulação, na parte de professores e de coordenador. Que foi onde entrou o Pedro. Ele foi um grande parceiro. Uma pessoa, fundamental, eu diria, para esse projeto da escola e para este processo alavancar.

E esse processo de evolução deles, a gente sentou, conversou, viu o que realmente tava acontecendo, como tava, como era e como tinha que ser.

A gente meio que voltou a estaca zero, vamos dizer assim. A gente retomou todos os alunos que saíram no meio do curso e reiniciamos a escola.

A escola sempre com o mesmo nome, José Fernando Regina Braga, em homenagem ao fundador da Fundação ABC e ai deu certo.

Ai esse processo gerou a evolução, que é demorado porque são pessoas adultas, com outras preocupações. Eles não tem tempo de estudar em casa, não tem tempo de fazer uma lição de casa. Quer dizer, chega cansado em casa do trabalho, tem a família, as vezes quer curtir o filho, o neto. Então a ultima coisa que eles vão dar prioridade são os estudos.

As vezes acontece sim de Ter um tempo para estudar, mas isso não é com todos e não é sempre que acontece.

A gente tentou elaborar um jeito mais prático possível de ensino. É uma coisa que é sempre dada dentro de sala de aula, com uns espaços não tão grandes para eles não se perderem daquilo que eles estão aprendendo e nisso foi dando certo, sempre, claro, respeitando o tempo e o limite de cada um.

Alguns conseguiram logo no primeiro ano fazer a conclusão, desses que a gente chamava de grupos, grupo 1, 2 e 3. De primeira à Quarta série; de Quinta à oitava e Ensino Médio.

Alguns deles levavam um ano, que seria o tempo previsto, e outros dois. Como nosso sistema de provas, a gente adota o mesmo sistema do Estado por bimestre a gente é no sentido de eliminação de matérias. Ele estuda, ele elimina as matérias e aquela que ele não consegue ele retoma e quando ele elimina todas as matérias a gente dá entrada no diploma tudo certinho.

Eu vejo assim: Depois que a gente conseguiu reformular a escola, deu super certo. Alias já tava dando, as pessoas já tinham vontade, elas vinham estudavam, ai funcionou. De fato e direito aquilo que nós nos propusemos à diretoria e o que a diretoria queria que era erradicar o

analfabetismo dentro da empresa, do Grupo ABC e dar oportunidade de continuidade de estudo.

As vezes você precisa trabalhar pra ajudar a família e tem que parar de estudar. Não tem tempo, não tem disposição, enfim.. e aqui eles tiveram a oportunidade de terminar os estudos, de concluir o curso

Augusto: E como você via eles terminando os estudos, as reações deles, como que era o reconhecimento perante a escola, perante as aulas que eles tiveram, perante você como professora. O que isso foi agregando na vida destes alunos, sob seu ponto de vista?

Na realidade acho que agregou não só pra eles, mas para mim também como professora. Como eu te falei a gente aprende muito com eles. Professor, eu ainda hoje comentei com um grupo de pessoas, por ser hoje o dia dos professores hoje o professor, infelizmente ele não tem o valor que merece e a educação e o ensino também não

As vezes as pessoas ao invés de incentivar o estudo, não incentivam. É mais fácil deixar a pessoa burra, do que incentivar, ignorante do conhecimento porque é penoso. Ao mesmo tempo que é muito gostoso, você estudar, obter conhecimento, é difícil de você dispor de tempo para isso.

Não posso dizer que foi uma unanimidade entre os alunos. Uns acabaram desistindo. Vamos dizer que de 150 pessoas, umas 15 no máximo desistiram (10%). Então é uma desistência muito baixa. A perspectiva deles era conseguir o tal do diploma. Porque hoje em dia, quem tem estudo, para nossas condições, para conseguir emprego, já é difícil conseguir um bom emprego ou estabilidade no emprego. Imagina se não tiver.

Se você está numa empresa e acontece alguma coisa e você tem que sair da empresa e ir pra outra e não sabe ler, não sabe escrever, não tem um diploma, um curso, não tem nada...

Primeiro tem a expectativa deles de com o curso, a forma como eles viam o curso era poder aprender. O principal objetivo do grupo é Ter conhecimento, seja em qual dos três grupos, que eles não puderam Ter anteriormente. E depois, associado a isso, a gente até brincava com isso, unir o útil ao agradável.

Associado a isso a oportunidade de se estabilizar ou de melhorar de posto, de cargo, de empresa. Seja na empresa ou fora.

E era sempre muito alegre chegar ao final do ano e a gente fazia nossa reunião de confraternização e ai a gente entregava os diplomas. Seja de conclusão ou seja de um papel dizendo que eles conseguiram eliminar "tais" matérias. Ainda que fosse só aquilo, a gente fazia questão de homenagear a todos.

Porque de manhã ou a tarde, não importa, eles abriam a mão daquele tempo que eles podiam ficar em casa descansando para adicionarem um pouco mais de conhecimento. Isso não tem preço né?

Você vê a alegria deles, é muito gostoso, ver a expectativa no olhar deles, de conseguir, como a gente né. O nervosismo de fazer uma prova, se vai dar certo, se não vai. Se vai passar, se não vai. Tudo isso a gente acompanha. O que é legal, como é um convívio diário, os laços ficam estreitos

Hoje mesmo, tenho marcado com as pessoas, quando a gente se encontra "ah. Aquela ali foi minha professora.."

A gente pára, conversa. É bom você ver que conseguiu alcançar um objetivo " eu terminei até a oitava, mas daí eu sai..." ou foi pro Médio, uma coisa única isso daí.

Augusto: E como era esse processo de socialização que você acabou de falar? O dia-a-dia? Vocês se encontravam, no trabalho em si e como eram as expectativas? Eles confundiam a professora da profissional? Eles vinham tirar dúvida? Eles queriam aprender? Queriam mostrar que estavam sabendo? Queriam mostrar isso pros amigos, pros colegas.

Tem de tudo que você possa imaginar. Processo de alfabetização não é fácil. A maioria desce de nordestinos, de onde vem aquela cultura do homem com relação à mulher, aquela coisa toda.

É uma coisa natural deles. Eles são assim. A gente não tem que tachar, julgar, enfim. É a cultura deles. Então você imagina, dentro desta faixa etária variada de alunos, de chegar numa sala de aula, professora mulher, geralmente mais nova que eles, e se apresentando um leque de assuntos que você nem imagina que exista na sua vida.

Então a socialização não é fácil. Alguns são mais fáceis de se enturmar, outros tem aquele interesse extra mas que já dá pra ver que o objetivo não é esse. Eu posso dizer que este lado de confundir o professor esse lado profissional com o pessoal fora da escola a postura. Não digo o pessoal mulher, o lado pessoal no sentido de extrapolar, da falta de respeito com o profissional. Foram pouquíssimas vezes. Que eu me lembre umas duas vezes só.

Agora, tirando isso, com o passar do tempo você vai adquirindo confiança. Eles ficam muito desconfiados.

O que acontece? Muitas vezes acham que você tá ali para ver o jeito deles, ouvir as conversas deles dentro da empresa. Pensam: Ah, o chefe tá mandando...

Você, além de tudo, tem que quebrar essa imagem e mostrar que você tá ali para ensinar. Se o chefe quer descobrir alguma coisa, problema do chefe. Eu não to ali para ficar ouvindo conversinha... mas é isso.

Tem aqueles que gostam de aparecer. Tem aquele que vai por obrigação., acabam brigando tem que cuidar, acaba com jeitinho fazendo a cabeça do cidadão que não é por ai, aquela coisa toda. E tem aquele caso famoso que teve de um aluno que chegou pra mim e que nunca tinha estudado na vida e que ele tava ali por obrigação, que " to aqui por obrigação, que não gosto de você, não te conheço e nem quero te conhecer... só de ele estar ali obrigado pra mim já é o suficiente.. não gosto de você, to vindo porque tenho que vir, mas é só tá, é o que eu tinha para falar...

Falei: tá bom...

E ele: e não me dirija a palavra...

E foram se passando os dias, semanas e eu pensei: caramba! Ele chegava pontualmente, ele não faltava um dia de aula, mas não conversava comigo. Não me dirigia a palavra "malemal" olhava na minha cara.

Passando algumas semanas, eu olhava, e ele sem continuar a falar comigo, mas eu observava que quando eu não estava olhando, ele pegava os cadernos, abria e acompanhava a aula. Só que quando eu olhava para a direção dele ele fechava.

O que que eu comecei a fazer: pensei, eu tenho que fazer alguma coisa né. A primeira atitude que eu tomei mudar um pouco a disposição da sala de aula. Para que eu pudesse ficar de costas para ele, na lousa, meio que de costas para ele, mas não de costas para o resto da turma.

Ele estudava sempre junto com um outro senhor que tava lá. Consegui fazer, usei uma desculpa qualquer... daí eu passava a maior parte do tempo de costas para ele, daí ele abria os livros .. "deixa eu olhar, eu não vou dar o braço a torcer a ela"

Ele pegava, abria o livro, o caderno.. daí a gente fazia o exercício em sala de aula, corrigia os exercícios e eu sempre tive costume de ir de mesa em mesa e como a turma era relativamente grande, a gente colocava sentado em dupla, justamente para um ajudar o outro e enquanto isso eu ia passando junto as mesas, para não tomar muito tempo, enfim... e na hora que eu chegava perto da mesa dele ele fechava a cara, mas daí eu explicava pro colega dele e ele pelo menos tava ouvindo.

Passado um tempo também, ele começou a deixar o caderno aberto, mas quando eu ia olhar o caderno ele fechava. Daí eu pensei como ia corrigir o caderno dele. Daí eu passava por detrás da mesa, dava uma olhadinha no que ele tava fazendo e o que estivesse de errado eu vou explicar para o colega dele. Por que daí, eu explicando para o colega dele, ele acompanhava no caderno dele. Ele entendia o que tava errado e via como tinha que fazer. Foi o que eu fiz.

E isso foram se passando semanas, meses. Fui ganhando a confiança. Fomos conversando um pouquinho aqui. Puxando um assunto lá... Foi quebrando o gelo e consegui fazer ele conversar comigo.

Na primeira vez que ele entrou na sala e deu bom dia eu até assustei né. Falei: Nossa, que legal ! Ta me cumprimentando. Mas também foi aquele bom dia, bom dia, como a coisa mais normal do mundo, como se ele me cumprimentasse todo dia, falasse comigo todo dia, normalmente para que de repente não o deixasse constrangido e ele parar de novo.

E ai foi passando. Com isso ele foi deixando eu me aproximar mais. Não precisava explicar para o colega dele, explicava para ele e tal. Tudo isso é legal que ele percebia né. Coisas que se fazia para ele poder aprender.

Passado o ano, durante o ano, foi fazer a prova, conseguiu passar de ano e ai a gente ficou amigo.

Conheceu família, aquela coisa bem gostosa e depois eu não o vi mais. Apesar de eu sempre perguntar para essa dupla dele,mas eu não o vi mais. Trabalhava na Prefeitura, mas não via mais até que depois de uns meses, voltando do Wal Mart, ele me para o carro no meio da avenida, desce de um ônibus era ele, que veio me contar, me agradecer, pra me contar que ele tinha dado continuidade nos estudos e que tava para concluir o Ensino Médio e que depois, se tudo der certo, ele vai fazer a Faculdade da Terceira Idade.

São histórias assim que "marca" né? Ele começou com pura negação, não queria, mas depois teve o desejo de aprender, vendo que era possível sim aprender, que não tinha nado de errado na idade dele ele aprender coisas novas. Que não era problema, na idade dele aprender uma coisa nova. e eu fiquei muito feliz, imagina, como a situação foi e tudo mais.

Teve também um caso de um cara aqui da ABC, que sempre chegava atrasado. E ele não conseguia, morava muito longe e sempre chegava atrasado.Uma outra pessoa que trabalhava comigo não deixava ele entrar na sala. Ele tinha que voltar, ele morava em São Mateus e aqui estamos em São Bernardo, a distância é grande.E ela não deixava de jeito nenhum. "O horário é tal e você pode voltar" e eu pensava, caramba, coitado e ele começou a faltar nas minhas aulas.

Ele sabia que não ia chegar a tempo e ele nem vinha. Dai eu comecei a falar, vem cá: você tá atrasando, não deixam você entrar, mas na minha aula, a autonomia é minha. Na minha aula você vai entrar, você pode entrar. E com isso ele passou a frequentar as minhas aulas, mas as dela não e ele começou a ficar desestimulado, tanto que ele chegou pra mim e falou que ele ia desistir do curso, que como ele morava longe e não conseguia chegar a tempo com a outra professora, as materias da outra professora ele não aprendia.

Então o que eu fiz: eu conseguia dedicar 1 hora depois da aula, eu dava a matéria da outra professora e isso assim, meio escondido, para não dar, de repente, não passar pela autonomia da outra professora. Então para eu não ter problemas com ela e de ela com ele, então a gente dava uma desculpa, descia com ele, depois voltava e tinha essa hora de aula. E ele continuava: " ah, acho que não vou conseguir.." e eu, pera ai! Você ta se esforçando para chegar aqui, ta se esforçando para fazer e você não confia em você mesmo? Falei: Não, você vai fazer. Eu já te inscrevi e você não vai fazer eu passar vergonha né? Chegar lá, chamar teu nome e você não estar lá?

Falei: Se vira, eu não quero nem saber, eu acabei sendo meio dura com ele e ele ta bom. Foi, fez e passou. Então você vê que são casos de pessoas que falta estímulo né? Como no caso, por exemplo, do "Seu" Pedro, ele é um aluno de 70 e tantos anos, era um aluno que nunca faltou na aula e o dia que ele precisou faltar ele foi lá pra me avisar.

Ele fazia os últimos horários da empresa. Chega aqui na garagem meia-noite e meia, 1 hora e cobrava da turma, se não eles ia se ver e com isso ele era um enorme incentivador da escola e com isso o pessoal não faltava. Mas ele enchia, como ele mesmo dizia, enchia tanto o saco das pessoas e as pessoas diziam: a gente vem pra não ter que ouvir no dia seguinte por que que faltou?

E são histórias assim, figuras carimbadas da escola que é um barato e esse senhor, o senhor Pedro ele me ensinou a fazer a prova real de matemática dos " nove fora' que eles falam que eu não sabia, que ele não conseguia aprender a prova real na matemática moderna. Dai pensei, se eu tentar ensinar a ele, vou embananar a cabecinha dele, deixa eu fazer ao contrário. Chamei e falei: senta aqui e me ensina. E nessa hora todo mundo parou, olhou, como assim ele vai te ensinar. Ele ensinou, eu aprendi daí eu conseguia ajudar porque todos eles só sabiam fazer a tal da prova dos nove.

Eu acho assim: você não tem que impor um jeito que é seu. Não é porque você sabe tirar a prova da adição, da subtração e vice-versa que você tem que impor isso e, óbvio que se eles puderem aprender, melhor ?Mas se eles conhecem um método que é tão eficaz quanto e dá certo, por que não? Acho que a gente não deve temer o desconhecido, não é assim que falam? Tanto da parte deles quanto da minha também de, não é só uma questão de ser intransigente, não posso. Eu tenho que ajudar no máximo que eu puder né? E uma das coisas que eu aprendi que não é o aluno que tem que se adaptar ao professor e sim o professor se adaptar ao aluno, principalmente nesta fase adulta. E essas são algumas histórias de socialização. É uma coisa

complicada, difícil, mas é tudo uma questão de tempo e muita paciência. Esse é o fundamental.

Augusto: Pra encerrar: quais os resultados que você deu, hoje, olhando de fora e que recado você dá para esses alunos hoje ou pais ou avós que hoje têm um nível social mais elevado graças a escola?

Eu vejo, primeiro com muito orgulho. Eu sempre falo a vitória é deles: eles que tiveram força de vontade de aprender, eles que foram a luta, eles que se dispuseram a estar ali an sala de aula para melhorar um pouquinho a vida deles. Eu vejo com muito orgulho e satisfação de ver que tem um pouquinho de mim ali com eles mas o mérito é todo deles. Acho que não tem o que discutir. Não é pela professora e sim pelos alunos, até porque sem os alunos não tem o que a gente fazer lá.

Eu vejo que muitos conseguiram melhorar seus cargos. Tem caso aqui na manutenção que o cara aqui era só mecânico, hoje é encarregado. Um é encarregado da parte de mecânica, outro da parte de funilaria. Uma era cozinheira, virou chefe de copa. Outro tomou gosto pela coisa, foi fazer inglês, foi fazer outra coisa, foi fazer faculdade, já saiu daqui. Foi para uma empresa com um cargo bem melhor. A gente vê com muita satisfação e é uma coisa que realmente dá certo quando eles tomam gosto pela coisa e vão em frente.

É difícil fazer eles tomarem gosto pela coisa. Deu o primeiro passo eles não param mais. É assim que eu os vejo. Como aquela criança que dá o primeiro passo e depois coitado da mãe e do pai que tem que ficar atrás.

Eu vejo isso, a maioria deles conseguiu o objetivo, mesmo que não tenha mudado de cargo, a mente abriu. "Nossa professora, minha mente abriu, parece que fez um ralo e é muito engraçado a forma como eles falam sobre isso. Eles mesmo colocam isso, que a condição de vida deles, o relacionamento com a família, os vizinhos, colegas profissionais.

É legal que a gente faz um trabalho que não é só de alfabetização não é só trabalhar o lado de conhecimento, mas é humanizar, socializar, chamar a atenção deles para coisas que acontecem, que as vezes tá lá preocupado em ganhar o dinheirinho e não tá vendo o que tá acontecendo as vezes com o colega ao seu lado, por exemplo.

Houveram alguns casos de alguns alunos que tomaram um lado obscuro que é contra a lei e eu até brincava: vocês estão querendo elitizar o crime organizado. Muitos deles conseguiram sair um pouco dessa linha, porque viram nos estudos uma oportunidade de crescer profissionalmente, de ganhar o seu dinheiro de uma forma honesta e não depender de fazer alguns delitos, algumas coisas, enfim... até pela própria segurança deles próprios e das famílias que a gente sabe que é um assunto meio complicado, delicado pra você ficar falando.

Alguns deles conseguiram se desvencilhar deste vício, digamos assim, estão numa boa. Hoje já tem a casinha, o carrinho, tudo fruto de um trabalho honesto. São várias coisas que a gente pode falar de benefícios que eles tiveram com os estudos e a mensagem que eu deixo é que: Conhecimento nunca é demais, independente de quem seja.

Nós tivemos, graças a Deus a oportunidade de fazermos boas faculdades, não sei no seu caso, mas eu fiz 3, então eu tive uma boa oportunidade de estudo, uma boa chance de estudo,mas eu acho que é pouco, eu acho que a gente pode aprender muito mais. Como eu falo, a vida é um eterno aprendizado e a gente sempre tem condições de aprender e mais, não só numa determinado função, numa determinada área. Tem condição de aprender muito de várias coisas. Que seja um pouquinho de cada coisa. Independente de quem seja o conhecimento nunca é demais,é o que a gente leva com a gente no final das contas.

Através de conhecimento, você passa para outras pessoas, você vê no seu conhecimento aquilo que você ensinou as outras pessoas fazendo. Eu vejo por exemplo alguns alunos: as vezes eles tem filhos com alguma dificuldade na escola e não sabem ajudar e eu falo para trazer aqui e eu passo algumas orientações. Você vê a forma com que você ensina, o pai ensina o filho, o avô o neto e são coisas que eles levam e isso são coisas que dependendo conhecimento e eu acho que esse é o recado, aprender sempre que possível, aproveitar todas as oportunidades de aprender. (final da gravação)

Entrevista Tânia

Meu nome é Tânia Maria da Silva, tenho 28 anos e quando eu comecei a estudar minha vida melhorou bastante. Aprender mais coisas. Eu não sabia quase nada porque eu vim do interior e eu não estudei muito e aí eu vim aqui morar pra São Paulo, eu morava no interior, lá no Nordeste. Cheguei aqui, não sabia nada né. Comecei a estudar, a aprender as letras. Comecei a ler, escrever e tudo ficou mais fácil pra mim e comecei a trabalhar aqui, não aqui na empresa, mas com o mesmo pessoal é do mesmo dono, mesmo grupo.

Augusto: E o que que você faz hoje?

Hoje eu sou dona-do-lar né? Faz uns cinco anos que eu trabalhei e hoje sou dona-do-lar. Agora to fazendo um curso de culinária, aprendi bastante na escola.

Augusto: Como que era sua vida na escola?

Na escola era muito boa, aprendi muita coisa. Coisa que eu não sabia, tinha nome que eu não sabia falar. Letra, eu emendava uma letra na outra. Aí a professora me ensinou bastante. Ela tem muita paciência para ensinar o povo (risos).

Augusto: E o que mais? Depois que você fez a escola, você tá fazendo o curso de culinária...

Ah, eu quero me aplicar ainda mais né? Colocar um negócio pra mim.

Então me conta o que mais você tá aprendendo?

Então, agora to aprendendo sobre alimentação, as comidas que fazem bem, as que não faz para saúde né. Que é muito importante hoje em dia né. Quero virar uma cozinheira né. Graças a escola, que eu fiz, agradeço muito por essa chance. Minha patroa colocou eu lá, sem pagar nada.

Com quantos anos você entrou e que série?

Eu não sabia quase nada, tinha até a quarta série só. Aprendi bastante.

Só que eu me acidentei e não deu mais para continuar na escola. Não cheguei ainda a ter o diploma. Aí eu to querendo continuar, de novo, continuar a estudar de novo. Na própria escola.

E o que você espera....

Virar uma cozinheira de muito sucesso, montar um negócio para mim... para ajudar minha família. Minha família é muito pobre.

Quantas pessoas tem na sua família?

Nós somos em cinco. Minha mãe, meu pai e mais duas irmãs. Tudo separada (risos)

Que mais? Conta... você me contou que quer montar um negócio,

... que graças a escola eu desenvolvi né. Eu não sabia nada, vim do interior. Lá é completamente diferente os estudos de lá. Hoje em dia não, aqui é mais evoluído. sei lá, a formação do povo né.

E como que mudou no seu relacionamento com as pessoas?

Ficou mais claro, não sabia conversar, não sabia os nomes, as letras...

Augusto: começou a ter mais desenvoltura...

Comecei, sei lá, viver melhor, que você aprende cada dia mais né?

E como você ve esse aprendizado do dia que você parou de vir na escola?

Cada dia eu aprendo mais, eu vou passando assim vou lendo, né. Todos os nomes para mim são novidade. To lendo tudo já e escrevo direitinho também. Tomara que volte logo as escola (sic).

Você tem idéia de que curso, quando você consegue finalizar?

Eu acho que lá pro meio do ano dai eu consigo voltar e dar uma entrevista pra você melhor ainda. (risos)

Como que você busca as receitas que você faz? Você entra na internet? Você busca....

Não, eu compro aquelas revistinhas na banca de jornal, sobre alimentação, dieta, essas coisas e dai eu começo a ler , fazer as receitas. Consigo ler tudinho e depois passo pro meu caderno.é, eu escrevo. Pra mim tudo isso é muita novidade. Eu passo na banca de jornal, vejo uma receita diferente, já levo. Dai já vou passando para o meu caderno. vejo uma coisa diferente...

E você já vende alguma coisa?

Não, não. Ainda não to só nos testes.

E você pretende fazer isso?

Pretendo.

E o que você mais gosta de fazer?

Ah, eu adoro fazer comida. Cosia de massa. Só não gosto muito de doce. Não sou muito chegada não.

E você cozinha pra família, pros seus amigos?

Ah, cozinho para eles, pra minha patroa, prima da dona Beatriz. Eu faço comida para ela. Ela gosta muito. Faço alimentação saudável pra ela.

E como que é lá? Como que é o relacionamento com os outros empregados?

Lá na casa sou só eu de empregada. moram ela e o filho dela, ela é viúva.

Ela até fala de pagar curso pra mim, fala que cozinho muito bem.

Falo que vou montar um restaurante e ela fala que vai me ajudar. Fala que vai pagar curso para eu fazer, que eu gostar. Falei tá bom!

Agora ta muito bom, bem claro, melhorou bastante.

Qual que é teu sonho?

Meu sonho é montar um restaurante, montar um negocinho né? Sai , não ser só empregada, quero ter uma coisa minha. meu sonho é esse, tomara que tenha muito sucesso né?

Que mais?

Ai , não aguento mais não. (risos).

Com quantos anos você começou aqui na escola?

Eu tinha uns 19 anos. Estudei uns 4 anos com a Flávia.

Obrigado.

De nada.

Ano que vem você vem me entrevistar e vou ser uma micro empresária.

(risos)

Entrevista Raimundo dos Santos Souza

Meu nome é Raimundo e comecei a estudar aqui esse ano. A gente tem um pouco de dificuldade no serviço. As vezes você trabalha como zelador e chega uma correspondência e tem dificuldade.

A gente tenta aprender um pouquinho pra não ter dificuldades.

Meu filho ta na escola e tem dia que ele chega e pergunta pra mim: pai, você pode me ensinar essa lição?

Falei pra ele: ah, filho, seu pai quase não sabe. E naquilo eu me senti meio envergonhado de falar aquilo pra ele.

Ai, pedi pra um amigo meu ensinar ele e ele ensinou.

Ai meu amigo: porque que você não volta pra escola?

Eu disse: acho que não dá mais por causa da idade. E ele disse :o que é isso? Não importa a idade que você tenha, pra você aprender, não existe idade.

Ai a força que ele me deu, um dia ele foi lá em casa e perguntou se eu ia voltar e eu tava pensando. Dai minha esposa viu aqui na escola como que era e eu vim.

To gostando. A gente desenvolve, no relacionamento com as pessoas, acho que melhora bastante.

Há quantos anos você estava fora da escola?

Ah, eu fui à aula quando eu tinha 8 anos. Depois parei, dai voltei, com 10, 12 anos, mas ai, como é lá no Norte, tudo é mais difícil, com os pais trabalhando e a gente tendo que ajudar eles a trabalhar, acabei abandonando os estudos.

Ai, vim embora pra cá.

Com quantos anos?

Eu tinha 19 anos. To aqui e não voltei mais. Volto assim, pra passeio. Agora em janeiro eu fui. Fiquei lá uns 20 dias com meus pais. Sempre que a gente pode a gente vai, é muito bom lá.

Pra passear é ótimo, mas pra trabalhar. Lá não tem emprego. Ta muito difícil emprego lá.

Lá a gente trabalhava sempre no campo.

Agora aqui trabalho sempre com prédio. Já trabalhei como porteiro, na faxina, na limpeza, trabalhei a noite.

A noite não me dei pra trabalhar a noite.

E logo que você veio pra cá já consegui trabalhar nessa parte?

Primeiro eu trabalhei na limpeza. Depois de um ano, eu trabalhava em condomínio o zelador me colocou pra trabalhar na portaria. Ai foi demitido o vigia e ele me colocou. Fiquei 2 meses e pedi pra ele me voltar pra portaria porque eu não consegui. Me dava dor de cabeça, meus pés inchavam muito.

Agora to nesse prédio como zelador. Quinze anos como zelador. Entrei lá em setembro de 93 e to lá até hoje. É um prédio pequeno, tem 28 famílias, mas não tem outro funcionário, sou eu que faço tudo.

Ai eu to aqui, quero ver se aprendo um pouco e...

Me conta: Você começou a trabalhar, viu que tinha dificuldades e ai você descobriu essa necessidade de....

As vezes algum nome que a gente vê, que a gente não sabe... tenta e não consegue. Aí eu vi que seria muito bom eu voltar a estudar.

Graças a Deus a gente tá aqui, a professora disse que percebe que a gente tá evoluindo. Eu mesmo percebo.

Alguns nomes consegue já ler, tem mais continuidade. Até a comunicação com as pessoas, acho que melhora bastante.

Como que é, você falou do seu relacionamento em casa, um pouquinho, com seu filho. Conta um pouquinho e depois eu queria saber do relacionamento com os condôminos, fala um pouquinho.

Eu brinco bastante com eles. Meu filho tem 8 anos. Ele tá sempre me cobrando: pai vamos brincar, vamos fazer aquilo e como ele é sozinho... eu tenho um outro filho, mas lá no Nordeste...

Eu chego com lição, em vez de eu ensinar ele, ele que quer me ensinar.

Ai outro dia ele falou isso: pai, em vez de eu estar aprendendo, eu que to ensinando o senhor.

Falei: é filho, seu pai não teve a oportunidade de estudar igual você tá tendo. Mas se você tem a oportunidade de ensinar teu pai, é muito bom.

Tem alguma coisa que eu ensino ele na parte de contas, que tem um pouco mais de dificuldades matemática geralmente ele... e aí ele:

O que eu não sei o senhor ensina e o que o senhor não sabe eu ensino o senhor.

E nisso cresce o relacionamento entre vocês.

É. O dia que eu levo ele na escola e não desejo uma feliz aula, na hora que a mãe dele vai buscar ele, ele fala: Meu pai hoje não me desejou boa aula. Ele cobra.

Quando eu saio agora também, ele fala: Pai, tenha uma boa aula. Quando eu chego ele pergunta como é que foi a aula, como que não foi. Quer ver o que eu fiz. É muito bom.

Legal, que o senhor vira referência pra ele de luta, de esforço.

Eu sempre falo pra ele: filho, eu quero que você aprenda porque eu não quero que aconteça o que aconteceu comigo. Oportunidade você tem bastante de aprender e eu quero que você estude.

Ele tá muito bem. Eu converso com a professora dele e ele tá excelente.

Graças a Deus ele não me dá dor de cabeça com a professora.

Em casa, ele e a mãe, tem coisa que ele prefere a mãe, que as vezes eu brigo de chamar atenção, que eu vejo ele fazendo coisa errada, eu chamo a atenção dele. Dai ele fala que não gosta do pai.

Hoje mesmo ele derrubou o óculos, ai quebrou e ele falou: você vai falar pro meu pai e ele vai brigar comigo. Mas a mãe dele falou: mas eu tenho que falar pra ele, porque é ele que vai mandar arrumar.

Dai eu falei: ele não quebrou de propósito, mas infelizmente tem que mandar arrumar. Mas ele tem mais medo de falar as coisas pra mim do que pra mãe. A mãe é mais compreensiva, mais tolerante.

Eu falei pra ele agora, que a gente viajou pro Norte: olha filho, coisa que nunca vi meu pai fazer que eu fazia com ele. Meu pai nunca sentou comigo pra conversar, pra ter um diálogo, meu pai nunca fez isso.

Meu pai pegou o baralho e ficou conversando mais ele e eu só observando. Depois eu comentei: Nossa! Como as coisas mudam. e muda pra melhor.

Coisa que nunca meu pai fez com os filhos, ta fazendo com os netos: brincando, conversando. As coisas mudam muito.

E com sua esposa? Ela frequenta aqui?

Não. Ela estudou só até a sexta série. Ela até falou que podia voltar a estudar, mas agora ela não pode por causa do menino. Se eu saio e ela sai.... Vai deixar o filho crescer mais um pouco, pra poder deixar em casa sozinho... tem vontade de voltar a estudar.

E você gosta de ajudar ela? Também passa umas lições?

Ajudo mais na lida de casa. Tem uns amigos, uns parentes dela que tem mais é preconceito, acha que o homem não deve fazer isso. Eu acho que também não é assim. Eu ajudo bastante em casa. A gente divide: ela faz uma coisa, eu faço outra.

Eu por exemplo adoro cozinhar (augusto)

Ainda mais eu, mais eu que ela. Quando vai receber visita é mais eu que vou pra cozinha que ela. Meu filho gosta mais das comidas que eu falo do que da dela.

E você faz as receitas de cabeça ou consulta internet ou um caderninho lá.

Não. Mais de cabeça mesmo. A internet a gente ainda não tem.

A gente tem que comprar um computador pro menino, mas eu acho que ta muito cedo ainda. Dar um tempo ainda, quando ele tiver uns 9, 10 anos.

Igual a madrinha dele queria dar um celular pra ele e eu não aceitei. Eu acho que ele ainda ta muito pequeno pra ter celular, pra levar pra escola.

Na escola mesmo, quando tem reunião, fala que não quer. Não pode.

Eu sei que é muito gostoso coisa que acontece com a gente que.. falei pro meu pai que eu tava voltando a estudar ele disse: que bom!

Que nem meu pai, nunca frequentou uma sala de aula. Sabe ler e sabe escrever.

Por vontade própria, ele nunca foi pra uma sala de aula, ele lê bem, sabe escrever bem. Aprendeu por esforço próprio.

Ele falou que via uma notícia no jornal, tentava ler e sempre conseguia. Daí, ele foi sempre aprendendo.

E lá no condomínio que você trabalha, hoje você já consegue ver o destinatário da carta...

Já, a gente tinha dificuldade quando chegava correspondência de algum morador novo. A gente tem um livro lá que a gente pega os nomes dos moradores, aí a gente tem dificuldade, mas já melhorou bastante. Por que as vezes quando chegava correspondência...

Agora não, quando chega eu já sei, não precisa ta perguntando.

Eu tinha às vezes tinha vergonha de mim mesmo, pensava: a gente não saber ler uma coisa, a gente fica meio envergonhado.

As vezes a gente falava: fulano de tal esteve aqui e perguntavam porque não anotou recado. Não sabiam que a gente não sabia. Achava que eu sabia.

Mas eu sei que eu vou conseguir aprender bastante.

E hoje você consegue passar recado...

Tem muita coisa que ainda não. Eu tenho mais facilidade de ler do que de escrever. A professora mesmo falou que pra ler eu tenho mais facilidades.

Se é pra escrever, eu escrevo, mas copiando. Às vezes tem muitos nomes que uma letra eu ainda pulo, não consigo. As vezes to fazendo alguma coisa em casa e meu filho fala: pai, comeu uma letra aqui.

A professora falou que é normal, ta aprendendo. Que se soubesse mesmo, eu não estava lá. Mas eu sinto que melhorei bastante, que era.

Você tá há quanto tempo?

Aqui 1 ano.

Uma super evolução.

É.

E na hora do lazer? Você gosta de ler, gosta de jogar bola?

Eu até ia levar meu filho pra mostrar como é um estádio, mas é perigoso. Sou corintiano, mas ele é são paulino....

o que a gente tava falando mesmo?

Ah, do relacionamento com os condôminos, com os amigos....

Amigos até que eu tenho poucos. Eu tinha um grande amigo, mas ele mudou. Ele morava até no condomínio. Ele foi morar em Sorocaba. A gente sempre tava junto. Precisava de alguma coisa e ele tava ali. Ele me deu muita força. Muita coisa que eu não sabia ele me ensinou bastante.

E foi ele que te incentivou a vir pra cá?

Foi. Há uns 2 anos, 2 anos e meio, eu consegui comprar um imóvel, lá no condomínio mesmo, com incentivo dele. Se não fosse ele eu acho que eu não tinha comprado não.

Ele me deu muita força. Os documentos, eu não tinha conhecimento. E ele: não, eu vou atrás, eu tiro pra você. Nossa, nessa parte ele ajudou muito mesmo.

Eu sinto muita falta dele, porque ele foi embora e ele fala que não volta mais pra morar ai.

Eu precisava ir lá, esse ano, depois que ele mudou, não fui lá ainda. Ele já veio 2 vezes, mas não deu tempo.

Eu só tenho o domingo de folga. Não querem que eu trabalhe domingo.

Falam que trabalhando de domingo a gente ganha mais.

E o que você gosta de fazer na folga?

A maioria das vezes fico em casa.. Eu, a esposa e o filho. Quando não, a gente vai na casa de algum parente. Tem um irmão que mora ali na Teixeira da Silva, travessa da Paulista. Eu vou sempre lá. Eu vou mais lá do que ele vem aqui.

E como que você viu que a escola mudou esse relacionamento? Você acha que por estar conseguindo ler, conseguindo se expressar melhor, ajuda no relacionamento em si?

Em alguma coisa, a professora Dulce fala pra gente né. Eu acho que na parte da educação a gente aprende um pouco.

Tem coisa que, antes, algum morador falava e eu não gostava, eu já replicava. Agora eu já consigo ficar quieto. Já consigo ou vir e não responder, que às vezes acaba ficando um clima meio pesado.

Um ano e pouco eu tive uma discussão com um morador, ta certo que eu acho que ele tava errado, mas, muita gente falou que não devia ter feito aquilo, mas depois ele veio, pediu desculpas, mas com o tempo ficou chato.

Porque eu sempre to na portaria, quando não estou fazendo alguma coisa, fico lá e daí o condômino passa e fica chato.

Eu, muitas vezes, evitava de a gente se encontrar.

Agora, o relacionamento com esse morador voltou ao normal. Não te mais aquele clima.

Minha esposa fala: mas alguma coisa você tem que falar, que responder. Tem hora que não dá, a gente não tem sangue de barata não. Mas uma coisa eu sempre falo em casa. Minha es-

posa trabalha fora, as vezes ela chega e eu percebo que ela está meio alterada, agitada e ela consegue uma coisa, que eu não consigo, procuro não fazer.

Se eu tenho alguma coisa do serviço, eu não consigo levar pra casa. Procuro não levar e se alguma coisa aconteceu entre eu e ela eu procuro não levar pra o serviço.

Às vezes a própria síndica pergunta: você tá bem hoje? Ta com cara de chateado. Procuro falar: não, não é isso. Porque fica chato toda hora ficar tocando no assunto de casa no serviço. Não dá pra misturar as duas coisas. Acho que cada um é separado.

E você falou que gosta de ir na casa do seu irmão...

As vezes vou na casa do meu irmão, da tia da minha esposa...

E vocês vão de carro ou de ônibus?

De ônibus, a gente não tem carro.

E graças a escola, consegue ler o letreiro do ônibus...

Alguma coisa já sabia que minha esposa indicava pra mim...

.. mas ficava na dependência dela.

Ficava, mas agora não precisa. Ela mesmo percebe e fala que eu to melhorando cada vez mais.

Nos finais de semana eu sinto, quando vou na casa do meu irmão, quando vamos na casa da tia dela.

Eu tenho 2 irmãos: um irmão e uma irmã, mas minha irmã mora muito longe. Ela mora em Francisco Morato. As folgas dela não batem com as minhas. Às vezes ela vem em casa, de domingo, quando eu não to trabalhando.

Ela vem em casa, faz um almoço.

Domingo mesmo ela foi trabalhar e quando saiu ela passou em casa. Ela tava sem trabalhar, mas agora ela conseguiu. Ela trabalhava num lugar, num bingo, que ela ficou se acomodando, e eu falava pra ela: nesse lugar, se você sai de lá, não vale como experiência.

Quando ela trabalhava no bingo, ela pegava mais gorjeta do que o salário, então ficou difícil pra ela. Falava pra ela que quando ela arrumasse um emprego, que não ia ter tudo isso pra ela.

Hoje em dia é difícil essa coisa de gorjeta. Vi esses dias numa reportagem da Record falando disso, que vão lá em Brasília para ver essa coisa das pessoas pagarem 10% do serviço do garçom.....

Lá no Condomínio mesmo estavam falando pra fazer uma lista de Natal e eu falei que eu não faço. Eu quero é chegar no fim do mês e ter o meu salário. Agora ficar pedindo eu acho feio. Acho que se cada um tinha o bom senso ali de ajudar é diferente. Agora você se expor, pedindo num bilhete, não. Meu vizinho mesmo faz. Faz envelopinho e coloca na caixinha de cada um.

Tem muitos moradores lá mesmo que, a gente ajuda numa limpeza e depois chama pra tomar café, aí eu acho que é uma consideração da pessoa.

Antes, eu era meio assim, envergonhado. A pessoa chamava e eu falava que não queria e não ia. Agora o povo chama e eu vou.

Essa atitude de aceitar o café, a bolachinha, veio muito depois que você veio pra cá estudar? Isso ajudou bastante?

Não. Isso veio antes, mas na parte do estudo, alguma coisa, a conversar, a ter assunto. A minha própria esposa fala que quando começa a falar, não quer parar mais.

Eu acho bom conversar. Distrai. Também em casa foi ela e o menino. Ela foi à frente e ficou eu mais o menino. Comprei um dominó pra jogar com ele.

Ensinei jogar baralho também, que ele não sabia. Coloquei o baralho na mesa e mostrei como que é e depois que aprender a gente joga como tem que ser. Dominó a mesma coisa.

Agora a mãe dele, no aniversário dele, comprou um jogo pra ele, um playstation e eu não sei jogar aquilo e ele me ensina. Agora eu consigo mais ou menos já. Já consigo ganhar alguma coisa já e ele fala que eu to ficando muito esperto. Mas é muito bom.

A idade que ele ta, logo, eu falo pra ele que, eu ainda peço ele no colo, e falo que antes era mais fácil e pegar no colo, agora ta muito pesado.

Eu tenho um outro filho, no Norte, que vai fazer 22 anos.

E você tem contato com ele, conversa de vez em quando com ele?

Às vezes. É difícil, eu vi ele agora. Ele fica lá com a mãe dele, mas eu falei pra ele que se eu pudesse eu trazia ele pra cá. Onde eu moro o espaço é pouco e os moradores não aceitam ter mais uma pessoa.

Ele já ta um homem, 22 anos já.

Hoje, se fosse o caso, aceitaria, mas também o espaço que eu tenho não daria.

Agora meu filho sempre fala que queria mais um irmãozinho, mas infelizmente minha esposa não tem condições de ter mais filhos. O médico proibiu ela de ter filho, ela não pode, por causa da saúde dela. Ela tem pressão alta, esse meu filho a gravidez dela foi muito perigosa, de alto risco, tanto que o médico fez cesárea quando ela tinha 8 meses

Completo 8 meses e 1 semana de gestação e aí o médico fez cesárea. Porque não podia esperar mais. Caso esperasse um pouco mais colocaria a vida dela em risco.

Aí depois que terminou tudo e ela já tava de alta, o médico me chamou na sala dele e falou: ela não pode mais ter filho, de jeito nenhum. Ter filho pra ela é muito perigoso, na hora o médico tem que olhar pra vida ou de um ou de outro.

E ele não pode fazer a cirurgia depois do parto e ele falou que ela não pode estar tomando pílula de jeito nenhum.

Daí a solução foi que eu opinei pra mim fazer a cirurgia. Ai eu fiz. Eu fui no médico e o médico não queria fazer, falou que eu era muito novo. Depois de muita conversa com ele, peguei aquela tática, levei a ele a situação e ele acabou fazendo.

Eu falo pro meu filho que a gente tem que tomar consciência do que q gente tem. Tua mãe não pode ter mais filho. Falei pra ele que ele já tem, um outro irmão. Ela tem uma filha, inclusive ela mais ele vão viajar lá pro Norte que ela vai casar. Eu não vou porque minha férias não dá pra ir. Tirei férias em janeiro, não dá pra tirar férias agora. Falei pra ela, vocês vão. Ela vai casar dia 28 de dezembro. Vai passar o Natal aqui e vai viajar.

Ela é do Recife e eu sou do Rio Grande do Norte.

Agora, quando a gente foi pra lá em janeiro, ela foi dia 22 de dezembro e Eu fui dia 5 de janeiro e nos encontramos lá. E depois fomos pra casa de meu pai.

Me fala uma coisa: Você falou que gosta muito de cozinhar. O que você gosta de fazer e como que é comprar os ingredientes?

Cozinhar? Em casa eu faço comida básica: arroz, feijão, peixe, assado no forno. Às vezes quando compra bacalhau, gosto de fazer desfiado. Às vezes uma costelinha de porco. Inclusive domingo eu fiz. Feijoada.

Agora de comprar as coisas, minha esposa não se preocupa de nada. Eu que faço mercado, se falta alguma coisa, eu que tenho que saber..

E você tem se dado bem com o supermercado? Conseguindo ver os preços, os produtos?

Eu sou meio exigente com as coisas. Se eu vejo que ta um preço e chega no caixa é outro eu já reclamo.

As vezes chega em casa, compra alguma coisa, esses dias mesmo, eu comprei um pacote de macarrão Renata e cheguei em casa e tava cheio de bichinho. Fui ver a data de validade, tava dentro da data de validade, ia vencer ainda em janeiro, isso foi no mês de abril.

Ai eu peguei e liguei lá no número da embalagem...

O 0800...

A moça quis saber qual o mercado que eu comprei e eu falei. Ela falou que em 2 dias fazia a troca.

Achei que não. Pensei, daí chegou uma moça de moto em casa, eu não tava, minha esposa atendeu. Ela fez a troca do produto e ainda me deixou uma carta de agradecimento, se desculpendo do problema.

Outro dia foi no aniversário do meu filho, ela abriu a lata de doce, de brigadeiro, quando ela abriu eu não tava, daí eu liguei a Nestlé e reclamei do que tava acontecendo, que a lata tava toda mofada e tava dentro da validade.

Daí ela falou que no máximo em 5 dias eu receber via correio, que essa ai podia jogar fora. Sempre que eu vejo alguma coisa eu ligo e reclamo.

A minha esposa fala: tu não deixa por menos. Eu acho que se cada um, fizesse a coisa mudava. Outro dia mesmo eu mandei ela no mercado comprar um côco, quando partiu o côco, tava tudo estragado. Falei: vai lá no mercado e troca. Peguei e perguntei: cadê a nota?

Eu não faço compra num mercado só, que um sempre, não dá. Vou sempre num mercado diferente. Porque tem gente que vai num mercado e compra tudo aquilo que vai usar num mês. Eu não faço isso. Eu vou naquele, eu vejo que tem coisas que me interessa, que ta barato, eu compro, daí vou no outro e assim por diante.

As vezes, faltando 3, 4 dias pro pagamento eu já faço uma visita pra ver como estão os preços, se ta mais em conta. Tem mercado que já aceita você levar aquele folheto. As vezes eu levo pra casa o jornal, depois eu levo, mas na região aqui, só tem um que faz isso, é o Wal Mart.

Eu vou lá e levo o jornal as vezes pra comprar uma coisa só. Daí eu levo, eles dão o desconto, não precisa reclamar. Tem mercado que eu só compro coisa de urgência, porque eu que gosto de ir lá.

Tem mercado que é da mesma rede, mas que tem preço diferente, as vezes dá diferença de 1 real no quilo do pão, compensa gastar uns minutinhos e ir lá. Tem coisa que dá na mesma.

As vezes dá problema no mercado de ta passando um produto e ta marcando mais do que ta mostrando lá. Esses dias mesmo comprei 4 sabonetes e quando cheguei em casa falei pra minha esposa. Veio 6 unidades, chega em casa é tanta compra e vi que não tava certo e voltei lá. Falei pra ela: levei 4 unidades e aqui ta escrito que levei 6. Só levei 4 e inclusive estão aqui. Se você mandar alguém em casa ver, você vai ver que eu tenho igual a esse, mas de código de barras diferente. Comprei esse outro em outra rede de mercado. Comprei esse aqui hoje porque eu achei mais em conta e ela acabou fazendo a devolução.

Outro caso eu comprei um achocolatado, vi no jornal que tava em promoção e foi passar no caixa e tava o preço normal. Falaram que a promoção tinha acabado, mas no jornal tava escrito que a promoção valia até domingo e era sábado.

Eu vi que era funcionário novo e que ele não tava a par e pedi pra chamar alguém. Ai chamou o fiscal e o fiscal chegou e mostrou que tinha o desconto.

Já se é minha esposa, ela não ia perceber. Ela não percebe, ela deixa passar.

Eu falo pra ela que tem o telefone de atendimento ao consumidor e ela fala que demora, que eles não atendem, mas eu falo que eles são obrigados a atender.

A gente comprou uma sandália pro meu filho e ela começou a machucar, essa parte aqui do tornozelo feria. Ai ficou com trauma e não queria mais usar. Fazia uns 2 meses que tinha comprado a sandália e ele dizia que não queria mais usar a sandália porque machuca.

Ai a gente foi onde comprou a sandália, liguei lá no fabricante e a moça falou se tinha como mandar pelo correio. Mina esposa pegou o endereço e eu mandei. Isso foi uns 2 anos atrás. Ai ela falou que ia ficar em análise pra ver o que tava acontecendo.

Depois ela me ligou em casa e falou que em 15 dias eu ia receber a sandália de volta, uma outra sandália. Realmente a sandália que estava com ela estava com problema, então... o ma-

terial era muito áspero. Conforme o movimento que ele fazia, ela arranhava. Acabou fazendo aquelas feridazinhas no pé dele.

Daí minha esposa foi na loja e a loja não trocava porque a sandália tava usada. E como tinha usado não podia trocar. Cheguei no gerente da loja e falei: mas a sandália nem parece que foi usada, mas ele falou que não dava pra trocar.

Eles preferem perder o cliente e não trocar a sandália. Eu falei que tudo bem, que eu ia receber de alguma maneira. Foi daí que eu liguei, vi o telefone na caixa e acabaram trocando. Depois eu passei lá e falei: você não quis trocar, liguei no fabricante e ele trocou.

Eu tive um pouco de despesa, porque teve que mandar pelo correio, tudo mais, e pra minha surpresa pediram o número da minha conta pra depositar. Eu não esperava que eles faziam isso.

E agora, o que você espera daqui pra frente? Fazendo as aulas, como você pretende estar?
Ah, eu pretendo... Agora a gente vai entrar de férias e a professora perguntou se a gente ia voltar ano que vem.

Com certeza. Eu falei pra ela vou voltar e agora eu não vou parar de estudar. Enquanto eu não conseguir não ter dificuldade nenhuma, eu não paro. Quero continuar, quero aprender tudo mesmo. Inclusive fazer um colegial, um supletivo, alguma coisa.

A minha cunhada começou assim. Ela não sabia nem ler, nem escrever. Ai quando eu falei pra ela que eu vinha pra cá ela falou: eu também comecei assim. Hoje ela trabalha como enfermeira. Ela não chegou a fazer a faculdade, mas fez o curso e tudo e ela graças a Deus ta trabalhando e graças aos estudos que ela conseguiu essa profissão. Porque antes ela trabalhava em casa de família. Aí ela falava: eu vou estudar e vou conseguir emprego mais justo. Ela falava não é que casa de família não seja trabalho digno, mas agora ela tem um emprego menos forçado que antes.

Augusto: um emprego que ela valorizou, que ela buscou, o sonho dela que ela conseguiu realizar, com os estudos.

A gente sem o estudo não vai. Falo pro meu filho que estudo é tudo na vida. Porque tudo depende do estudo. Se você vai procurar um emprego, tem que ter um currículo, preencher aquele currículo, se a pessoa não tem estudo, como é que faz?

Igual o caso da minha irmã. Ela é a mais estudada, é tímida, ela consegue emprego fácil, rápido, só não consegue mais rápido por causa da timidez dela, mas ela tem um bom estudo. Eu falo pra ela: minha irmã, com o estudo que você tem é pra dar valor a ele. Você tem estudo, você é uma moça que tem presença. Ela tem um bom estudo, coisa que na época eu e meu irmão não tivemos, mas que graças a Deus meu pai deu a ela.

Ela é irmã da gente, do terceiro casamento de meu pai, mas ela teve um bom estudo.

Agora ela conseguiu esse emprego. A gente via que ela tinha dificuldade por causa da timidez, ela já deixou de trabalhar em outros emprego. Ela foi trabalhar numa loja, de vendedora, trabalhou um mês e já saiu. A própria moça da loja falou que não dava pra ela. Vendedor tem que ter desenvoltura.

Tem vendedor que fala mais do que deve também.

As vezes eu chamo pra ir junto numa loja. Eu sou assim, eu vou numa loja, se eu gostei daquela loja eu passo a ir naquela loja.

Tem uma loja na cidade, essa loja chamada Camaleão, eu adoro ir lá, tem os vendedores já me conhecem. As vezes compro roupa lá, chego em casa, provo a roupa e vejo que não gostei, ligo pra eles e falo: dá pra trocar? Tem alguma coisa que não to gostando.

Porque roupa, se não dá pra provar, não compro. Eu tenho que chegar na loja e provar, antes de levar.

Eu provei umas camisas e falei, não me leve a mal, mas eu vim trocar. Teve um detalhe que não gostei e eles falam: tudo bem. Ai eu fui lá na loja e troquei. Porque você usar uma coisa que você não ta se sentindo bem, não dá. Eu não uso.

Pra deixar aquilo guardado porque foi uma lembrança não dá. E roupa tem que usar.

A gente compra as coisas, as vezes e manda goela abaixo não dá. Pegar uma roupa que acabou de comprar, guardar pra que? Não fica guardada. Vai que amanhã vou morrer e usei pouquinho.

O que tem é pra usar.

Só pra gente encerrar, qual é o teu sonho daqui pra frente? É conseguir se formar? Você quer, ou buscar uma colocação ou você quer uma ajuda pro teu filho? Como que....

Sonho mesmo, a minha esposa sempre fala.. eu meu único sonho mesmo é quando eu ficar bem velhinho, chega na hora de eu poder me aposentar e voltar pro Norte. Eu não queria ficar aqui. Eu sinto falta de onde a gente é nascido e criado, lidando com terra, plantação. Eu sinto muita falta disso. Então meu sonho é quando eu me aposentar é ir embora.

Eu falo a ela que se Deus quiser eu vou aprender, que pra colocar um negócio tem que saber ler, escrever bem pra ter facilidade de fazer uma conta. Eu quero aprender pra isso. Pra um dia eu ter um negocinho meu se Deus quiser.

Uma coisa que eu sempre queria era comprar um cantinho e graças a Deus a gente conseguiu comprar. To pagando ainda, comprei através de um financiamento, mas graças a Deus eu consegui na época um bom preço no imóvel, pelo valor que eu to pagando, ta dentro das condições. Eu acabei usando o fundo de garantia para poder ajudar. Hoje se fosse o caso, eu tava falando pro meu irmão ontem, ia ficar mais difícil.

Depois dessa crise ai, tudo ficou mais caro. Não daria pra comprar agora não. Meu irmão comprou comigo lá. Comprei um e ele comprou outro. Até falava pra ele se ele não queria comprar e ele falava que não. Ai minha cunhada tomou a frente e comprou, mas pela minha cunhada. Ai hoje ele vê que fez um bom negócio. O que eu comprei lá é uma kit, mas uma kit grande. Tem 46 metros. Então o preço que eu paguei naquele tempo, hoje ta valendo o dobro.

Esse rapaz que me alugou, ele sempre falava: porque que você não compra um imóvel. Eu dizia: pra quê que eu vou comprar e ele respondia: você esquece que hoje tem muito lançamento, muita novidade. Você tem um dinheirinho, uma reserva, ajunta que dá pra comprar.

Ai eu falava pra ele: Eduardo, eu tenho medo de dever. Eu tenho medo de ficar devendo, mas ele dizia: se não for assim, você nunca vai comprar. Se você ficar esperando você juntar, você junta mil hoje, daqui um ano o que valia mil, vale três. Você nunca vai alcançar aquilo. E ele tem razão.

Esses dias eu falei pra ele. Aquilo que você falava tem fundamento. Faz 2 anos e meio que a gente comprou. Hoje vale o dobro, você vê. Se eu não tivesse comprado, esse dinheiro eu não tinha juntado.

Foi umas das melhores coisas eu ter aberto conta. Agora, eu tenho 15 anos de trabalho lá, então to com 22 anos de trabalho. Para aposentar ainda precisa bastante. Acho que agora só com 35 anos de trabalho. To com 40 anos, tem que ter também uma idade mínima.

Augusto: ou é 35 de trabalho ou 65 de idade. Parece que andaram mudando. Agora eles colocaram isso também, mesmo que a pessoa tenha 35 anos de trabalho, tem que ter idade mínima, mas isso praticamente vai dar em cima.

Eu vou ter que esperar um pouquinho mais. Ele é mais velho do que eu, mas eu comecei a trabalhar mais cedo, então vou chegar antes que ele.

Eu falo pra minha esposa que eu quero avançar nos estudos e uma leitura melhor, um conhecimento melhor na leitura... eu queria outro emprego melhor, porque já deixei de ir trabalhar em outro emprego devido a leitura. Se eu tivesse a leitura eu tinha ido.

Hoje em dia eu estaria ganhando um pouquinho mais. Ganharia o dobro do que eu ganho lá, mas, como não tenho essa leitura, então... até falei pra ela, tem que ficar... eu aprendendo o que quero, eu saio, consigo um emprego melhor, porque o estudo traz o emprego.

Ela: ah, a gente tá acostumado aqui. Já é uma vida, meu filho nasceu aí, todo mundo conhece. Tem muito morador que eu não deixo ir pra casa deles, ir brincar. Chega a perguntar porque que eu não deixo?

Eu não gosto de misturar o trabalho e a vida pessoal. Se eu deixar o meu filho ir na casa do morador brincar e acontecer alguma coisa, como eu já vi em outros condomínios, eu já vi isso, ah, foi o filho do zelador que fez isso.

E geralmente não é.

Exatamente.

Prefiro que ele fique em casa. Vem amigo de fora pra brincar com ele, da escola, vem brincar mais ele. Esses dias uma menina do prédio disse: você deixa o Daniel brincar mais eu?

Falei: ele vai sair comigo. Depois viram o Daniel lá e falaram: mas não disse que ele ia sair com você?

A mãe dele que diz que não deixo brincar na casa de ninguém, digo que não é bem assim.

Tem hora que eu deixo, mas eu procuro evitar.

As vezes eu vou e jogo bola com ele pra agradar, mas é uma coisa que eu nunca gostei. Hoje em dia eu vou no parque, brincar com ele. Corro, jogo bola, mas só pra agradar a ele. Mas uma coisa que eu nunca gostei é jogar bola. Meu irmão não, a gente chegava da lavoura e ele já corria pro campinho de terra e já ia jogar. Fim de semana, eu sempre ia, mas ficava sempre vendo. Nunca gostei, não sei que gosto que tem ficar correndo atrás de uma bola.

Sempre gostei foi de brincar de um baralho, um dominó. Agora jogo de televisão eu gosto de assistir. Mas não sou assim um torcedor fanático.

Quando o Corinthians caiu, meu cunhado tinha ido almoçar em casa, domingo e meu cumpadre é palmeirense, meu filho, são paulino...meu Deus... juntou os 3...

Final (despedidas, etc)

Entrevista Laédio

Como você se chama?

Me chamo Laédio.

Laédio me conta um pouco da tua vida, de como você era quando era pequeno e porque você veio estudar de novo? E depois eu vou querer saber um pouco de como o estudo ta mudando a sua vida pra melhor.

Bom, minha vida antes, eu trabalhava muito, trabalhava no campo, meu pai sempre foi doente da hérnia né, operou e hoje ta bom.

Eu não estudei quando era pequeno, um pouco eu não tinha interesse e um pouco eu não tinha tempo. Nós morava em sítio, no Nordeste, no Ceará e meu trabalhava numa fazenda e fazenda ocupada muito a gente. Meu pai se ocupava com outras atividades e a gente tinha que lidar com gado, levar de um lado pra outro. A seca muito grande. Foi na época de 80, que foi a seca muito grande e a gente trabalhava muito. Meu pai trabalhava, minha mãe trabalhava no bolsão pra dar comida pra gente, 10 filhos.

Augusto: 10 filhos realmente é muita gente, muita incumbência...

Realmente, era muito sofrido. Esse foi o meu ponto de não estudar. Na adolescência e foi um pouco de falta de interesse. Para os professores lá no interiorzão, se a gente não tinha interesse, pra eles tanto fazia. Ai então eu não estudei. Depois eu sai da escola pra trabalhar. Cheguei em São Paulo muito novo, 16 anos e precisava trabalhar. E eu achava que só trabalhar era suficiente. Tinha um pouco de cerimônia, de receio, assim, de depois de velho, já um pouco adulto ir estudar. Um pouco de receio das pessoas acharem problema. E nada era fácil pra mim. Inclusive meu primo incentivou muito, eu não queria. Trabalho a noite.

E o que que você faz?

Trabalho num restaurante. Trabalho na Cardoso de Almeida, no restaurante Tivoli. Trabalhei lá desde muito tempo de quando eu cheguei e eu achava muito difícil. A gente ver uma coisa, a gente ver e não saber ler. De a gente ler uma coisa, a gente lê, mas não tem aquela decisão.

...ela realmente me empurrou, ela foi muito importante na minha vida. Eu sei que tem 2 filhos, que você vai sempre só pensar nos outros, tem que pensar em você também.

Dai eu fui estudar lá na Osvaldo Cruz, na faculdade, é na faculdade. Mas eu fui e me senti acanhado.

Quantos anos você tinha?

Quando eu fui pra lá eu tinha 28 anos.

Dai a gente estudava. Nossa professora era muito gente boa. Uma pessoa que foi uma mãe pra gente, Dona Dulce, e realmente aqui eu me sinto bem. Primeiro dia eu vim cá pra cá, foi difícil.

Pensei comigo, eu vou ficar, eu vou me acostumar. Você é um cara inteligente, só falta aprender um pouco.

E realmente, quando eu vim para a escola estudar, melhorou muito minha vida.

Eu ainda não aprendi muito ainda, por causa que é corrido pra mim, mas o que eu aprendi aqui valeu muito, até a convivência onde eu trabalho, o modo de eu me comunicar com as pessoas mudou.

Pera um pouquinho, você trabalha hoje... trabalhou bastante no Tivoli e hoje...

Trabalho em restaurante também, na rua Apiacás, é até engraçado, o restaurante é o Viralata e eu trabalho na cozinha, na parte de preparação e depois do almoço eu vou pra chama, lanches e eu aprendi muito... (parte inteligível)... era uma pessoa que sempre ajudava a gente.

E como que é seu dia-a-dia no trabalho? Como que era antes, se você tinha dificuldade.

Eu tive dificuldade porque eu lia, mas não tinha aquela certeza de como era a palavra. Se o pedido era aquele mesmo né.

Tinha um pouco de dificuldade agora já está melhor um pouco. Agora já dá pro pouco que eu leio, entender o que é.

AS vezes eu tenho dificuldade com uma letra, mas minha esposa vai e fala que é assim que se escreve assim... mas a convivência no meu trabalho melhorou. Com certeza a convivência com as pessoas melhorou, o jeito de falar.

Eu falava umas coisas muito erradas. Inclusive eu tive lá no Nordeste para visitar meu pai e minha mãe, 9 anos que eu não ia pra lá. E eu via as pessoas falando errado e dizia a eles que eu aprendi a falar tudo que eu falava antes. é muito bom e a gente vê e tem que respeitar....

Em São Paulo, você saber andar, porque aqui é difícil. No restaurante que eu trabalho, tem gente que chega de mau-humor, chego falo pra eles, eles falam que eu também chego de mau-humor e eu falo pra eles que realmente chego mas não desconto em ninguém. Falo pra ficar

num lugar calado, se a gente puder ajudar as pessoas, mas pessoas assim tem em todo restaurante. (parte confusa ininteligível) tem um amigo meu... ele é chefe, é inimigo dos outros, você acha que valeu a pena pra ele? Até agora ta valendo, mas você acha que depois...

Eu convivo mais no meu trabalho que coma minha família. Eu estudo aqui 2x por semana e toda vez que falta alguém aqui a gente tem que ficar, cobrir. Tem que ficar, vou fazer o que? E as coisas estão muito difíceis. E a conta continua vindo. Eu pago um aluguel um pouco caro, eu moro num kitchenete com minha esposa, é um cômodo, mas moro. Minha esposa trabalha, tenho um filho de 14 anos que já trabalha num clube, catando bolinha, mas trabalha.

Augusto: Ele já fica contente tendo o dinheirinho dele.

Já. Ele já tem o dinheirinho dele, já ajuda, já dá pra pagar os cursos dele. Já ajuda um pouco em casa. Isso é muito bom, eu só tenho a agradecer a Deus por isso. E a gente tem que fazer um pouco de esforço, se a gente faz um pouco de esforço....

Augusto: Me conta como foi esta história? De te trazer pra cá, de te convencer, a estudar, a estudar de volta?

Seguinte: ela estuda, vai a pé todo dia, passava em frente daqui e ela veio, disse que se fosse preciso me levaria até lá. Ela disse: você não é nenhuma criança mas eu vou te levar lá. Ficou fazendo jogo duro para eu aprender um pouco.

Primeiro ela veio, falou com a Dona Dulce, depois eu vim falei com ela. Dai eu vim o primeiro dia, o segundo, o terceiro, mas depois, a dona Dulce, é muito competente, dai o que acontece, e ela é uma pessoa muito boa também, e ela as vezes a gente fala "tchau senhora" e ela fala: pode chamar de você né.

(...) e ai dona Dulce veio e me disse: Laércio, você não vai largar isso ai, dai ela falou que ia me colocar onde ela estuda e seria pior pra mim. E eu ainda falei: eu não iria, não ia dar certo e ela disse: esse que é o mal seu, dizer que não sabe de nada, e desinteressado. Meu filho ajudou muito também.

Augusto: Ele hoje estuda?

Estuda. Estuda na mesma escola que minha esposa faz primeiro grau. Ela parou na quinta série. Eu conheci ela em 92...91 e ela veio para estudar também. Veio da Bahia. Era muito sofrido. Ela nasceu e se criou aqui, mas com 8 anos foi pra lá, os pais dela não tinham condi-

ções e depois voltou, com 16 anos. Dai eu conheci ela, eu tinha 17 e ela tinha 16. Ai ela ficou grávida e foi onde eu pejei pra arrumar uma casinha.

Augusto :E até hoje vocês vivem juntos...

Graças a Deus, a gente nunca casou, por enquanto tá bom, eu falo pra ela que tá bom assim.

Augusto: Na verdade vocês são casados. não é um pedaço de papel que.. Ela fala, que considera que ta casado.. olha prova os 2 filhos e realmente ela me ajudou muito. Ajudou não, ajuda. Ela trabalha, trabalha em casa de família, trabalha em salão de “cabeleleiro”. Dai ela foi trabalhar na casa da mesma mulher que é patroa dela, e já faz 6 anos que tá com eles.

E a vida da gente é assim: cheia de altos e baixos: tem dia que a gente desanima, a gente vive num mundo... a gente tem 2 filhos... a gente ve o povo, vive na rua, jogado e pára para pensar, acreditar e refletir que a nossa vida é muito boa.

Augusto:E em casa com teus "filhotes", eles te ajudam nas lições, vocês ajudam eles?

Minha filha eu já ajudo. Escrevo o alfabeto pra ela fazer, agora meu filho me ajuda. Ele fala pai: se eu falar tudo o senhor não vai aprender! Ele fala (risos). só mais essa, se a professora descobrir e eu falo: Não filho, eu só to perguntando pra você se a palavra tá certa e ele: pai, lê direito, pára para pensar. O senhor acha que tá certo? Acho que tá.. Então! Tá certa a palavra. Realmente, no começo ele me ajudava muito. E agora ele me ajuda pouco que ele quer que eu desenvolva mesmo. Ele ajuda.

Agora minha filha é mais brincalhona.

Ela tem quantos anos?

Quatro.

E ela fala: Aê pai... já o mais velho tem 14 anos. Mas a vida em casa é muito boa. a gente chega em casa com um pouco de problema. É, não problema, mas a gente trabalha, tem as responsabilidade. A gente não fez a lição, não fez aquele tipo de coisa que é errado. A gente vê fazendo coisas erradas e fingem que não viu. Agora o que dá pra gente consertar a gente conserta.

Agora quando é alguma coisa mais desgastante pra casa, a casa tem que saber...

Augusto: até porque vocês estão garantindo a sua sobrevivência.

É onde a gente ganha o pão e graças a Deus eu aprendi muito.

Quando era solteiro eu pensava: ah, não, eu vou pra casa da minha mãe, o que eu to fazendo aqui?

Ai quando eu chegava em casa, pra tomar m eu banho... eu sai do Nordeste, com uma mão na frente e outra atrás e se eu voltar para o Nordeste co,m uma mão na frente e outra atrás, sem nem uma roupinha... e eu tendo história pra contar e sem poder ajudar meus pais de maneira nenhuma. eu vou enfrentar a roça de novo? Não!

Eu vou parar mais um pouco. Primeira vez que eu vim pra cá eu tinha 16 anos, passei sem roupa. Eu tinha de 15 pra 16 anos e trabalhava num restaurante lá na Lapa, lavando pratos, panela sujas.

Dai eu voltei, decidi, passei 15 dias lá. Meu pai rinha cuidado da roça, tinha posto fogo, mas não queimou. Foram 2 dias de Sol quente, de água quente pra beber.

Parei pra pensar: eu sou uma pessoa muito jovem, vou procurar uma coisa melhor. Falei pro meu pai, nem falei pra minha mãe, o dinheirinho que eu levei ta guardado e falei pro meu pai: vou-me embora pai, amanhã mesmo eu vou embora. Eu achava e ele falava: mas primeiro fala pra tua mãe, ela não quer que você vá mais.

Eu falava: daqui a pouco vou conhecer uma pessoa, encher a coitada de filho, trabalhar na roça...

Não, eu sei que a vida é difícil por ai, mas eu vou embora. Ai foi aonde eu vim, peguei, falei com um primo meu, que Deus já levou, morreu numa explosão, gente muito boa. Ele realmente me ajudou muito. Me ajudou muito, foi uma pessoa muito boa comigo e a gente tem que agradecer né.

Ele morreu em, 98 ele morreu, numa explosão, triste né. tava lá no Nordeste.

Passei 3 anos lá com minha esposa, com um bar, que sofrimento, bar é..

O bar era seu...Era, montei um bar lá, passei 3 anos. Lá muito sofrimento e brigas né. Lá o pessoal não sabe brincar. É outra realidade. É uma experiência que eu não quero passar mais. Mas é uma coisa de quem precisa, a gente nunca pode falar que não vai fazer isso, mas foi uma experiência qu eu aprendi muito, ganhei muitos amigos também.

As pessoas que trabalham com oficina, muitos deles me conhecem, eu fui pra lá e até os carinhas que bagunçavam, me viram e falaram: Oh, você por aqui, até estranhei, os caras cheios de tatuagem e me chamavam e eu no meio desse pessoal que ficaram meus amigos. E o pessoal falava, vai ficar no meio desse pessoal.Não é porque vivem jogados que a gente vou abandonar né?

Augusto: E como você montou o seu negócio?

Eles me ajudaram muito. Eu só tenho a agradecer a Deus, eles me ajudaram muito. Esse tempo que eu vivi no Ceará eu corria muito. Corria pra mostrar, eles me ajudavam. As vezes minha esposa ficava lá. Naqueles horários que só tinha pessoas de bem que iam tomar uma cervejinha, até senhoras. ai eu saía.

Eu sofri um acidente, não morri por Deus. Porque se eu tivesse que morrer, teria morrido, moto né. Porque várias vezes minha moto capotou comigo. To aqui contando a historia. Eu só tenho que agradecer a Deus, Deus é muito na minha vida.

Às vezes, a gente fala umas coisas que não deve e depois pára para pensar é muito importante o ser humano respeitar o próximo e se a gente não puder ajudar o próximo e realmente, eu só tenho a agradecer a Deus. Pela minha vida. Minha filha, também chegou a adoecer.

A gente achava que ela tava com aquela doença, meningite, eu tava fora trabalhando e quando falaram meu mundo desabou. Depois eu acordei um pouquinho.

Quando eu cheguei em casa o telefone tocou e era pra falar que minha filha ia ser transferida. Dai o celular tocou e era minha esposa e falou: Laédio vem pegar a gente que a Beatriz ta de alta. Eu vivo pra agradecer a Deus.... muito importante.

Eu tenho um patrão também, tenho 2, um deles tem um coração muito bom. Já o outro é mais arrogante, meio ignorante, hoje por exemplo ele tava muito nervoso que queimou, quebrou um negócio lá e ele tava muito nervoso.

Falei pra ele, desculpa eu falar alguma coisa, o senhor é o dono, quem sou eu pra falar alguma coisa, mas você não acha pior pra você. Você vai quebrar outra coisa, o freguês ta aí, o que o freguês vai achar da gente. Que a casa, que ta bravo ai, não é assim. Falei pra ele, se não estiver gostando não leva a mal não.

Você pode me mandar embora e ele falou: Não, eu to precisando que as pessoas falem alguma coisa pra mim, parece que as pessoas têm medo. eu disse: Se eu tivesse medo de trabalhar aqui com vocês eu não trabalhava. Eu admiro muito você que é um lutador, falei pra ele. SE você que é o dono, que tem que tomar as atitudes, não tenho nada contra você. Só que o que você tá fazendo ta errado. Você vai ficar nervoso, vai se machucar, vai se cortar com uma coisa dessa ai. Ai ele foi tomar um café, fumar um cigarro lá fora. Ele voltou e eu falei que ele tinha parado pra pensar quanta coisa por ai, ai ele falou com o Diogo e tal, não tem jeito e tem a sociedade.

Mas eu gosto muito de trabalhar lá. Eu gosto da casa, eu gosto do que eu faço. Realmente aquilo que eu faço eu faço com amor e carinho. Se não eu vivia de mau-humor, minha vida é muito boa graças a Deus. E isso é o mais importante, eles me ajudam muito.

Augusto: Me conta um pouquinho mais da convivência aqui, da convivência do pessoal, do que você sente, do que você mudou?

Olha, eu mudei muito nas palavras né, que as palavras, tinha palavras que não era certo, é mudou muito, realmente me ajudou muito, tem me ajudado (trecho ininteligível - muita gente falando junto) e me ajudou.

... na família ajuda.

Por exemplo a gente vê os filhos da gente... meu pai não tem cultura, minha mãe também não tem cultura. meus irmãos não tem estudo e o que aprendeu foi lendo jornal, trabalhando, não foi muito, mas já hoje, os filhos dos parentes da gente, os sobrinhos já são mais desenvolvidos. Que pelo menos, os pais não tiveram estudos, mas o que a gente não teve pra gente, quer para os filhos.

O que eu não tive, meus filhos, se Deus quiser vão ter. Porque se eu tivesse estudo, muita coisa seria diferente. Eu já perdi gerência de casa, porque não tinha estudo. É uma responsabilidade que você tem que assinar as coisas, saber mexer em computador, saber mexer. Perdi muito emprego, que chegava lá não sabia preencher uma ficha. Nem meu endereço, nem os nomes dos meu filhos, nem de onde eu morava. E isso perde muito, por isso que fez eu vim pra escola. Eu perdi um serviço bom, os caras queriam que eu ficasse lá, mas não dava.

Me chamavam para eu ir pra outro lugar, eu sabia fazer o serviço, tudo, mas faltava algo que eu não podia mentir pras pessoas, não pode, é mais honesto, mais correto né?

A escola, foi uma época que eu fui ao banco abrir uma conta pra mim e eu tremia muito pra assinar meu nome, não menti. Eu ficava muito nervoso, porque eu sentia medo, eu tava num lugar que.. realmente me fazia muito mal.

E eu fui depois na Caixa Econômica Federal, depois de eu ter ido na Oswaldo Cruz e ela foi passando aquela confiança e falavam. Quando não souber alguma coisa, pode perguntar, é muito importante a gente ser realista, a não ter vergonha, cerimônia, pode perguntar, a gente tá aqui pra isso. Aí eu fui aprendendo. Eu aprendi um pouco, preciso aprender mais. Eu to interessado e não é porque to com 35 anos que eu... realmente agora eu fui decidido. Vou pegar o que eu tenho, que ta me fazendo bem. são pessoas boas. Ficava vivendo no bar, do lado

de pessoas que me levavam pro outro lado. Que se a gente também tiver esse tipo de cabeça a gente vai. Que eu já perdi muita coisa por isso. um fazia, a gente fazia.. o peixe morre pela boca.

E se a gente vai pela nossa cabeça, vai tudo certo. Eu aprendi muito. A escola ajuda muito. Que o que eu tenho hoje em dia, eu só tenho a agradecer a Deus. O moleque a gente ia ver se tava fazendo a lição, ele teve um pouco afastado da escola eu e a mãe dele trabalhando. Quando a gente foi cuidar viu que tava matando aula pra ir jogar futebol. Para a mãe foi a gota d'água, pra mim não foi, pra mim foi mais força pra eu chegar e ajudar meu filho. Se eu não ajudar meu filho, quem que vai ajudar? Ninguém né.

Então, se eu não puder ajudar ele desse jeito, que jeito que eu vou ajudar meu filho. E com isso eu e meu filho aprendemos um pouco. Meu filho ainda se agita um pouco. A mãe dele chega junto, chega mesmo.

Eu converso, levo ele pro campo, falo com ele, explico as coisas pra ele, tenho mais paciência. É melhor do que ficar gritando ou então xingar. É muito importante, as vezes eu já olho pra ele e ele já entende.

Eu falo pra ele: você quer que o pai seja ignorante com você? Você não quer. e ele fala: Não pai, eu não quero que o senhor seja ignorante comigo porque eu sei que o senhor vai se chatear mais do que eu. E iria mesmo.

E ele iria mesmo, porque ninguém nasceu pra viver de pancada. Meu pai só teve que bater uma vez em mim, agora minha mãe não, se eu não fosse puxar a água de um rio... mãe é mais mãe, mas nem por isso e fez muito eu entender eles. Eu não via eles fazia 9 anos e foi muito bom, muito emocionante chegar e ver os pais da gente.

Augusto: e você conseguiu, foi, conseguiu guardar um dinheirinho...

Fui. Realmente consegui. Minha esposa trabalha, meu filho trabalhando ajudou muito. Esse ano foi bom pra gente. Só tenho a agradecer. A gente conseguiu comprar um terreno na praia. Acabamos de pagar, pagamos parcelado, mas acabamos de pagar. Então, esse ano foi bom pra mim, eu queria, eu não tenho do que reclamar, só um pouco que um perrengue de quando minha filha adoeceu, que ninguém quer passar. Mas isso aí, Deus sabe o que faz e eu tenho que entregar nas mãos dele. E a gente não pode sentir mágoa de ninguém, sentir este tipo de ódio que só faz mal pra gente.

Se a gente ver uma coisa que não dá, a gente passa, vai embora. Igual minha esposa fala muito: a gente tem que ter mais cabeça ainda. Você sabe o quanto você perdeu por causa agitação sua, de ignorância. E a gente tem que falar a verdade, tem que ser realista, não pode mentir até porque mentira tem perna curta. E a mentira só voa enquanto a verdade não chega.

O pobre, a gente não é rico, mas graças a Deus e tenho orgulho do que eu tenho.

Augusto: E você gosta de fazer o que nas horas vagas?

Nas minhas horas vagas eu levo meus filhos no parque. As vezes ficam bravos, que queriam levar um amigo, gostam..

Tem um amigo, é primo da minha esposa, ele é uma pessoa que eu acho que ele é amigo de verdade. Nunca vi nada errado dele. É uma pessoa que não quer se aproveitar de ninguém. Eu sempre vou, ele tem um bar, no Jaçanã, as vezes eu vou, jogo sinuca mais ele. Mais de segunda-feira, que é um dia que tem menos movimento. Mas faz muitos dias que eu não jogo sinuca. Eu gosto de ir num bar, sair um pouco, ir na casa de minha irmã.

Que eu só tenho uma irmã que mora em casa de amigos. Tenho um irmão que mora em Guarulhos, mas é muito longe. Fui domingo lá agora, mas é muito longe. A gente chega lá já tá na hora de voltar pra trás.

Augusto: E vocês vão de ônibus?

A gente vai de ônibus. Mas nesse domingo eu fui mais minha irmã, que eles tem carro. Mas o marido dela trabalha em hospital e ele trabalha a noite e tinha que voltar para trabalhar, né.

E tinha jogo do São Paulo e chovendo e tinha que ir devagar.

Ontem ele me ligou se amanhã a gente queria ir pra lá e falei que não dava, que tenho que trabalhar. E a noite tenho que ir pra escola, meu ultimo dia de aula.

Augusto: E que time você torce?

Eu não sou torcedor fanático, torço pro São Paulo, mas eu não deixaria de lá por causa de jogo, usar camisa. Se estivesse em casa, tudo bem, mas na rua é muito perigoso. Eu já vi amigo meu ter tomada a camisa do Corinthians por torcida do Palmeiras.

Augusto: Ainda mais nessa região aqui....

Se eles mandam tirar, tira... porque foi de ele não tirar e eles rasgaram no corpo dele. Eles não fizeram nada, rasgaram e meu filho, eu não tenho convicção de levar ele em estádio, a mãe dele deixaria, fica com medo.

Eu falo: ele ta um rapaz, uma hora ele vai só, ele vai querer ir. Tem que ajudar seu filho, dar mais confiança pra ele. Falo pra ela, dar mais confiança, deixar ele sair um pouco. Um rapaz com 14 anos, vai fazer 15 agora dia 2 de janeiro e ele ta um rapaz, eu falo pra ela que tem que dar mais confiança pra ele.

A gente tem que dar mais confiança. Antes eu levava, a mãe ia buscar. Na escola, tudo, era aquela adrenalina, agora ele vai, volta, vai pro curso, volta, cuida da irmã dele.

Augusto: Ele vai criando uma cabeça, vai virando homem mesmo né?

Já , já, até no jeito de conversar a gente já percebe que muda.

A mãe dele fica preocupada o que vai ser do Alexandre e eu falo pra ela que a gente tem 2 sobrinhos que são terríveis. Tem 12 e 13 anos e a gente sabe. Domingo eles ligaram pra ver se o Alexandre podia ir com eles no Shopping e eles falaram: tio, deixa o Alexandre ir com a gente e eu perguntei se iam só os 2 e eles disseram que iam os amigos dele eu falei que não levassem a mal, mas não deixei.

Falei pra a mãe dele que nessa turma só o Alexandre tem cabeça e eu noto que quando ele sai com essa turminha ele se torna mais agressivo, quer responder mais a mãe dele, então.. eu deixei um dia desses ele ia "brincar" com os primos dele e a turminha tava lá e eu observei que ele tava um pouco agressivo.

Falei pra mãe dele evitar um pouco. Falei pra minha irmã, porque eu não tenho esse tipo de coisa, irmão você tem que a sinceridade é muito importante na vida. Falei pra minha irmã que ninguém me dá nada. Uma palavra que falam pra mim já é muita coisa e eu falo pra ela. A gente já passou momentos muito difíceis, mas ele (filho), é uma pessoa que ajuda muito a gente.

Ajuda e Deus ajudou muito a gente. Apareceu esse serviço e falaram que ele ia se cansar muito. Cansa não. Eu com 8 anos eu cortava capim pra dar comida a gado. Usava aquelas máquinas e enchia várias cocheiras. Mandacaru pra dar ao gado.

Eu passo a ele a vida que eu fui criado. Eu não estudei..

Augusto: E você vira exemplo pra ele.

Eu não estudei e falo pra ele. Um dia a gente tava no Nordeste e ele muito pequeno, a vó falava pra ele, ele lembra disso. Falava: seu pai não estudou não foi por falta de interesse. Um pouco foi, mas a gente trabalhando, seu pai trabalhando com o gado que trazia uma rendinha que ajudava a comprar farinha, que a gente passou tempos difíceis, que meu pai era doente.

Meu pai e minha mãe hoje é aposentado. Já ajudou muito, mas sempre a gente ajudava meus pais, minha esposa nunca falou nada.

E sempre entendeu isso ela contava histórias do pai e da mãe dela o sofrimento que era. Hoje os pais dela são separados. O pai dela mora na Bahia e a mãe ela em Peruíbe. Onde a gente pretende ir morar, futuramente. A gente pretende ir morar pra lá.

As vezes eu percebo ela, o pai dela bebe muito, é aposentado, bebe muito depois que separou da mãe dela. Em 2006 a gente foi visitar lá. Eu nunca tinha passeado lá na Bahia. Gostei de lá. Pessoas mais velhas lá e tem os novos que só querem se aproveitar, em todo lugar tem isso. O Nordeste ta muito violento, o pessoal não quer mais trabalhar. Na capital, um tirando a vida

do outro. Isso eu não quero nem saber do Nordeste. Ali é muita ignorância, muita ignorância mesmo. a gente ta conversando com uma pessoa, a pessoa ta com uma faca na cintura e a gente não sabe qual a intenção né?

Nem precisa falar nada, você já olhou um pouquinho diferente né? Já arruma confusão. Minha mãe diz que agora ta pior.

A vida da gente é um pouco sofrida, não vou mentir. A gente, com o acidente, por pouco não fico aleijado. Eu ia trabalhar pra tirar o sustento pra meu filho e minhas esposa, que a gente só tinha ele.

Dai minha esposa fala: ah, preciso ir ver minha mãe. Isso foi 2001, 2002. Falei, nós vai, mas a gente volta logo, que a gente tem que deixar no ponto, guardado e voltar logo.

Minhas coisas tava tudo pra lá. Agora há pouco tempo que eu fui vender que não dava pra cuidar, com problema no joelho... As vezes a gente pensa em voltar pra lá é meio triste.

Porque São Paulo é uma cidade muito boa, mas só Deus sabe. Eu vejo muita gente cair desempregado. E ai, futuro? Ir morar debaixo da ponte... é uma cidade boa, graças a Deus, muito acolhedora, eu vejo as pessoas.. mas não depende da gente.

Tem muita gente jogada na rua, mas muita gente que não quer saber de trabalhar também. Se envolve na cachaça, cara jovem, e tem os que passou dos 40 anos, esse é meu medo. Esse é meu medo, mas a gente tem que pensar positivo e fazer alguma coisinha. Que eu tenho medo de chegar aos 40 anos e não arrumar serviço.

Serviço é muito importante. Igual meu pai, tem 68 anos, meu pai trabalha na roça, tem a aposentadoria dele, mas meu pai come ganhando 12 reais por dia. Você ver qual dos meus irmão, mais novo, qual quer trabalhar. Meu pai é exemplo vivo, meu pai. Tem poucos reais de aposentadoria, não precisa mais trabalhar. Mas se você ficar em casa só, não vai dar certo. Falei com ele, briguei um pouco com ele, briguei assim... modo de falar...

Augusto: aconselhou...

É, tipo um conselho bravo: o senhor trabalha até meio-dia, passou meio-dia o senhor não precisa trabalhar. No Nordeste, é aquele solzão, a gente que é de outras regiões não agüenta não e ele fica lá trabalhando.

Meu pai não bebe, não fuma, não joga. A gente tem aquela coisa, toma uma cervejinha.. tem uns irmãos meus que bebe mais.. nós puxamos meu pai, sou a cara do meu pai e a gente fala

que meu pai não bebeu porque minha mãe não deixa, a gente fica zuando. E minha mãe não deixa e hoje eu sou esse homem e tenho minha irmã Conceição que meu pai criou com todo o amor do mundo.

E você falou que um dos seus sonhos é ir morar em Peruíbe....

É, nessa casinha que a gente tá construindo e eu pretendo colocar um negocinho meu. Colocar meu filho pra trabalhar, enquanto a gente se estabiliza pra ele continuar os estudos dele...

Meu sonho é por uma Casa do Norte, trabalhar com comida. Meu sonho é sempre trabalhar com essas coisas.

Aqui não dá pra gente sonhar com coisa da gente aqui porque o nosso dinheiro é muito pouco. Se a gente for colocar um negocio desse aqui é muito alto e muito concorrente e lá a gente não pagando aluguel já é um começo pra minha vida.

A gente tem esse sonho e as vezes esses sonhos a gente desanima um pouco, a gente cai, mas a gente sobrevive. As pessoas falam que Peruíbe é terra de temporada, sim, mas aqueles tempo de temporada a gente vai se virando, vai fazendo outras coisinhas...

Então, aqui a gente trabalha pra pagar aluguel. Realmente pra gente pagar 500 reais de aluguel numa kitchenete que não dá nem pra por 2 camas pra colocar as coisas, os filhos, como a gente gostaria. Como a gente sempre sonhou, como a gente sempre sonha, ver os filhos da gente, deitado no quartinho deles, a gente sempre sonha.

Isso faz a gente sonhar mais alto. E a gente junta o salário e a mãe dela ajuda muito e ajuda e não é conversa.

Augusto: E como você acha que a escola e todos estes ensinamentos, que você vai continuar, isso vai te ajudar?

Vai. É pensando nisso que eu estou estudando hoje. Que é importante pra gente conhecer um nome, um número que é importante pra gente hoje. Que pra assinar um papel, que já assinei muito papel que não era pra eu assinar. Assinei papel em branco. Nesse lugar mesmo onde eu trabalho, tem um senhor, seu Paulo, Paulo Ortman e a gente trabalhou pra ele e assinou muito papel em branco e assinava pra ele. Inclusive o prédio onde a gente trabalha, é dele, desse homem. Ai a gente assinou esse papel em branco e eu me dei muito mal.

Chegou lá, nem precisou chegar lá, a gente sempre foi atrás, na justiça, porque a gente assinou papel em branco e o advogado tava conversando fizeram um acordinho, mas eu não, deixei pra lá e por isso hoje eu to lá.

As vezes a gente vai atrás de muito e consegue nada.

Eu trabalho lá até hoje e meus patrão confia um pouco em mim.

Que tem que confiar nos patrão, porque tem de todo tipo de pessoa e por causa de uma ovelha ruim o rebanho e termina a gente ficando né... mas a gente assinou muito papel em branco.

É muito importante a gente pegar um papel, nem que seja saber ler um pouco, ler pé muito importante.

Augusto: E isso você já ta conseguindo fazer?

Ja to conseguindo fazer, pegar um papel pra assinar, meu holerith e já confiro o que eu to assinando.

Você nunca pode assinar um papel sem saber, você tem os seus direitos A nota fiscal que chega aqui, você não lê? Tem que ler, pra não receber mercadoria errada.

E quando chega mercadoria errada? Você consegue identificar?

Consigo. Quando a mercadoria não é a mercadoria que vem na nota eu ja consigo identificar e ver que o pedido não ta batendo, já me ajudou. No começo, eu sabia das letras, mas eu não podia juntar as letras e tinha que saber o que estava lendo pra escrever.

Bom, você trabalha na cozinha... literalmente, você gosta de cozinhar? Ou deixa pra esposa?

Eu, em casa já tenho preguiça. Em casa, quem faz a comida é minha esposa. Quando ela não tá, ela ta na escola, dai eu falo, mas nunca é igual a comida que nós faz. Não é.

Você gosta de pegar uma receita, de ler, de explicar pra ela? Eu as vezes pego e mostro pra ela, falo que é coisa gostosa, que ela devia fazer pra gente. Que ela faz tanta coisa gostosa, porque não faz essa para a gente? AS vezes eu vou ajudar ela.

Aos domingos é minha folga, dai um faz uma coisa, outro faz outra, os meninos querem brincar...assistir um desenho e é pequenininho, não tem espaço. Só eu que sou mais gordo, ela é mais magra, eu brinco com ela que... se ela acha que to ficando gordo e a gente vai ficando mais velho, vai engordando um pouco né?

Eu falo pra ela, não sou mais um garoto de 20, 20 e poucos anos né?Tenho 34 anos, eu falo pra ela né...

Mas me ajudou muito, na convivência, pra conversar com as pessoas. Ela ajuda muito, é importante, olhos nos olhos, é importante a gente conversar.

Antes da correria eu ia mais na igreja, agora eu vou "mais pouco", vou mais pra sair mesmo minha esposa fala muito da importância de a gente criar mais os filhos na igreja. Ouvindo a palavra de Deus, ouvindo coisas importantes. A gente que tem 2 filhos pra criar, levar na igreja, ouvir a palavra de Deus é muito importante.

As vezes os filhos a gente deixa , eles aprendem até no desenho hoje em dia. A gente fala: filha, o que você tá falando pro pai e ela. Não pai, é que no desenho.... Fala umas coisas, engraçadas, a gente fica olhando cismado né? É pequenininha, 4 anos.

As vezes eu penso que eu queria que ela não visse essas coisas mas é impossível. Eu só quero que ela cresça, vire uma moça de bem, que faça o bem, quero um futuro melhor pra ela. É isso que eu sonho pra minha filha, criança hoje em dia é muito difícil deixar com alguém de confiança. É muito triste, é difícil não dá nem pra gente falar que fica revoltado, não dá.

Tem que pedir a Deus, para Ele tocar no coração das pessoas, pra gente amar mais as crianças. Que o futuro do mundo é as crianças. É o novo futuro.

Augusto - E você falou que não tem automóvel, anda de ônibus. Já consegue identificar um ônibus...

Consigo. Eu já conseguia com um pouco de dificuldade, tem uns ônibus que são mais difíceis, mas agora já está mais fácil. Já tá tudo mais fácil, eu identifico de longe.

A gente vai aprendendo muito. Quando eu chego aqui, sei identificar uma rua, onde que eu vou, qual endereço que eu vou né.

Eu já trabalhei de entregador, por aqui na região, fazia uma viagem, podia fazer mais, tem a caixinha, tem os 10% por aqui na região, podia estar chovendo, na época lá, pra ajudar um pouco no orçamento.

Não era casado ainda, morava numa pensão que eu sempre morei, morei 3 anos com um primo meu. Não quis vim pra vila, os outros vieram, eu não quis vim, eu tenho medo. Tenho medo de vila ainda, que vila a gente tem que saber viver muito aqui é mais fácil. AS pessoas não se incomodam tanto com a sua vida. Vila não, é uma "brigaiada". Quando eu vou pra casa do meu primo, que trabalha de taxista, mora lá no Jd. Peri Alto, quando eu vou eu vejo a situação. Ele mora numa viela, falam muito palavrão, mas ele mora lá porque precisa.

A gente morou uns tempos na vila, mas ficou uns 2 anos. Eu tenho uma casinha na vila, sem escritura, mas ajuda, o aluguelzinho ajuda a tirar pelo menos o aluguel daqui. Que lá quem toma conta é meu cunhado e quem mora lá é o cunhado do meu cunhado, que é casado... é tudo família. Então, se fosse pra pessoa desconhecida não daria certo. Lá a gente tem usocapião, depois de 5 anos, que falam né?

Tem anos que ele mora lá e é uma pessoa de bem. Eu me dou muito bem com a família da minha esposa. São em 3 irmãos, 1 mulher, minha esposa e meu cunhado. Só não tem muito tamanho, mas é um homem de palavra, pode acreditar no que ele fala.

Eu falo pra ele, tu não é muito grande, mas pelo menos tem palavra, rs.

Isso que é o mais importante, o homem ter palavra. Ele é trabalhador, trabalha em dois empregos.

Augusto: Me explica um negócio, essa história do seu menino de ouro, aqui, (risos)

A professora que fala, porque eu chego, fico num canto, fico calado, pelo jeito de eu querer aprender um pouco. É o que eu quero, eu tenho muito respeito por cada uma pessoa que convive com a gente, principalmente a professora Dulce, tem uma outra pessoa que eu esqueci o nome dela agora, mas são elas que são as pessoas de ouro. São pessoas que só querem ajudar o próximo e ajudam. Você vê a idade da Dona Dulce, e lutando e ajudando. E isso dá aquele orgulho e dá mais vontade de a gente vim. É muito bom, é muito gratificante esse retorno que a gente tem.

Eu sempre tive pessoas boas na minha vida, que me ajudaram, onde a gente morou. A gente mora em apartamento e a gente não conhece ninguém. A gente conhece o porteiro e cada pessoa que a gente toma elevador, são muito apegado a nossa filhinha, os mais jovens não, mas melhor a assim a gente cuidar da nossa vida e deixar a vida dos outros.

Quando a gente entra pra dentro de casa parece que não tem ninguém naquele prédio. Nenhum barulho no andar que a gente mora, moro no décimo.

Eu tenho medo de ir pra periferia ou pra vila, com medo, tem meu filho e eu tenho muito medo de periferia, ... ele tá na idade de mais ser influenciado, que ele cria o caráter dele (Augusto)

Eu já vi muitas mães chorarem as mortes dos filhos, jovens de 14, de 18 pra cá né.

É aquela dor, se envolve com coisa errada, mas é filho. Muita gente fala: um bandido morreu, mas pra mim não, não tenho nada contra ninguém, mas também não sou a favor destas coisas. Eles são muito cruel, não tem dó de ninguém,....

A pessoa, como é que eu vou querer uma coisa que não é minha né. Não é verdade. Não dá pra tirar coisas que não é da gente.

Por isso que a gente faz de tudo pelo trabalho, tirar o dinheiro honestamente. O que eu tenho, é meu, ou pouco ou muito, mas é meu.

Eu sei que eu to tranqüilo cuidando dos meus filhos dignamente. Sem querer nada de ninguém. Eu sei que aquele pouco, a gente não ta pegando nada de ninguém.

Muito triste né. Se cada um pensasse assim muito seqüestro, muita violência, não é fácil. Nunca ninguém viu um bandido aposentado, não é?

Tem uns caras que eu falo: não tem nada contra você, a gente é amigo de infância, criado junto, muitos já foram. Entraram, polícia mata mesmo, eu falo. Não é só a policia, os próprios caras que fazem as paradas junto mesmo. Eles matam eles mesmos. Eu sou contra muita coisa, seqüestro, isso acaba com a vida de um ser humano.

Tem coisas na vida que a gente passa que serve de exemplo, que a gente já passou muita coisa na vida, que a gente vê. Eu realmente, a gente tem que ter mais cabeça, tem que pensar mais, pensar mais positivo.

Eu falo pra minha esposa, pra entender, vocês falam que a vida ta melhorando que fica as vezes deprimido. Eu tenho 2 filhos, tenho que me preocupar, falo pra ela, eu tenho que me preocupar com o sustento deles, com a saúde, com a paz, que é muito difícil hoje em dia.

Os filhos vão para escola, hoje em dia os pais não sabem se o filho ta seguro na escola. A gente não sabe nem o que ta fazendo na escola. Eu vou lá de vez em quando na porta, ver se ta estudando, chego lá na porta. Falo tudo bem filho, ele fala, tudo bem pai.

Desde o dia que eu cheguei e ele não tava, tava jogando bola e o amigo dele encobriu, os próprios coleguinhas de aula dele "não, acho que ele tava com muita dor de barriga.." e foi pra casa e eu: "ah é, dor de barriga? Tudo bem. A coitada da professora nem abriu a boca pra falar nada. Ela ficou com medo de falar.

Cheguei em casa e perguntei se o Alexandre tinha chegado da escola e ela respondeu: você não tinha ido lá na escola, dar uma olhada? Fui, eu fui.

E ele chegou todo acanhado. O colega dele já tinha ligado no celular dele pra avisar que eu tinha passado lá. Ele tava meio estressado, ele não falou nada, mas eu vi que ele tava agitado. Chegou em casa com o boné dentro da bolsa, cabelo todo assanhado e eu falei: o que aconteceu filho?

Nisso, a mãe dele já olhou com uns "zóião" pra mim dai eu falei que não era brincadeira, falei pra ela. Falei pra ela pegar nossa filha, dar uma volta lá embaixo, dar uma volta lá no estacionamento, ela já entendeu.

Mãe sofre, eu já nem me preocupei. Meu filho tem solução. Se você não acredita em Deus, tem que ter isso em mente. Dai eu conversei com ele e, conversei pesado com ele mesmo e falei pra ele ir tomar um banho. Sua mãe vai chegar, vai ter a janta e todo mundo e eu quero saber que são seus amigos, com quem ta saindo, se os pais deles estão sabendo.

Não pai, não precisa disso. Eles querem saber, que os coitados dos outros pais nem estão sabendo que eles estão aprontando mais você.

Então tem o cabeça, que ta levando vocês pra matar aula.

Não pai, sou eu....

Dai eu fui ver, não era nada bom os amigos que ele tava saindo.

Depois fui levar ele várias vezes e chegavam e perguntavam pra ele:

Quem é esse aí?

É meu pai.

Você não vai lá com a gente?

Não ta vendo que eu to mais meu pai?

Hoje graças a Deus, eles passam, cumprimentam o Alexandre, mas pararam com isso. Que os moleques saiam para matar aula. Matar aula jogando futebol. Dai a gente já fica preocupado, o que rola, se rola droga, a gente tem muito medo né.

Eu confesso pra mim mesmo, que naquela hora eu só não.. olhei pra minha esposa, ela tava quase entregando os pontos, que bem as mães entregam. Se batalhar mais um pouquinho pelos filhos, chega lá. Só conversar direitinho e explicar para eles o que a gente quer pra eles de bom, a gente chega lá. Tem muitos pais que vem com ignorância, que chegam a expulsar os filhos e acabara virando uma coisa... é realmente muito difícil, minha esposa...

... se ele virar um marginal, quem vai querer ajudar?

Hoje em dia a gente tem até medo de mexer com jovem.

Meu filho trabalha, tem o menino que trabalha de caixa lá, que fica de brincadeira, tem cliente que não gosta... eu falo pra ele.

Mas é assim. Eu aprendi com o meu temperamento um pouco, eu aprendi com a escola. O primeiro mês que eu vim eu já aprendi a ter o jeito de conversar com as pessoas.

Entrevista Arnóbio

Meu nome é Arnóbio da Gama e eu só comecei a estudar mesmo, eu ia pra escola e chegava e desviava pra ir jogar bola. Coisa de criança, e quando eu fui ficando adulto no lugar que eu morava, o sistema de trabalho né...

Trabalhava onde?

Trabalhava na Bahia.

Então era meio difícil. Quando o cidadão, a gente vai crescendo e ouve falar em São Paulo....

Fiz 18 anos, tirei meus documentos e vim pra São Paulo e aqui, sem estudar é problema.

Eu perdi muita coisa por causa de estudo.

Eu arrumei um emprego. Trabalhei muito tempo em um emprego e...

Trabalhava em que?

Trabalhava em supermercado, mas já trabalhei em firma metalúrgica, mas demorei mais neste supermercado e lá exigiam estudo, mas como eu peguei logo o sistema de serviço, dava pra eu ficar por lá bastante tempo e nem pensei em estudar.

Dai eu sai desse serviço e ai eu fui perceber que o estudo fez muita falta.

Quantos anos você trabalhou nesse?

Eu entrei eu tinha 25 anos. Sai de lá com 36, por ai. E sempre sem estudo né.

E como que era? Você fazia o que?

Eu trabalhava mais na parte do estoque e o pouco de estudo que eu tenho, dava. Fazia lá um pouco, mas fazia muita falta, pra subir de cargo, essas coisas, exigia o estudo. E eu perdi, perdi as coisas por falta de estudo.

Depois sai dessa firma e fui procurar outro. Fui numa firma e pra entrar mesmo nesse firma só entrei porque foi um colega que me indicou e não precisei fazer nada, não precisei fazer ficha...

Quando eu entrei nessa outra firma eu já estava na escola.

Quando você entrou na escola, em que firma? Conta todos os detalhes?

Em 2005 eu comecei a estudar.

Você estava trabalhando numa empresa

É que eu sai, com um colega meu.

E depois dessa eu fui pra outra, essa que meu colega me levou né....

Mas lá onde eu estava, nessa firma, eu cuidava do estoque. Dai eu já estava estudando.

Você estudou até que idade? Até que série na Bahia e depois?

Na Bahia eu acho que cursei até a terceira série, nem completo.

Aqui quando eu comecei a estudar, fiz uma prova e eles foram avaliar de onde eu podia começar né?

Ta.

E eles avaliaram que eu tinha que começar da quarta série em diante.

E aí, o que que aconteceu lá na empresa?

AH, mudou bastante. Tinha muita coisa que eu não sabia fazer antes que eu consigo. Até mesmo ir em um banco, abrir conta, tirar dinheiro com cartão, coisa que eu não eu tirava, não conseguia tirar, chamava minha esposa. Hoje não precisa, hoje eu já faço.

E hoje faz o que?

Hoje eu to parado.

Mas na outra empresa que estava, fazia o que?

Eu trabalhava como prensista.

E como que conforme a escola foi mudando, como isso foi mudando com você, dentro da empresa?

Ah, muda muito. A escola muda muito. Praticamente na vida de uma pessoa, se quiser crescer, tem que ter estudo.

A escola, pra mim, mudou muito.

As vezes a gente reclama que não ta aprendendo, mas ta. A gente vai andando e vai vendo.

Muita dificuldade a gente tira de letra.

A esposa até que me ajudou.

E hoje, continua estudando?

Em qual série?

Na primeira. Primeiro colegial.

E o que você pretende fazer ao continuar os estudos?

Eu quero terminar né?: Terminar e fazer uns cursos. Porque tem bastante cursos.

Tem cursos ai que as empresas mesmo estão pedindo.

Tenho o fundamental completo né? Quero terminar e continuar

E pretende fazer faculdade?

Ah, mais pra frente, dizem que quanto mais a gente aprende, mais a gente tem dúvida.

E conta um pouquinho desta sua experiência neste último trabalho, como prensista?

Foi bom, pra mim foi bom.

Eu já tinha trabalhado lá, mas pra demorar um pouquinho mais lá foi muito importante.

Quantos anos você trabalhou lá?

Fiquei 3 anos e 2 meses.

E a própria escola ajudava, o próprio emprego ajudava, incentivava você a estudar?

A firma nem tanto, mas pelo que a firma paga pra gente a gente é obrigado a saber. Por exemplo, tem firma que que a ISO né? Então é muito importante a gente saber as exigências, porque às vezes chegam um fiscal, pede para gente ler um papel a gente tem que ler. E tinha gente lá que não sabia ler. Um dia, quando vinha o fiscal da ISO eles eram obrigados a ficar escondidos né.

Então, só fica ali quem sabe. Dentro da firma tem uma placa explicando isso e eles dão um papel.

Tem um relatório para assinar essas coisas e você chegar e pedir pra ler, cada um tá na sua máquina, na sua função. Mas se ele chegar e chamar outro você tem que ir. Não pode ir outro no lugar. Se ele pedir pra ler você vai ler e ele vai dizer se tá bom. Eles falam e você tem que ler. Geralmente todos passam por este processo.

E como isso foi mudando? Como você foi percebendo, através e do emprego e do estudo, como isso foi gerando pra você, essas suas facilidades novas de vida, que antes você não tinha...

É por isso que eu comecei a dar valor aos estudos, porque... nessa firma, quando a gente entra na firma a primeira coisa que eles passam pra gente é isso. Tem uma sala lá, uma lousa e começa dali e pra gente é bom.

Pra mim, antes, eu tive numa firma, o cara fez uma pergunta pra mim e eu não sabia.

E nessa não, quando o rapaz chegava, fazia as perguntas, ficou bem mais fácil

E como é tua vida hoje? Tua vida pessoal?

Boa.

Com os estudos mudou muito, melhorou bastante.

Como a gente tava falando antes, coisa de banco tinha que ficar chamando minha esposa. Hoje não, eu mexo com um cartão, 2 até 3 cartões. Hoje eu faço e antes eu tinha dificuldade. hoje pra mim tá normal isso aí, apesar dos estudos e tá melhorando.

E como que é teu relacionamento com a família, graças ao estudo?

Ah, muda muito, muda porque eu a eu tenho um filho também e ele tá na sétima série e eu acho que ele sabe mais do que eu.

Eu peço pra ele me ensinar umas coisas e ele fala que como é que eu vou te ensinar se você está no primeiro? Ele tem mais tempo né e eles estudam o ano todo e eu se for contar mesmo não dá nem 4 meses. Eu sei alguma coisa e tô aprendendo e ele.

E como que é isso de ele te ensinar e você ensinando ele? Conta algum caso.

É bom, porque às vezes tem algumas matérias que ele é melhor e tem as lições que tem desenhos e criança eu acho mais fácil, então eu chamo ele. Tem muitas coisas que eu chamo minha esposa e falo pra ela me ajudar, tem muita coisa que eu ainda não sei.

Mas eu não abuso muito dele e dela não. Se eles podem, me ajudam e fica até melhor.

Sua esposa ajuda você, ela já é formada?

Ela terminou os estudos já né.

E isso pra você é um grande incentivo de chegar?

E ela me dá muita força.

Se fosse depender só de mim acho que eu já tinha parado. A gente, na dificuldade, a primeira coisa que vem é parar. Mas ela me dá muita força. Ela fala que só vai parar quando terminar. às vezes na hora fica com raiva, mas depois, eu sei o que ela ta falando.

Quando eu to com dificuldade as vezes em uma matéria e eu chego e peço para ela me ensinar eu vejo que ela ta certa.É tranquila. Pega uns livros ela chega e ensina, e ela ta certa.

A gente aprende muito. Quanto mais lê, mais a gente aprende.

E você tem lido que tipo de livro?

Ah, eu fui mais na parte da ciência e do português que cai muito e é coisas simples, do dia-a-dia.

Conta alguma coisa do dia-a-dia que você vê e aplica? Que você passou a usar depois que começou a ler?

A gente também não lê tanto assim, mas pra encaixar, Português eu acho muito difícil.

As vezes o professor ensina uma coisa, não cai nada, se você não pega o livro...depois pega o livro e parece que quando a gente pega o livro é bem fácil a matéria que ele passou.

Mas, toda hora tem que revisar. Mas eu ja aplico muito as coisas, ainda to aprendendo. Tem muita coisa pra aprender.

E com teus amigos? Você falou de jogar bola?

Eu ja joguei. Eu parei, pode ser que eu ainda jogue, mas no momento...

Mas coms os amigos, o que vocês gostam de fazer nas horas de lazer?

Bom, eu deixei muito pra trás uns tipos de amizade que eu tinha antes. Eu ia pro campo e hoje, mais o que eu faço é ir pra igreja. Porque eu não tenho tempo né.

Eu não mais gosto de amizade assim , gosto pouco, agora é mais família mesmo. Mas ainda tem as amizades.

E você acha que mudou graças ao estudo o jeito com que você trata os verdadeiros amigos?

Eu acho que muda muito. Até o jeito da gente falar muda muito. E se a gente não tem o estudo, tudo que a gente tem é a ignorância né. O estudo explica mais como que a gente tem que agir e ensinando. AS vezes o pouco de estudo que a gente tem acaba passando pra alguém.

Pra quem você costuma passar, além dos filhos...

Por exemplo, que nem eu tava falando nessa firma que eu tava trabalhando que eu falei, tinha uns 2 lá que praticamente não sabia preencher. Todo material, tudo que se fazia naquela máquina a gente tinha que passar por escrito e eles não sabiam. a gente era obrigado, não era obrigado, mas o patrão falava que tinha que fazer. Então pra gente era bom ensinar.

E a pessoa cumprimentar a gente e agradecer como se a gente tivesse fazendo uma grande coisa pra ele. E não é, é coisa simples.

E como você se sentia ao ajudar as pessoas, ensinando?

Pra mim era importante, porque antes eu que não sabia né?

Alguém já tinha feito pra mim. Eu ja tinha pedido pra alguém fazer aquilo pra mim.

E quando a pessoa vinha pedir pra mim eu achava que eu ja tava esperto.

Agora eu já to fazendo pros outros o que outros faziam por mim.

Nessa parte eu achei muit bom,essa parte.

E o pessoa te reconhecia, você se sentia mais...

Sente mais valorizado né

Sente mais importante?

Conta mais um pouquinho, de outros exemplos em que você ajudava as pessoas, seja na empresa, seja no dia-a-dia, com a familia....

Bom, ajudar, de qualquer maneira que a gente ajudar alguém é bom né. Quando a gente ensina alguém e depois fala, nao depois te pago uma cerveja,isso fazia parte do serviço da gente, porque era o dono da firma que falava pra gente fazer isso pra eles assinarem e a gente não tava perdendo nada.

Porque eu acho ruim uma pessoa depender, pra pegar um ônibus, um trem, ter que pedir pra alguém, é ruim.

Eu achava ruim isso ai, ficava com vergonha.

Até uma rua, as vezes passa por uma rua e tem vergonha de perguntar pra alguém, chega até passar da rua.

Não que eu não soubesse ler os nomes, mas as vezes num lugar a gente tem vergonha de pedir pra pessoa e a pessoa ensina errado, tem gente que ensina errado né.

Passei muita dificuldade ne?

E como era sua reação, dessas dificuldades que você tinha? Você ficava frustrado?

Dava nervoso né. Acaba culpando alguém, acaba culpando a família né.

Antes, um tempo atrás eu pensava assim: Ah, foi meu pai que... mas depois que eu comecei a estudar eu vi, eu que quis que não era meu pai que me impedia de estudar, que era eu que, quando tive que me virar sozinho que vi que o estudo era muito importante.

Eu cheguei a pensar que eu não tinha aprendido a ler por causa do meu pai, da minha mãe que não colocou na escola.

Eles não sabem, nem ler nem escrever porque na época deles não tinha como redá muito difícil. Na minha época já era um pouco difícil. Mas aqui não, escola aqui tem em tudo quanto é canto.

E lá não tinha tempo. É a gente que tem que fazer o tempo.

Eu comecei na 4. série, já to no primeiro. Já faz um tempinho que eu to estudando.

Quanto tempo você já tá estudando?

Hum... 2005, já faz uns 4 anos já.

E isso tem crescido muito na sua vida. E o que você sonha pra tua vida?

Com o estudo?... Ah, com o estudo a gente vai melhorar bastante, porque muita coisa a gente não vai ficar pedindo pros outros. Como já tá acontecendo. Tem coisa que eu já não preciso tá pedindo pra pessoa fazer pra mim. E mais pro emprego, porque a gente precisa. As firmas pedem muito isso aí.

Você tem procurado emprego?

Procurô.

As reações têm sido positivas graças aos estudos?

Até agora não. Por que a gente vai entregando os currículos e vai esperando. Mas se a gente não estiver preparado para quando a firma chamar né, eu acho que a gente só tem a perder.

Você já perdeu muitas oportunidades por causa da falta de estudo?

Já.

E isso te fez cada vez mais....

E isso... vai fazer uma ficha numa firma, quando chega lá eles já pede: você tem que fazer isso, fazer aquilo. Ai você vê gente passando na tua frente porque você não sabe fazer aquilo né. Então você fica com aquilo, tem que estar preparado. Pelo menos pra isso, porque a turma pede até o segundo grau. Se você não sabe fazer, vai fazer uma ficha? Então isso pra mim ainda falta.

E você pretende concluir o mais rápido possível?

O mais rápido possível.

Agora conta pra mim que você falou que, das dificuldades de pegar o ônibus, de andar na rua.

Logo que eu cheguei aqui em São Paulo e outros amigos que eu conheci pegava ônibus pelo número. Pelo menos, se muda o número, você acaba pegando errado. Já aconteceu comigo de eu pegar ônibus errado de eu pegar ônibus assim. Ou as vezes, dependendo do lugar que você está, metrô Itaquera por exemplo, mas tem outros que servem, que faz um linha e naquela época pegava só um tipo né.

Tipo aquele circular, que roda o bairro inteiro antes de chegar, foi o que aconteceu comigo.

Hoje não, hoje eu já sei qual é o ônibus, tá escrito. Antes acontecia, de Itaquera e Itaquera não é só o metrô né.

E aí, como é que você tinha que se virar?

Não, pegava de volta.

Hoje tá melhor, não só por causa do estudo, mas também por causa do conhecimento também.

Ta bem mais fácil, nesta parte melhorou bastante. E a gente vai aprendendo e outras coisas, o estudo melhorou muito.

E em casa, com a esposa e tudo mais?

Ah, melhorou muito. Como eu te falei, muitas coisas relacionadas a isso eu pedia a ela. Hoje eu já consigo fazer sozinho.

As compras dos mês a gente faz junto, mas se precisar eu sei ir sozinho.

E que dificuldades você tem ainda hoje?

Não, eu ainda tenho dificuldades. Pra ler eu leio bastante, mas para escrever eu ainda tenho dificuldades.

E essa dificuldade ta melhorando.

Você tem buscado ajuda em casa, tem feito isso sozinho?

Busco ajuda em casa. Eu tenho mais dificuldade, ela me ajuda, fala pra eu ler, pra escrever... ela cobra bastante, porque os professores não cobram muito do aluno não. Mais fácil uma pessoa de casa cobrar. Porque eles passam lá, se a pessoa tá interessada eles ajudam, mas se não... você que se virem. Tem professor que explica, mas tem outros que não estão nem, aí não.

Pelo tempo que a gente vai na escola não dá pra aprender tudo.

Você tem que correr atrás em casa.

Augusto: Isso que é mais legal, pegar, ter incentivo em casa....

Se não tiver a pessoa não vai muito longe não.

Você tem algum fato que você gostaria de comentar, de ajuda, algum caso que te marcou? Que a família te puxou? Que nem a que você contou de ajudar os senhores no seu emprego... Tem alguma história dentro da sua família?

Alguma coisa que te lembre, ou teu filho te ajudando ou você ajudando teu filho?

Ele tem me ajudado muito, que as vezes.... semana passada eu peguei o resultado das provas... na escola mesmo eu sei que minha esposa me ajudou bastante.

Eu mais um outro rapaz, nós discutia a matéria, um dizia: eu acho que é essa; o outro acho que é aquela. Ai só acertou uma. Eu li todas e cheguei em casa e só pedi a opinião dela e na prova a gente tirou 9. Eu digo: Você que tirou.

Ela não queria fazer. Eu li todas e falei: acho que é essa.

Mas quem fez a prova: você ou ela?

Eu e ela, mais ela,(risos).

Por isso que eu acho, o que ela me fala, incentiva, isso é muito importante. Eu sei que por exemplo, eu penso assim, nessa matéria ela me ajudou bastante e outra vez eu já sei que eu tiro de letra isso ai. Eu pensava que seria difícil, mas depois eu tentava. Eu ficava na dúvida: se to certo, se não to e dava pra fazer. Isso ai que eu achei interessante. Eu fiquei com medo de errar. Ela lia e eu lia e achava que tava certo, se fosse por mim eu tinha errado bastante. Mas depois, lendo devagar, não dava pra errar tanto assim.

Então, o resultado foi seu. Ela ajudou você a estudar.

E isso tem acontecido com mais frequência ou tem diminuído?

Não, nesse semestre, foi só nesse semestre. No outro, como era a oitava, tava mais fácil. A não ser umas matemáticas que judiava bastante.

Qual era a sua dificuldade com matemática?

Eu tinha muita dificuldade com conta de dividir, agora multiplicar.. ela ensinava, brigava com ela e não tinha jeito. Eu tava com isso na cabeça das contas de somar e emprestar e não tinha jeito, não tinha como eu fazer essas contas. Ela ensinava e eu não aprendia. Dai pegou uma professora muito boa e no primeiro dia que ela explicou a conta, como é que tomava emprestado para fazer aquela conta e eu agradeci a ela, porque ela queria me ensinar a fazer a conta e eu não aprendia. Dai eu aprendi e ainda cheguei a brinquei com ela: faz aquela conta e você ensina como é que se faz e essa eu ja sei. Ela ficava ensinando e eu não aprendi, mas sei que de uma hora pra outra, ficou fácil.

E isso vem te ajudando. Hoje você consegue...

Consigo. Tem as dificuldades com a Matemática, que quanto mais vai passando, mais difícil ela vai ficando.

E que outras dificuldades que você tinha e que hoje você já não tem? Na tua vida mesmo.

Que você disse agora, ah, tinha muita dificuldade em Matemática. Tem mais alguma coisa que você gostava muito de fazer, mas tinha ou vergonha, ou não conseguia e que agora consegue ou já deu alguma mudança?

Tem. A gente não sabia assinar, por exemplo, ia num banco, tem que preencher algum formulário. Antes eu não sabia ou tinha que alguém que soubesse ir comigo. Hoje não, eu vou só. Consigo entender. Por exemplo, tem um papel pra colocar ali os meus dados e eu não preciso mais da ajuda de ninguém pra fazer isso aí.

E que mais?

Antes, eu tinha dificuldade para tirar a carteira de motorista. Hoje ou você compra, tem lugar que vende ou você tira e eu consegui tirar, na raça.

Graças aos estudos, porque antes eu não conseguia, agora eu consegui.

E o que que o automóvel mudou na tua vida?

Eu não tenho carro ainda.

A carta, o que mudou com a carta?

Eu acho que só com o fato de eu mostrar, eu peguei faz poucos dias e eu estar com ela já é motivo de grande satisfação, porque eu pensava que eu não conseguia tirar.

Mas graças a Deus eu consegui.

E como foi fazer a prova de trânsito ali. Essa não foi tanto, pior foi fazer a prática. Essa daí eu fui lá 3 vezes, consegui tirar foi na quarta.

Pra mim foi uma grande vitória.

Era um sonho que você tinha?

Não era um sonho, mas a gente quiser ter um carro, quiser dirigir tem que ter a carta e de uns tempo pra cá passou a ser um sonho. Eu vou conseguir. Minha esposa dava força: vai que você consegue.

Quando eu comecei, eu achei difícil.

Aquele livrinho era um obstáculo?

Era. Aquele livrinho era obstáculo. Mas depois eu li tanto ele que eu acabei decorando. Ficou fácil por isso, mas as primeiras duas vezes que eu fui, eu fui reprovado. Reprovei 2 vezes o teórico, na terceira eu passei pra poder fazer a prática.

E como foi essa experiência de ser reprovado, mesmo sabendo que você estava estudando.

Reprovar. Tinha gente que eu sei que era muito mais inteligente que eu e que era reprovado. O livrinho tinha 31 questões e a gente tinha que acertar 29. A gente lia as questões e se ler pou-

co, não passa. Pode ser quem for, que a pessoa não sabe tudo. Tem que ler e decorar aqui ali, porque cai muito, cai muito daquilo ali.

Tem que ler e reler, porque nos primeiros dias eu via e achava fácil porque os outros falavam que era fácil, mas eu não estudei o suficiente para tirar a carta. Dai eu fui outra vez e não passei. Dai eu fui ver onde eu tava errando.

Coisa que eu sabia, que coisa que se eu errei 2 ou 3 questões era muito.

E não foi só por decorar o texto, foi por ter entendido... cada situação.

Não podia ser reprovado de novo, eu tinha que passar naquilo ali. Chega lá é 40 minutos que você tem pra acertar aquilo ali, senão você vai ter que ir lá de novo.

E ir lá de novo era um sofrimento pra você?

Tinha que pagar tudo de novo né, encarar aquela fila lá, aqueles 40 minutos lá, foi meio pesado, mas depois você vê mesmo que faltava era estudar. Qualquer um que for lá e não estudar, ele não vai passar. Tem coisa ali que as vezes a gente pensa que não cai no dia-a-dia e cai lá coisa assim. E pra mim isso foi uma grande vitória isso ai, foi por causa do estudo. Antes, se eu não tivesse ido pra escola eu não teria conseguido isso ai.

E a escola hoje tem papel fundamental na sua vida?

Isso foi resultado graças a escola, se não fosse a escola não tinha conseguido isso não.

Que outras coisas a escola te beneficiou?

Além disso ai, ta trazendo mais. Pra pegar um livro e ler ou pegar a bíblia E ler um trecho.

E o que mais? Me conta mais das coisas que você fazia dentro da empresa, estudando e das coisas que fazia em casa, estudando. Como que você tocava sua vida conciliando os 2.

Quando o tempo bate, sempre dá. Eu saia do serviço 5 horas então dava tempo de eu chegar em casa umas 6 horas, tomar um banho e ir pra escola. Dava.

Porque as vezes, tem muita gente, lá na minha escola que chega depois da segunda aula né por causa do trânsito ou do horário do serviço. AS pessoas perdem muito, tem que ficar pegando caderno dos outros. Comigo até agora não aconteceu não, os horários sempre bateram.

E você conseguia conciliar tudo pra não ficar tão ausente de um lado, tão ausente de outro?

Normal. A escola até pra uns se torna até um vicio. Se você não vai, perde muito. SE ficar em casa, falar: ah, eu não vou. Porque as vezes a gente falta, algum dia a gente ve que a gente perde. Eu mesmo falo mas a gente perde muito quando a gente falta, perde a matéria né? Tem que tá pegando caderno dos outro pra ta copiando e perde a explicação, porque eu acho que o melhor da escola é, além de ta escrevendo o que passam na lousa pé a explicação do professor. Se a gente perdeu aquilo dali, praticamente perdeu a aula toda.

E isso faz falta na hora de uma prova. O professor ainda dá uma canja pra gente, ele falam: isso aqui cai na prova. Falam e a gente vai pegando que nem tudo que eles passam na lousa cai numa prova. Mas o que eles falam, a explicação é muito importante.

E essa perda que você teve, essas dificuldades, isso foi atrapalhando a sua vida, a hora que sentiu que faltou.. Falta, porque a gente tem que ficar perguntando e não é todo colega que quer ajudar.

Você já dá o caderno e ainda perguntar: não, o que ele falou e....

Eu acho que a gente não faltando é bem melhor.

E que estas faltas atrapalharam na tua vida mesmo? Sabe, essa falta de matéria, que você acabou perdendo que, mesmo copiando, sem explicação, fica uma lacuna.

Fica até porque o professor, na hora de fechar a matéria, não é todas que a gente tem e ele cobra. Porque o professor não falta e ele sempre cobra. Por exemplo, a aula de tal dia, por que você não tem no caderno.

A gente vai explicar isso, não adianta. Tem professor que deixa passar porque eles também não podem atrasar o lado de ninguém né. E eles falam: quem perde é vocês e é a gente mesmo que perde. Eles tão lá. Tem uma professora de Biologia, toda aula dela é anotada, aula 1, aula 2, aula 3 e dai pra frente e ela olha o caderno e vela cobra essa aula. Tem que ver que é ruim a gente faltar, que ela cobra.

Tem professor que não cobra, mas o que cobra fala: por que você não tá com isso aqui? Ela quer que a gente aprenda, mas tem uns que não estão nem aí. Você sabe que não tem condições de passar e ele te passou.

E aí, como você fica, sabendo que não tem condição e, não sei se é seu caso ou de algum colega, você via dificuldade, você ajudava algum colega dentro da escola?

Ajuda. Na escola a gente sempre fica num grupinho. A gente faz um grupo, porque os trabalhos, sempre é ou em dupla ou em trio, essas coisas, tem umas 8, 9 pessoas, se é em dupla, se o trabalho é em grupo fica tudo envolvido ali. Passa pra um, passa pra outro, mas tudo ali né.

E você gostava de ajudar este grupinho? Eles te ajudavam?

Nós fazíamos junto. Fez bastante trabalho junto.

Você chegou a fazer algum trabalho sozinho que você passou pra eles?

Não. Nós sempre fazia junto, sobre a China, sobre o Brasil, pra não ficar ali sozinho, tinha uns que queria fazer sozinho. Tinha a letra bonita e falava: Deixa que eu faço. Não, cada um escrevia um pouco. E das oito folha que tem lá pra escrever, se é dupla, cada um escreve 4 e o professor vê, tem experiência. Tem gente lá que fez só, o trabalho sobre o Brasil. Trabalho de

maios de 15 folhas e a pessoa fez sozinha e ta em 4 no grupo. E o professor mesmo falou: você fez o trabalho sozinho e os outros vão ganhar nota? Ganhar vão ganhar. Eles puseram o nome.

Eu fiz minha parte, mas todos trabalhavam, cada um fazia um pouco. E fica lá e o professor sabe que cada um fez um pouco.

E esses trabalhos ajudam a ter conhecimento geral.

É, esses trabalhos ajudam bastante. Principalmente estes que a gente tem que pesquisar.

E vocês pesquisam aonde?

Na internet, onde der pra pesquisar.

E você mexe na internet?

Não, eu peço pra alguém

E como que é?

A gente pega o tema que o professor pediu e fuça. Pega o que o professor pediu e vai passando pro caderno.

E que trabalho que você mais gostou de fazer?

Foi de Geografia. Por que primeiro nós pesquisou o país, a China, na época das Olimpíadas e agora do país chamado Brasil né. Tem muita coisa né, só pesquisando pra ver o tanto que tem.

E o que que você aprendeu?

A gente aprende dos países muitas coisas. dos lugares, daí eu gostei muito.

Você descobriu bastante coisa?

Sim. Se a gente discutir esse assunto vai longe. A gente não decora, mas....

Quanto tempo vocês ficam discutindo, não brigando, risos...

Nós pegamos o resumo e ficamos lendo, discutindo quem ia fazer cada coisa. Cada um pegou uma parte pra fazer e depois discutimos que parte ficou melhor. Todas saem boas. Tem que sair bom. Eu acho importante fazer a pesquisa, porque uma pessoa só fazer é ruim. Agora 2, 3 pessoas fazendo fica até fácil.

Porque se eu fiz as planícies, outros fez outras parte, todos tem que ler, todos participam.

Bom, vamos voltar no assunto que você falou, nas tuas horas vagas, que falou que vai pra igreja, que participa do grupo de leitura da bíblia...

Conta pra mim como que era antes de você de você estudar, como é agora, como isso mudou sua vida dentro da igreja?

Mudou e ta mudando.

Conta como que era antes e foi mudando, passo a passo?

Quando eu entrei na igreja, ta tava estudando. A gente lia alguma coisa, até hoje ainda lê um pouquinho.

Na igreja a gente sempre louva, ta louvando e le uma apostila e por causa da hora do louvor, a gente tem que ver onde tá né e ficar lendo aquilo.

Antes, eu não tinha como ficar lendo isso ai. Hoje a gente lê uma palavra, eu já consigo ler e hoje to tirando quase de letra isso ai. Acho que do que eu sabia antes e sei hoje , eu tiro de letra né.Quanto a isso, é muito importante para mim.

E hoje você consegue ajudar teus colegas e...

Já, nós tira dúvida.

E como que é isso? De tirar dúvida, é bom pra você, você se sente bem fazendo isso?

Ah, eu me sinto bem. Tem mais gente também que começou a vir na escola e que não sabia também o que sabe hoje.

Eu já sabia um pouco, mas hoje eu vejo, quando a gente ta na escola e tem que ler uma parte e a gente sente dificuldade de um pra outro. Eu vejo as pessoas com aquela dificuldade e eu sei como eu era antes. Eu tenho dificuldade, mas eu se que a cada leitura que eu faço eu to melhorando mais um pouco.

E você já consegue falar lá na frente?

Ainda não me chamaram.(risos).

Já dá pra falar umas palavras.

Falar sem timidez?

Dá.

Você acha que a escola também te ajudou a ficar menos tímido?

Ajudou e ta ajudando. Mudou bastante

Você tem algum caso que você consegue falar? Que você não conseguia fazer antes, graças a escola, tanto na escola bíblica quanto na escola comum?

tem na própria escola mesmo.

Tem professor antes, eles vão passando que passa um livro e cada um tem que ler uma parte. E nos primeiros dias eu tinha que ler, que eu ia pra escola e não conseguia, eu ficava até nervoso. Eu falei pra professora que eu nao queria e ela perguntou porque e eu falei que não queria e ela incentivou, falou que eu tinha todo o tempo do mundo e que eu ia ler.

Então toda semana a gente lia. Uma aula era só pra isso. Todo mundo lia uma parte, todo mundo tinha que ler uma frase o outra.

A partir dai a gente fica sabendo que a leitura também é muito importante e não é tão difícil.

Nem que a gente conseguisse uma linha só, mas a professora insistiu que a gente lesse.

Dai tremia tudo né, livro caia da mão.

Mas depois mudou muita coisa.

E isso você enxerga como uma coisa muito mais gostosa de se fazer.

É, com a leitura, você pega um livro e eu não consigo pegar e ler um capítulo ou dois e deicr lá, não eu peguei pra ler a vida toda. Você com a leitura, quanto mais você lê é sinal que ta deixando de fazer outras coisas. Quanto mais a gente lê, mais dá vontade de a gente ler. Dependendo do que você ta lendo, claro.

Eu sei que eu não sou daqueles que ficam pegando o livro pra ler, mas quando eu pego um pra ler eu vou até quanto eu puder. Enquanto eu não pegar e terminar ele eu não páro.

E além da Bíblia, que outro livro o senhor se interessa em ler.

Ah, eu me interesso em qualquer livro. Nem presto muita atenção. Mas de um tempos pra cá que eu tenho lido mais mesmo é a Bíblia.

E hoje já consegue entender os versículos, cada carta consegue falar?

Um pouquinho, mas dá.

E consegue entender o que cada um fala.

E isso você acha de grande valia. Consegue aplicar já no seu dia-a-dia, entender.

O que que isso muda na tua vida? De aplicar esses conceitos, que sao universais, de todo mundo...

É, não só a bíblia. Eu acho que a bíblia é um dos livros mais importantes, mas tem muitos outros livros que a gente precisa ler também. E tudo que a gente lê ou fica pra você mesmo ou um dia você vai ter que passar pra alguém, porque tudo que a gente lê é importante.

Eu acho bastante interessante a Bíblia porque uma palavra que sai dali você pode falar bastante.

E você já falar isso pra sua família, pro teu filho, já consegue discutir com ele essa palavra?

Como que é esse relacionamento bíblico.

É, porque, a minha esposa participa também e se por exemplo, nós sabe a palavra né, se vem falando alguma coisa que ta diferente da palavra, ela já me corrige. E nós tem um filho que participa também, mas ele não ta nem ai, ele não ta bem ligado. Ele ja conhece, mas ele não está com nós estamos. A gente presta bastante atenção nisso ai. pra poder falar pra ele: olhe, você está errado.

E vocês conseguem já direcionar, graças a essas leituras que vocês estão tendo? Orientá-lo da melhor forma possível?

E isso veio graças ao estudo que o senhor ta tendo.

É, porque se fosse só pra pessoa fala, mas é importante a gente entender a palavra da igreja pra gente.

A gente lê bastante. A gente vê onde tá o erro, não é nem erro, é ver como a gente tá agindo com a gente e as outras pessoas. E isso pra gente tem ensinado bastante.

Fora sua família, você consegue passar essas suas experiências bíblicas para outras pessoas?

Seja pra família, seja pros amigos

Eu discuto, mas dependendo do lugar onde você tá. por exemplo, no meio de muitos amigos, que eu já frequentei bar, se eu for falar essas coisas para eles, eles vão querer me bater. Mas no meio dessas pessoas que vão na igreja, se a gente começa a falar de Deus, é muito bom, viu.

E buscando cada vez mais novos conhecimentos. Deixa a gente mais forte né. Porque fala de Deus pra uma pessoa e a pessoa pega aquilo pra ele, então a gente sente mais forte.

Você tem algum caso que você lembra que é legal contar?

Tem até um rapaz que vinha aqui uma vez que ele já foi evangélico e ele saiu. Depois nós começamos a trabalhar juntos na mesma firma. Chamei ele pra ir um dia na igreja e tinha um cara junto comigo e ele queria ir num lugar, não vou falar o nome e ele queria brigar comigo de qualquer jeito. Ele queria ir e o outro ficava falando: não, esses lugares não presta e eu deixei pra eles decidir né.

Eu disse, bom, eu vou pra igreja. Se ele quiser ir, sabe o lugar onde eu moro e você vai. Isso foi numa sexta-feira e eu falei que se ele quiser ir no sábado, se quiser ir você vai lá em casa. Discutiu o cara quase me bateu porque eu tava chamando o outro pra ir pra igreja.

E eu: tá bom, cada um, cada um. Mas eu, ele sabia o que eu tava falando, e quando foi no outro dia eu nem ia pra igreja mais e de repente tocou a campainha aqui e era ele.

Vamo pra igreja? e eu falei pra ele: ah, mas vc vai mesmo? Falou: vou.

Dai eu me troquei e fomos nós 2 pra igreja, conversando. Eu fui, pensando no que eu tinha falado pra ele: porque você vai? e ele: você não me chamou?

ai eu também não falei mais nada porque eu tinha chamado e eu quis discutir e ele foi falando porque que saiu da igreja, essas coisas, mais por causa da família, que não queria.

Hoje eu não sei se ele ainda frequenta, eu falei pra ele: você tem que fazer o que.. era bom quando você ia pra igreja? ele tocava instrumento, acho que era violão que ele tocava e ele disse que era.

Isso ai que você tem que ver. Eu tô fazendo uma coisa que é bom pra mim e não interessa quem tá falando do meu lado e mais pra frente se é ruim ou se é bom, eu que tenho que ver.

Eu quando comecei a ir pra igreja, eu não sei se fui por brincadeira ou se fui porque via minha família ir também. Eu fui e gostei e to lá até hoje, graças a Deus e não pretendo sair.

Eu sei as pessoas que tem lá e como são os irmãos. É um lugar que eu nunca vi maldade. Dependendo do lugar que eu andava antes, ali eu sei que tinha maldade, mas hoje não.

Quando eu vou na igreja, eu sento, pode ser de costa, pode ser de frente que eu sei que do meu lado não tem ninguém tentando me fazer o mal eu sei que não tem, eu fico muito feliz.

Essa história de levar teu amigo, de convencer, de conversar, você tem outros exemplos, positivos ou negativos, acho que tudo isso constrói nossa vida, nosso caráter e tudo mais.

Eu tive uma época que eu tava meio afastado e se acontece alguma coisa ruim, eu pensava né. Eu buscava muito a Deus e pensava: será que foi errado estar aqui e pensava. Sabendo o que eu tava fazendo e hoje em dia eu sei que não estava errado. E que tudo que eu pedi, hoje eu tenho.

Eu não peço muita coisa não. Eu peço, eu tendo minha saúde e minha família, ta bom demais. E foi isso que eu pedi e hoje eu tenho tudo isso. Não vou dizer que tá de sobra, porque essas coisas não sobra, mas que pra mim ta bom.

Muita gente desiste. A gente buscando a Deus a gente chega lá.

Você conseguiria traçar um paralelo de como a escola se relaciona com essa busca a Deus. Ambos são caminhos que você percorre. Você consegue comparar uma com a outra?

Eu acho que eu ainda to comparando ainda. Eu quero crescer bastante na obra e eu acho que a escola vai me ajudar bastante nisso aí. Eu vou crescer na obra de Deus, não só na escola, individualmente, falar alguma coisa, mas tem que ter o estudo né.

Eu acho que o estudo ta me ajudando bastante nessa parte.

E qual o teu sonho daqui pra frente?

Meu sonho é melhorar. Como eu to estudando, eu quero ver se eu diminuo mais as dificuldades, pra trabalhar, dependendo do serviço que eu arrumar. Eu não quero ter essas dificuldades com papel, essas coisas ou ler.

Eu quero começar por aí.

Dependendo do serviço, pra mim, eu quero as dificuldades que eu tive antes. De assinar um papel ou ler, eu quero fazer minhas coisas. Quero melhorar nesse sentido.

Não quero ter que ficar pedindo pros outros.

Eu quero estudar pra isso, dependendo do serviço que a gente for, vai precisar do estudo. Mas tem outras coisas. Pra melhor eu quero partir do serviço.

Em casa, na igreja, eu quero que, pelo menos saber ler e escrever. Isso pra mim já ta sendo de grande importância pra mim.

E sabendo ler e escrever, o que você espera, tendo essas coisas? O que pode acontecer com você? O que você espera que aconteça sabendo ler e escrever?

Eu tendo isso já um pouco, eu tenho um pouco, né... eu aprendendo mais um pouco, acho que a dificuldade vai ser menos.

E isso vai te ajudando na sua vida, no seu trabalho, na sua casa, ...

Vai ajudando bastante.

Na igreja eu já sei que vai ajudar bastante. No trabalho também, em casa, no dia-a-dia.

E no trabalho, o que você mais gosta de fazer?

Hoje em dia depende do trabalho que a gente pega. Eu já trabalhei em 4, 5 serviços diferentes.

Já trabalhou em que?

Metalúrgica, supermercado... um monte de serviço... hoje em dia depende do que a gente pega.

Não tem aquela coisa de: vou trabalhar ali, que é meio difícil.

Se a gente achasse. Eu quero trabalhar naquilo e conseguisse...

E você conseguiu algum benefício, alguma promoção de cargo, você conseguiu cargos melhores do que você tinha antes, da mesma atividade que você fazia? Você conseguiu crescer dentro da empresa?

No mercado eu entrei ajudante como e depois fiquei como assistente de produção e depois fiquei até sair.

Nessa outra eu já entrei como prensista mesmo, e daí pra mudar é difícil. Tinha várias função lá, mas era operador de máquina.

Vai mudando, que de prensista tem A, B, C e vai mudando de A pra B pra C., mas continua como prensista. E você chegou até o C?

Lá eu não sei, se estivesse mudando, seria agora, seria pro mais alto. Como lá não tinha essa classificação né, fazia de tudo....

E você via que teus patrões reconheciam isso? Seja no mercado, seja como prensista... eles incentivavam cada vez mais você buscar isso?

Nas firma, nem tanto. Agora no mercado não. No mercado você muda de função. tem muitos setores, eu fazia muitas função. Trabalhava como promotor, tinha que ficar passando isso pros outros também.

E você se sentia dando o exemplo, nesse caso? Na época eu achava que tava com um cargo bom, mas não era. serve de aprendizado. Além de aprender a trabalhar, a gente aprende a lidar com o público.

Como era o relacionamento com o público? Antes e depois da escola?

Até quando eu tava no supermercado, eu não estava estudando. Mas mesmo assim a gente era obrigado a ter as aulas com eles lá. Como é que tratava o público, como tem que tratar as pessoas.

Inclusive eu fui em outro supermercado e fizeram as perguntas e eu já tinha passado por isso e eu sabia responder. Tinha umas pessoas lá que tinham dificuldade em atender o cliente. Deixar o cliente satisfeito. Quando entrar na loja, não pode perder o cliente de jeito nenhum.

Pra concluir: Você acha que esses estudos, que o próprio supermercado deu, mudou pra você?

Mudou, eu já sai de lá sabendo essas coisas, mas eu devia ter continuado, sabendo mais coisas.

Em qualquer lugar que você estiver e alguém estiver ensinando alguma coisa é bom aprender. Têm que aprender o máximo e o melhor possível. A gente sai e vai pra outro setor e vê que tudo que aprendeu é importante.

Eu, no meu caso se tivesse aprendido mais ainda tanto no mercado quanto nessa metalúrgica que eu tava teria sido bem melhor. tiver oportunidade de aprender, aprenda.

A educação em primeiro lugar. Se tivesse que resumir em poucas palavras educação: Se a pessoa tiver estudo e educação é melhor, mas se já tiver educação também é bom. Porque eu já conheci muita gente que tinha estudo, mas não tinha educação. Tendo o estudo e a educação ta bom demais.

Só pra terminar, você tem quantos anos hoje? 40.